

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

Roberta Abalen Dias

**INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR EM TURISMO**

Doutorado em Ciências Sociais

São Paulo  
2016

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

Roberta Abalen Dias

**INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR EM TURISMO**

Doutorado em Ciências Sociais

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Ciências Sociais – Sociologia, sob a orientação da Profa. Doutora Lucia Maria Machado Bógus.

São Paulo  
2016

Banca examinadora

---

---

---

---

---

*Aos meus grandes companheiros*

*Aquenaton e Augusto*

## AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida.

Ao meu marido Aqueaton e ao meu filho Augusto que me apoiaram em todo o percurso dessa jornada, compreenderam minhas ausências, além de servirem de estímulo e motivação nos momentos difíceis.

Aos meus pais e irmãos, meus eternos incentivadores, em especial minha irmã Renata que esteve ao meu lado em vários momentos dessa caminhada, tornando-a menos solitária.

A professora Lucia Maria Machado Bógus, minha orientadora, que com sabedoria, incansável estímulo e competência me mostrou os melhores caminhos a trilhar. Agradeço pelo aprendizado e atenção.

Aos professores do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP pelos valiosos ensinamentos.

Às professoras Clarissa Maria Rosa Gagliardi da USP e Marisa do Espírito Santo Borin da PUC-SP pelas valiosas contribuições dadas em minha banca de qualificação, pelo exemplo de inteligência, simplicidade e colaboração. Muito obrigada!

A professora Silvana Pirillo Ramos que intermediou o contato com professor Lluís Mundet para tutoria na Universidade de Girona, minha gratidão pela indicação e por sua preciosa companhia alguns dias pela província de Girona.

Ao professor tutor Lluís Mundet i Cerdan da Faculdade de Turismo da Universidade de Girona pela acolhida e pelas relevantes contribuições e orientações.

Ao CEFET-MG que proporcionou esta oportunidade à qualificação por meio do Doutorado Interinstitucional (DINTER) em Ciências Sociais da PUC-SP e pela concessão da bolsa sanduíche.

Aos coordenadores do programa DINTER, Vera Chaia representante da PUC-SP e Milney Chasin representante do CEFET-MG.

Aos meus colegas de programa pelo companheirismo, compartilhamento de conhecimentos, caronas, viagens, tantas idas e vindas compartilhando inquietações. Um obrigada especial para Luciano dos Santos Diniz, Sancha Lívia Resende e Cristiane de Castro e Almeida pela amizade conquistada.

A todos os interlocutores que disponibilizaram tempo e muito contribuíram para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Aos funcionários do programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC-SP em especial para Kátia pela atenção na vida acadêmica.

A professora Ana Paula Guimarães Santos de Oliveira pela disponibilidade e importante colaboração para minha pesquisa junto aos discentes do curso de Turismo da UFMG.

A todos os meus amigos, aos meus colegas turismólogos e aos meus colegas do CEFET-MG que de alguma forma, direta ou indiretamente contribuíram para a realização desse trabalho.

## RESUMO

DIAS, Roberta Abalen. *Internacionalização do Ensino Superior em Turismo*. Tese (doutorado) do Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2016.

O objetivo da tese é analisar a internacionalização do ensino superior nos cursos de turismo das instituições federais de Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais. Para obtenção dos dados foi realizada pesquisa qualitativa, de tipo exploratório, além de pesquisa documental e bibliográfica. O referencial se formou pela investigação teórica a respeito do turismo, universidades e internacionalização do ensino superior, verificando-se em seguida sua aplicação nas instituições de ensino de Belo Horizonte. Identificada a estrutura dos cursos de turismo, foram apontadas as parcerias internacionais existentes nas instituições de ensino superior estudadas, compondo um quadro de referência com a Universidade de Girona. O tema da internacionalização no ensino em turismo é relevante, pois exprime várias possibilidades na dinâmica acadêmica das instituições de ensino. Estimula, ademais, a produção de novos conhecimentos e pode ser considerado fator de inovação e diferenciação em um mercado competitivo, além de ressaltar a importância da atividade turística para o desenvolvimento econômico no Brasil e no mundo. As discussões voltadas à internacionalização das atividades turísticas e ao papel da universidade nesse processo permearam o conjunto dos capítulos, constituindo uma das principais contribuições do estudo.

**Palavras-chave:** Internacionalização, ensino superior, turismo, universidades, formação profissional.

## ABSTRACT

DIAS, Roberta Abalen. *Internationalization of Higher Education in Tourism*. Tese (doutorado) do Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2016.

The aim of the thesis is to analyze the internationalization of higher education in tourism programs of federal institutions of Belo Horizonte, in Minas Gerais. To obtain the data was carried out qualitative research, exploratory, and documentary and bibliographic research. The framework formed by the theoretical investigation of the tourism, universities and higher education internationalization, verifying and then its application in the Belo Horizonte educational institutions. Identified the tourism courses structure, were identified existing international partnerships in higher education institutions studied, composing a frame of reference with the University of Girona. The theme of internationalization in tourism education is relevant, as expressed several possibilities in the academic dynamics of educational institutions. Encourages, moreover, the production of new knowledge and can be considered factor of innovation and differentiation in a competitive market, and underline the importance of tourism for economic development in Brazil and worldwide. The discussions focused on the internationalization of tourist activities and the role of the university in the process permeated all the chapters, and is a major strength of the study.

**Keywords:** Internationalization, higher education, tourism, universities, professional formation.

## LISTAS

### TABELAS

Tabela 1 – Evolução do número de Instituições por dependência administrativa Brasil 1980 – 2013	27
--	----

### QUADROS

Quadro 1 – Descrição de conceitos e características sobre internacionalização	43
Quadro 2 - Disciplinas ofertadas pelo curso de Turismo da UFMG	51
Quadro 3 – Acordos / programas de cooperação acadêmica internacional	57
Quadro 4 - Estrutura curricular do curso técnico de nível médio em Turismo e Lazer	61
Quadro 5 – Estrutura curricular do curso técnico de nível médio em Hospedagem	62
Quadro 6 – Famílias de ocupações, ocupações e títulos sinônimos	84
Quadro 7 – Famílias de ocupações, ocupações e títulos sinônimos para formação técnica de nível médio	85
Quadro 8 – Programas de doutorado e mestrado em Turismo no Brasil	103

### FIGURAS

Figura 1 – Modelo de produção do conhecimento em turismo de Jafari	97
--	----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AECID	Agencia Española de Cooperación Internacional para el desarrollo
ANECA	Agencia Nacional de Evaluación de la Calidad y Acreditación
ANUIES	Asociación Nacional de Universidades e Instituciones de Educación Superior de la República Mexicana
AoC	Association of Colleges
AUGM	Asociación de Universidades Grupo Montevideo
BRAMEX	Intercâmbio de Estudantes Brasil-México
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
CEPE	Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão
CMES	Conferência Mundial da Educação Superior
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CSF	Ciência sem Fronteiras
CV&B	Convention & Visitors Bureau
DOGCG	Diari Oficial de la Generalitat de Catalunya
DRI	Diretoria de Relações Internacionais
EEES	Espacio Europeo de Educación Superior
EHTG	Institut Escola Hostaleria i Turisme de Girona
EMBRATUR	Instituto Brasileiro de Turismo
EMTM	European Master in Tourism Management
EOTC	Escola Oficial de Turisme de la Generalitat de Catalunya
GATS	Acordo Geral sobre Comércio de Serviço
GCUB	Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IES	Instituições de Ensino Superior
IFES	Instituições Federais de Ensino Superior
IGC	Instituto de Geociências
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

INSETUR	Institut Superior d'Estudis Turístics
IPT	Instituto Politécnico de Tomar
IUC	International University College
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MCTI	Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação
MEC	Ministério da Educação
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
MTE	Ministério de Trabalho e Emprego
OMC	Organização Mundial do Comércio
OMT	Organização Mundial do Turismo
ONG	Organização Não Governamental
ORE	Oficina de Relacions Exteriors
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PIB	Produto Interno Bruto
PNIT	Plano Nacional e Integral do Turismo
SISTUR	Sistema de Turismo
SRI	Secretaria de Relações Internacionais
TEAT	Tècnic en Empreses i Activitats Turístiques
UdG	Universitat de Girona
UE	União Europeia
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UMG	Universidade de Minas Gerais
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	<b>14</b>
<b>Capítulo I</b>	
<b>Universidade e internacionalização da educação superior</b>	<b>23</b>
1.1 A universidade	23
1.1.1 Sistema universitário na Espanha	32
1.2 A internacionalização do ensino superior	36
1.3 Internacionalização nas Instituições Federais de ensino de Minas Gerais	46
1.3.1 Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG	46
1.3.1.1 Estrutura curricular do curso superior de Turismo da UFMG	51
1.3.2 Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais-CEFET-MG	52
1.3.2.1 Estrutura curricular do curso técnico de nível médio em Turismo e Lazer do CEFET-MG	61
1.3.2.2 Estrutura curricular do curso técnico de nível médio em Hospedagem	62
1.4 Internacionalização na Universidade de Girona–UdG – Girona/Espanha	63
1.4.1 Estrutura curricular do curso superior de Turismo da UdG	69
1.5 A internacionalização na Escola de Hotelaria e Turismo de Girona–EHTG	72
<b>Capítulo II</b>	
<b>Formação profissional para a atividade turística no contexto da internacionalização</b>	<b>75</b>
2.1 A atividade turística	79
2.2 A formação profissional em turismo	87
<b>Capítulo III</b>	
<b>Apresentação e análise dos dados de pesquisa</b>	<b>105</b>
3.1 Interlocutores de Girona/ Espanha e de Belo Horizonte/ MG	106
3.2 Interlocutores discentes	122

<b>Considerações Finais</b>	<b>134</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>138</b>
<b>Apêndice</b>	<b>145</b>

## INTRODUÇÃO

O estudo ora proposto pretende analisar a internacionalização do ensino superior em turismo, por meio de um estudo de caso das instituições federais de ensino de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais usando como referência a Universidade de Girona, na Espanha.

Nesse cenário discursivo no qual se situa o turismo como indicação de atividade tomada na referência de prestação de serviços, expressa as duas premissas interdependentes e complementares: a primeira atrela-se a importância da atividade turística e outra premissa atrela-se ao ensino do turismo e suas experiências de internacionalização.

Segundo Vilalta (2012, p. 20):

A internacionalização acadêmica vem se fortalecendo no coração da vida universitária e tem se tornado cada vez mais presente na realidade das universidades, pois, ao produzir e acessar novos conhecimentos representa o despertar de uma nova visão que atenda a necessidade de formação de um perfil profissional preparado para atuar em um mundo em rápida transformação, que exige pensamento crítico e uma postura condizente com a demanda de um mercado de trabalho internacional.

A formação de profissionais qualificados para as demandas de um mundo cada vez mais globalizado se faz cada vez mais necessária, e nesse contexto, a internacionalização do ensino superior no Brasil tem se consolidado nos planos de desenvolvimento institucional das universidades. A mobilidade acadêmica internacional se constitui como um espaço formativo em âmbito científico, cultural, social e tecnológico.

A investigação pretendida poderá contribuir para esclarecimento de múltiplas questões referente a limites e possibilidade de afirmação de processo formativo-pedagógico de cursos de turismo na esfera da internacionalização do ensino.

O envolvimento com o tema dessa pesquisa surgiu no meu ambiente de trabalho como professora do Curso Técnico de nível médio em Turismo e Lazer no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG. Ressalta-se que a Instituição apresenta como uma de suas metas: a oferta da Educação Profissional Técnica de nível médio com conteúdo politécnico e tecnológico, visando o preparo para o exercício de profissões técnicas e a continuidade dos estudos por parte dos alunos, no fortalecimento das características históricas da Instituição e do papel estratégico dessa modalidade de ensino, na

interlocução desse centro com a sociedade, segundo o Plano de Desenvolvimento Institucional-PDI 2005-2010 (OLIVEIRA, BAPTISTELLA e FERRÃO, 2012).

A proponente deste estudo revela-se ora como personagem, ora espectadora do processo de busca pela compreensão da dinâmica da internacionalização no curso técnico de Turismo e Lazer nesta instituição.

Assumi o cargo de professora das disciplinas de Agência de Viagens e Transportes Turísticos e de Teoria do Turismo, no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET/MG, no dia 02 de abril de 2008, por meio de concurso público, destinado a profissionais da área de Turismo.

Desde sua efetivação já existia na coordenação do Curso Técnico de nível médio em Turismo e Lazer um projeto de reestruturação do curso para atender as novas propostas do catálogo nacional de cursos técnicos e um estudo de viabilidade para implementar um curso de Bacharelado em Turismo. Com o decorrer dos encontros para elaboração da nova estrutura do curso, com sua chegada à coordenação, puderam ofertar mais disciplinas específicas do turismo, já que na equipe anteriormente havia somente um Bacharel em Turismo. Verificou-se então que precisávamos fortalecer o curso técnico, torná-lo referência no mercado de Belo Horizonte para depois pensarmos em verticalização.

Neste percurso foi evidenciado, como professora, algumas situações de estranhamento da comunidade em relação aos objetivos propostos pelo curso, um desconhecimento das possibilidades de atuação do profissional que estava sendo preparado para o mercado turístico e surgiu, também, a possibilidade de inserir o curso no processo de internacionalização do ensino nos programas de mobilidade docente e discente.

Este estranhamento quanto às possibilidades de atuação profissional já estava sendo resolvido com a reestruturação curricular, visto que o curso técnico oferecido era muito generalista e o Ministério da Educação - MEC entende que o técnico tem que ter uma formação mais específica. Quanto à internacionalização parecia distante dos propósitos, um tema novo que despertou curiosidade e interesse.

Aliás, curiosidade e interesse estiveram sempre presentes na trajetória da autora da pesquisa, que por trabalhar com agenciamento de viagens resolveu fazer o Bacharelado em Turismo no Centro Universitário Newton Paiva, na cidade de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais na expectativa de ampliar seu mercado de atuação no Turismo. No período da

faculdade trabalhou em várias empresas turísticas, Operadoras, Agências, Consolidadora e em uma Companhia Aérea. Porém, sua inquietude levou a procura de novas possibilidades e se tornou cooperada fundadora de uma Cooperativa de Trabalho de Profissionais em Turismo. Esse novo empreendimento levou a busca de uma especialização em Cooperativismo, então fez uma pós-graduação lato-sensu em Agentes de Desenvolvimento em Cooperativas.

Com o título da especialização apareceu à oportunidade de um novo caminho nas várias possibilidades do turismo e surgiu a indicação para participar de um processo seletivo para docência universitária no curso superior de Turismo do Centro Universitário Newton Paiva, onde aprovada seguiu ministrando aulas no Bacharelado de Turismo num período de 5 anos, o que estimulou a busca pelo Mestrado em Turismo e Meio Ambiente no Centro Universitário UNA.

Com o novo título ministrou aulas no Bacharelado de outras instituições superiores de Belo Horizonte além da Newton Paiva como Instituto Belo Horizonte de Ensino Superior (IBHES), Universidade Salgado de Oliveira (Universo) e Universidade FUMEC.

Deixou o ensino superior nas diversas instituições citadas para assumir o cargo de professora efetiva no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG, após aprovação em concurso público.

Na coordenação do curso de Turismo do CEFET além de professora logo assumiu a função de Coordenadora do curso técnico e promoveu durante sua coordenação a aproximação do curso de Turismo com diversos setores da instituição na promoção de organização de eventos internos, disponibilização de estagiários para trabalhar em diversos eventos culturais e técnicos, participação efetiva nos programas de iniciação científica e uma parceria com a Secretaria de Relações Internacionais para ministrar um módulo no *workshop* sobre cultura institucional na preparação dos discentes aprovados para os programas de mobilidade internacional.

Essa aproximação junto à Secretaria de Relações Internacionais estimulou o processo de investigação sobre o tema da internacionalização que também passou a ser constante na literatura sobre turismo. Inovação e internacionalização eram os temas que mais estavam provocando o interesse quando apareceu a oportunidade de cursar o doutorado nas Ciências Sociais.

De acordo com sua trajetória foi percebido que o problema de pesquisa que nos propomos a investigar está inserido no contexto atual, pois o turismo atinge dimensões

culturais, tecnológicas, sociais, econômicas, políticas, ambientais e como consequência a formação de profissionais para atuar nesse campo tão vasto, deve ir ao encontro às demandas globais de forma a minimizar os impactos negativos da atividade e maximizar os impactos positivos.

Nesta medida o problema de pesquisa que se propõe nesta tese é: A internacionalização da educação superior pode ser uma estratégia acadêmica utilizada pelas universidades para projeção dos cursos de Turismo?

Assim, pesquisando a internacionalização do ensino superior em turismo nas instituições federais de Belo Horizonte pretende-se contribuir para o entendimento desse processo no setor de educação compondo uma análise de referência com a Universidade de Girona na Espanha que já tem consolidada a internacionalização do ensino superior em Turismo.

A escolha da Universidade de Girona como caso de referência se deu pela indicação de uma professora doutora em Ciências Sociais que ministra aulas no curso superior de Turismo da Universidade de Alagoas e edita uma revista Iberoamericana que nasceu do convênio de cooperação internacional de pesquisa e desenvolvimento em Turismo entre estas instituições. Apresentou-nos a opção e fomos muito bem acolhidos por considerarem nossa proposta relevante, além de verificarmos que a Universidade é uma referência no assunto.

Segundo André: ‘unidade deve ser escolhida porque representa por si só um caso digno de ser estudado, seja porque é representativo de muitos outros casos seja porque é completamente distinto de outros casos (1996, p. 50).

A incursão feita para a realização desse trabalho adentra pela província de Girona<sup>1</sup>, nordeste da Catalunha, o município está a 100 km de Barcelona, 40 km da Costa Brava e 96 km de Perpignan (França) e tem uma população de 97.227 habitantes. Girona está situada no ponto mais estreito da rota histórica que atravessa os Pirineus, o ambiente testemunhou arqueologicamente a presença do homem do paleolítico e o cristianismo foi introduzido na cidade romana durante o século III.

Segundo o Plano Nacional e Integral do Turismo - PNIT<sup>2</sup> da Espanha de 2012 a 2015,

---

<sup>1</sup> Conselho Municipal de Girona. Disponível em: [http://www2.girona.cat/ca/ciutat\\_dadesgirona\\_historia](http://www2.girona.cat/ca/ciutat_dadesgirona_historia) Acesso em 30 abr. 2015.

<sup>2</sup> Espanha - Plan Nacional e Integral de Turismo 2012-2015. Disponível em: <http://www.tourspain.es/es-es/VDE/Paginas/PNIT.aspx> . Acesso em 30 abr 2015.

A Espanha é líder mundial no setor do turismo: é o segundo país em receitas internacionais do turismo no mundo e quarto lugar no número de turistas internacionais. O turismo é fundamental para a economia do país e representa mais de 10,2% de PIB, fornece 11,39% do emprego e atenua o desequilíbrio na balança comercial. Na atual conjuntura, os setores estratégicos de nossa economia devem atuar como alavancas para estimular uma mudança de cenário que nos coloca no caminho do crescimento e da criação de emprego; entre eles o turismo deve ser um compromisso prioritário para a liderança global, por seu caráter transversal na economia e sua orientação para os mercados que mostram os primeiros sinais de recuperação.

Na busca de caminhos que permitissem encontrar uma experiência de internacionalização do ensino superior e para refletir sobre a internacionalização nos cursos de Turismo o caso da Universidade de Girona mostrou-se um objeto privilegiado de investigação pela destacada vocação turística da Espanha.

A opção de investigar uma experiência internacional deve-se a possibilidade que tive de conhecer o caso específico de Girona e fazer o estágio doutoral no departamento de Turismo da Universidade de Girona.

As instituições de ensino brasileiras estudadas se encontram na cidade de Belo Horizonte capital de Minas Gerais que completou 118 anos em dezembro de 2015 e tem uma população de 2.502.557 habitantes. Em 2014<sup>3</sup> Belo Horizonte foi eleita a melhor capital do país em levantamento feito pela empresa de consultoria *Delta Economics & Finance*, especializada em pesquisas econômicas e financeiras. O estudo, publicado em outubro de 2014 pela revista *América Economia Brasil*, avaliou 5.564 municípios brasileiros, considerando um conjunto de 77 atributos distribuídos em 10 dimensões. Essa análise gerou o Índice das 100 Maiores e Melhores Cidades do Brasil (BCI 100). Belo Horizonte conquistou o posto de melhor cidade entre todas as capitais do país, alcançando 72,42% da pontuação possível e o 2º lugar geral.

A pesquisa objetivou mensurar o desenvolvimento socioeconômico das cidades brasileiras e dos habitantes. Para isso, foram avaliados os trabalhos realizados pelos municípios nas áreas de educação, saúde, finanças, segurança, digital (oferta de internet banda larga à população), economia (desigualdade social e percentual de empregados), domicílios (serviços de água, energia e saneamento básico), bem-estar (taxa de mortalidade infantil e expectativa de vida), governança (Plano Diretor, Lei de Uso e Ocupação de Solo e Plano

---

<sup>3</sup> Jornal Estado de Minas. Disponível em: [http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/11/06/interna\\_gerais,587309/bh-e-eleita-melhor-capital-do-brasil-por-instituto-de-pesquisa.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/11/06/interna_gerais,587309/bh-e-eleita-melhor-capital-do-brasil-por-instituto-de-pesquisa.shtml). Acesso em 06 nov 2014.

Municipal de Redução de Riscos) e geral (escolaridade do prefeito e o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – IDHM).

É nesse cenário que se encontram as instituições de ensino superior em turismo que versa este trabalho. A análise centra-se na internacionalização do ensino superior nos cursos de turismo, na busca de refletir sobre as implicações que poderão ocorrer no desenvolvimento educacional dos estudantes.

Nessa perspectiva, é profícuo buscar alguns apontamentos para o desenvolvimento da tese:

- Como é o perfil dos profissionais formados pelas instituições?
- Como estão estruturados os cursos?
- A internacionalização pode ser vista como um diferencial para atrair alunos?
- As instituições estão preparadas acadêmica e administrativamente para atender essa demanda?
- A internacionalização das instituições de ensino garante a qualidade do ensino?

Dessa forma, o presente trabalho tem por objetivo geral analisar a internacionalização do ensino superior nos cursos de turismo das Instituições Federais de Belo Horizonte no Estado de Minas Gerais.

Pela relevância do tema busca-se atingir os seguintes objetivos específicos:

- Identificar como acontece a internacionalização nas instituições que oferecem o curso de turismo em Belo Horizonte no estado de Minas Gerais.
- Descrever a estrutura dos cursos de turismo em Minas Gerais.
- Apontar as parcerias internacionais existentes nas instituições de ensino superior estudadas.

Existem diversos motivos para justificar a importância do tema da internacionalização no ensino, pois exprime várias possibilidades na dinâmica acadêmica das instituições de ensino, estimula a produção de novos conhecimentos, pode ser vista como fator de inovação e diferenciação em um mercado competitivo.

Segundo Stallivieri (2004) refere-se a uma questão de sobrevivência, ou seja, a internacionalização é necessária para as instituições competirem em níveis de igualdade com as melhores instituições de ensino nacionais e estrangeiras.

Para atingir o objetivo proposto a metodologia a ser utilizada será a da pesquisa qualitativa do tipo exploratória, uma vez que esse processo investigativo tem como pressuposto, conforme Bogdan e Biklen, o entendimento de que “o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para construir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo” (1994, p. 49).

A opção pela pesquisa exploratória justifica-se na medida em que existem poucas referências abordando a internacionalização da educação superior no Brasil e não foi encontrada nenhuma sobre os cursos de turismo. Também objetiva melhor entendimento do problema, tornando-o mais explícito, pois conforme Gil (1991), a pesquisa exploratória tem como objetivo “proporcionar maior familiaridade com o problema”.

O formato metodológico escolhido será a técnica de estudo de caso que segundo Yin (2001, p. 32) “é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”.

Para se chegar aos resultados esperados consideramos a pesquisa documental e bibliográfica, conforme Marconi e Lakatos (2010) “a característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias”.

No alcance dos propósitos estabelecidos nesta proposta de analisar a internacionalização do ensino superior em Turismo, busca-se um conjunto específico de indicadores teóricos.

O referencial se formou pela investigação teórica a respeito do turismo, universidades e internacionalização do ensino superior e em seguida verificou-se sua aplicação nas instituições de ensino de Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) e nas duas instituições de ensino de Girona: Universidade de Girona (UdG) e Escola de Hotelaria e Turismo de Girona (EHTG). A escolha específica por estas instituições deve-se ao fato de que todas elas têm algum tipo de atividade de internacionalização.

A coleta de dados foi longitudinal, ou seja, realizada ao longo de um período de dois anos em dois momentos, no primeiro momento enquanto a pesquisadora esteve cumprindo os

créditos obrigatórios do programa de pós-graduação e no segundo momento quando a pesquisadora esteve na Espanha no 1º semestre de 2015.

Os interlocutores da pesquisa na Espanha foram os professores do ensino em Turismo da Universidade de Girona e da Escola de Hotelaria e Turismo de Girona e as entrevistas realizadas contribuíram para contextualizar o ensino em turismo nas respectivas instituições e apresentar um panorama da internacionalização no ensino bem como para ter impressões de sujeitos envolvidos, com interesses diferentes em níveis diferentes de atuação no ensino do turismo. As entrevistas foram gravadas no idioma espanhol e depois transcritas e traduzidas para o português.

Também foram feitas entrevistas estruturadas com discentes que participaram de programas de mobilidade acadêmica da Universidade Federal de Minas Gerais e do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.

Em virtude de greve dos técnicos administrativos da UFMG tivemos dificuldade de acesso às informações sobre os discentes, então os contatos dos estudantes do curso de turismo foram obtidos através de uma professora do curso, que disponibilizou por meio de um grupo dos alunos na internet um link, para que aqueles que tivessem participado de algum programa de mobilidade respondessem à pesquisa. Junto aos alunos do CEFET-MG as entrevistas foram agendadas pessoalmente.

Certamente a percepção de quem é agente direto no processo de internacionalização tem um sentido e isso foi considerado. As diferentes visões, críticas, sugestões, elogios e percepção do entusiasmo desses personagens obrigaram a uma análise mais complexa da realidade.

Depois de feitas as coletas de dados as mesmas foram analisadas para a verificação do atendimento ao objetivo proposto e estabelecer o encaminhamento para as considerações finais.

O trabalho foi dividido em capítulos onde o capítulo I é dedicado a “Universidade e Internacionalização da Educação Superior”. Como o tema envolve a educação superior foi importante pesquisar sobre educação universitária além de identificar as instituições estudadas. Apresentamos conceitos de internacionalização no ensino e identificamos a internacionalização nas instituições pesquisadas.

No capítulo II “Formação profissional para a atividade turística internacionalizada” foi apresentada a complexa atividade turística, além de exposições sobre a formação do profissional e a relação com o mercado de trabalho nos seus distintos campos de atuação.

No capítulo III “Apresentação e análise dos dados de pesquisa” apresentamos o objeto de estudo por meio da exposição de dados coletados nas pesquisas de campo e uma análise confrontando com as pesquisas bibliográficas.

Nas considerações finais retomando os objetivos propostos apresentamos as principais contribuições do estudo, suas limitações bem como sugerimos questões para novos estudos.

## CAPÍTULO I

### UNIVERSIDADE E INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

De acordo com Buarque (2003, p. 24) “De todas as realizações brasileiras da última metade do século XX, talvez a maior seja a fundação de sua universidade, em especial da universidade pública federal”. Ainda segundo ele, a universidade é um símbolo da nação brasileira e da força do povo brasileiro.

A concepção de universidade é de um modelo de educação que prima pela articulação entre ensino, pesquisa e extensão e para que isso aconteça é necessário ofertar cursos de graduação, pós-graduação lato sensu com cursos de aperfeiçoamento e especialização, e programas de pós-graduação stricto sensu ofertando mestrados e doutorados.

De acordo com Sanfelice (2003, p. 10):

Hoje, é notório o financiamento internacional da educação e a intervenção das agências mundiais na estruturação dos sistemas de ensino, mas na lógica de mercado a educação torna-se um produto a ser consumido por quem demonstrar vontade e competência para adquiri-la, em especial a educação ministrada nos níveis médio e superior.

#### 1.1 A Universidade

A universidade durante quase mil anos de história de acordo com Buarque (2003), representou um estoque de conhecimentos que o discente adquiria para durar por toda a vida, conhecimento como propriedade específica dos alunos em sala de aula ou bibliotecas, transmitido por professores ou por livros e o conhecimento era um passaporte seguro para o sucesso do aluno. Não houve grandes mudanças estruturais nesses anos nas universidades, elas ainda representam patrimônio intelectual e crítica social, porém se sabe que o conhecimento hoje é alcançado por pessoas de todos os tipos, em qualquer lugar e por diversos canais diferentes.

Ao longo dos tempos a universidade progrediu como lugar de geração de conhecimento e por isso teve que mudar, se adaptar, inovar. Diante de um mundo em constante mudança o conhecimento que antes representava capital acumulado passa a ser algo

permanentemente renovado em meio ao oceano de informações e canais de comunicações disponíveis.

O Brasil foi um dos últimos países da América Latina a criar universidade no início do século XIX, onde o modelo utilizado era voltado para a transmissão do conhecimento por meio de um ensino teórico e erudito. A concepção de universidade como produtora de conhecimento pela pesquisa só é desenvolvida após a reforma universitária de 1968, segundo Morosini (1998).

De acordo com Fávero (1998, p. 153) com relação ao ensino superior, sobretudo no pós 64, “a educação é vista como fator estratégico numa política de desenvolvimento, e deve ser entendida como eficiente instrumento para conter os conflitos sociais e eliminar os obstáculos que se antepunham ao crescimento econômico”.

De acordo com Buarque (2003, p. 28):

Quase oitocentos anos depois de sua criação, as universidades precisam entender que mudanças têm que acontecer em cinco grandes eixos: voltar a ser a vanguarda crítica da produção do conhecimento; firmar-se, novamente, como capazes de assegurar o futuro dos seus alunos; recuperar o papel de principal centro de distribuição do conhecimento; assumir compromisso e responsabilidade ética para o futuro de uma humanidade sem exclusão; e reconhecer que a universidade não é uma instituição isolada, mas que ela faz parte de uma rede mundial.

Não se pretende fazer uma retrospectiva histórica do surgimento das universidades no Brasil, somente contextualizar alguns fatos marcantes para podermos entender como chegamos aqui e o que pretendemos com o desenvolvimento dessa pesquisa.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9.394/96 “a educação superior é ministrada em instituições de ensino superior, públicas ou privada, com variados graus de abrangência ou especialização”. Para efeito de conceituação, conforme o Decreto 5.773 de 9 de maio de 2006, que dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino, em seu artigo 12 classifica as instituições de ensino superior quanto à sua organização e respectivas prerrogativas acadêmica como: faculdades, centros universitários e universidades.

As universidades caracterizam-se pela oferta regular de atividades de ensino, de pesquisa e de extensão, atendendo ainda ao que dispõe os artigos 52, 53 e 54 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. (BRASIL, 2010).

Independente da organização acadêmica das Instituições de Ensino Superior - IES a educação superior constitui um processo de construção científica e crítica ao conhecimento produzido e ao seu papel na construção da sociedade, é um caminho para o desenvolvimento social com justiça e bem-estar. Segundo Habermas (1993) “ela incorpora a missão notável de produzir e difundir ciência, arte, tecnologia e cultura, materializando, assim, a “ideia de universidade” pensada por Humboldt há dois séculos”.

Segundo Silva e Ourique (2012):

Para Humboldt, todo o investimento no interesse moral, político e cultural da ciência reverte em contribuições sociais, bem como em formação individual. Como exigência importante para esse desenvolvimento está a ideia da autonomia da universidade na busca do conhecimento e na condução dos processos que subsidiam a ampliação deste, cabendo às forças sociais, especialmente ao Estado, o provimento de meios, da estrutura. (p. 218).

No modelo apresentado de universidade por Humboldt a construção do conhecimento está relacionado com a produção cultural da comunidade e a ciência teria por princípio uma organização social.

Para Morosini (2006):

As características da educação estão intimamente imbricadas com o processo de globalização e com as determinações oriundas de organismos internacionais multilaterais. O Estado avaliativo adquire a conotação de avaliação em todos os aspectos da realidade educacional e em todos os níveis do sistema. Entretanto, é no sistema de ensino superior que se verifica o maior impacto. Isto porque a globalização considera como um dos principais valores o conhecimento e, neste, o advindo de patamares superiores, onde a busca de educação e certificação continuada se faz presente. A universidade adquire um valor máximo e a concepção de liberdade acadêmica, símbolo da intocabilidade do ensino superior, passa a sofrer impacto. (p. 112).

Habermas (1993) já dizia que “a unidade de investigação e ensino, entendida no seu sentido mais específico, significa que só se ensina e se aprende à medida das necessidades do processo inovador do progresso científico”.

Em seu estudo ele ainda aponta que,

o inevitável crescimento quantitativo das universidades processou-se então como uma expansão adentro de estruturas inalteradas. A atividade científica continua, até hoje, a desenvolver-se no âmbito de um sistema de instituições com funções múltiplas e convergentes — em escolas superiores científicas que de modo nenhum nasceram do horizonte do "mundo da vida" como as empresas capitalistas ou os organismos internacionais. Estamos ainda para saber se os grandes projetos e a investigação fundamental, deslocados para fora da universidade, serão capazes de se libertar totalmente do processo generativo da ciência organizada no âmbito dessas universidades, se essas formas de investigação conseguirão andar por si próprias, ou se manterão um estatuto parasitário. (HABERMAS, 1993, p. 125).

De acordo com Buarque, “não há dúvida de que a universidade foi duramente maltratada pelo neoliberalismo das últimas décadas”.

Durante esse período, as universidades públicas brasileiras perderam poder, recursos financeiros e professores, não tendo crescido o suficiente para atender à demanda por vagas. Em 1980, havia 305.099 alunos matriculados e, em 2001, 502.960. O crescimento das universidades particulares, por outro lado, foi espantoso: em 1981, o número de alunos matriculados era de 850.982, número esse que passou a ser de 2.091.529, em 2001, representando um aumento de mais de 56%. Em 1980, havia, nas instituições públicas, 49.451 professores e, em 2001, esse número foi 51.765. (BUARQUE, 2003, p. 26).

A educação superior no Brasil compreende um sistema complexo e diversificado de instituições públicas e privadas com diferentes tipos de cursos e programas, incluindo vários níveis de ensino, desde a graduação até a pós-graduação *lato e stricto sensu*.

De acordo com Neves (2002, p. 45) “a base da atual estrutura e funcionamento da educação brasileira teve a sua definição num momento histórico importante, com a aprovação da Lei nº 5.540/68, da Reforma Universitária”.

A reforma universitária preconizava que o ensino superior deveria ser ministrado em universidades e, excepcionalmente, em estabelecimentos isolados, organizados como instituições de direito público ou privado. As universidades deveriam oferecer ensino, pesquisa e extensão. No entanto, o que ocorreu, na década de 1970, foi a expansão do sistema de ensino superior, em função do aumento do número de instituições privadas e estabelecimentos isolados. (NEVES, 2002, p. 46).

Segundo Brasil (2013), dados do censo da educação superior realizados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP, poderemos verificar que o crescimento das IES privadas (instituições de educação superior de categoria administrativa igual à privada com fins lucrativos ou privada sem fins lucrativos) continuou de forma expressiva frente ao número de IES públicas (instituições de educação superior de categoria administrativa igual à pública federal, pública estadual ou pública municipal).

Esse crescimento quantitativo no Brasil pode ser verificado na tabela abaixo.

**Tabela – 1 Evolução do Número de Instituições por Dependência Administrativa Brasil 1980 – 2013**

<b>ANO</b>	<b>IES PÚBLICAS</b>	<b>IES PRIVADAS</b>	<b>TOTAL</b>
1980	200	682	882
1981	259	617	876
1982	259	614	873
1983	246	615	861
1984	238	609	847
1985	233	626	859
1986	263	592	855
1987	240	613	853
1988	233	638	871
1989	220	682	902
1990	222	696	918
1991	222	671	893
1992	227	666	893
1993	221	652	873
1994	218	633	851
1995	210	684	894
1996	211	711	922
1997	211	689	900
1998	209	764	973
1999	192	905	1097
2000	176	1004	1180
2001	183	1208	1391
2002	195	1442	1637
2003	207	1652	1859
2004	224	1789	2013
2005	231	1934	2165
2006	248	2022	2270
2007	249	2032	2281
2008	236	2016	2252
2009	245	2069	2314
2010	278	2100	2378
2011	284	2081	2365
2012	304	2112	2416
2013	301	2090	2391

Fonte: MEC/Inep

Nessa tabela verifica-se a grande participação do segmento das particulares no conjunto das instituições de ensino superior – IES, confirmando a tendência histórica das IES serem na sua maioria vinculadas à rede privada.

O que nos preocupa é saber que essas universidades privadas não possuem muitos recursos para pesquisa, nem professores com dedicação exclusiva para desenvolvimento das mesmas, a maioria trabalha por hora/aula.

Apesar das universidades públicas serem minoria no cenário brasileiro elas ocupam posição fundamental no campo acadêmico nacional, por exemplo, seus contínuos resultados positivos alcançados no exame nacional de cursos, os elevados conceitos obtidos nas avaliações dos programas de pós-graduação feitas pela CAPES. Entretanto, existem profundas diferenças entre elas quanto ao formato institucional, à vocação acadêmica, às demandas e expectativas profissionais de seus estudantes, sendo diferentes também nas modalidades de combinar o ensino, a pesquisa e a extensão.

Para Sanfelice (2003), “A educação não está imune às transformações da base material da sociedade, hoje em processo de globalização e, ao mesmo tempo, não está imune à pós-modernidade cultural que as sinalizam. Pós-modernidade, globalização e educação relacionam-se pela lógica de mercado”.

No contexto atual, a característica de universidade como instituição social tem dado lugar a uma entidade administrativa, regida por ideias de gestão, planejamento, previsão, controle e êxito. Para Chauí (1999) “a passagem da universidade brasileira da condição de instituição social para a de entidade administrativa é parte do contexto de alteração geral da sociedade e do Estado”.

Reconhecendo que a globalização tem gerado impactos importantes sobre o ensino superior e que isso tem levado o setor a uma mudança de paradigmas Douglass (apud MUCKENBERG, 2014, p. 42) aponta oito elementos que impulsionam às IES para a mudança: ampliação do mercado de recrutamento de estudantes e docentes; redes internacionais de pesquisa substituindo culturas nacionais e institucionais; colaboração internacional; tendência para a convergência organizacional; computadores e tecnologias de ensino abrem novos mercados gerando uma revolução na organização tradicional das universidades; surgimento de concorrentes não tradicionais; reposicionamento das IES existentes em novos mercados e fusões; diretrizes supranacionais para a oferta de serviços educacionais.

Ele destaca ainda quatro elementos próximos às IES que interferem nesse processo: crescente desequilíbrio entre os recursos disponíveis e as demandas de mercado; imprevisibilidade e ritmo do mercado; permanência e estabilidade tornam-se menos importantes do que flexibilidade, criatividade e cultura contemporânea da academia muito conservadora.

Segundo Douglass:

A atual infraestrutura da educação superior não é suficiente para atender a demanda crescente, o ambiente da educação superior está mudando, os estudantes compram cursos que atendem suas necessidades, novos concorrentes oferecem cursos de baixo custo e que atendem às necessidades dos estudantes, as tradicionais IES tornam-se ainda mais custosas. (apud MUCKENBERG, 2014, p. 44).

Apesar de sofrerem inúmeras pressões para mudanças às universidades não devem simplesmente adequar-se às necessidades de mercado, mas tentar compreender os fenômenos, seguir as demandas do seu entorno acompanhando e preparando globalmente seus alunos.

De acordo com SANTOS,

A universidade contemporânea e em particular a universidade brasileira perdeu a sua exclusividade como centro de produção de saber e instrumento de preparação para o trabalho e para o emprego, mas continua a ser a única instituição que permite o encontro, a articulação e o diálogo crítico e livre entre distintos saberes e modos de conhecer. (2003, p. 85).

É importante pensar o papel e a importância das universidades brasileiras para a formação profissional, mas também como geradora de conhecimento, difusora de ciência e tecnologia, provedora de intercâmbio cultural, dentre várias outras coisas.

Scott (apud MUCKENBERG, 2014, p. 49) também identifica alguns desafios do ensino superior no século XXI frente à globalização e a sociedade do conhecimento. Ele entende que “as universidades são frutos da modernidade, de uma visão nacionalista e muitas vezes imperialista”. Diante dessas forças globalizantes Scott elenca os desafios para as universidades:

- Desvencilhar-se da forte conexão existente entre universidades e culturas nacionais;
- Padronizar o ensino e a cultura de redes e pesquisa, ambos proporcionados pelas tecnologias de comunicação e informação;
- Reduzir a dependência de recursos públicos, uma vez que os gastos públicos com as universidades tem se reduzido.

O contexto e o ambiente de atuação das universidades mudaram diante da globalização e da sociedade do conhecimento e isso refletirá no futuro das universidades que devem se adaptar aos novos tempos.

Seria oportuno assinalar que os diversos sistemas de educação superior, existentes em países que ocupam uma posição destacada no processo de desenvolvimento socioeconômico, apresentam uma forte diversidade institucional e desempenham uma pluralidade de funções na formação acadêmico-profissional. Nesses sistemas prevalece uma extensa hierarquia de instituições de ensino com perfis acadêmicos específicos, oferecendo cursos e programas para públicos com diferentes motivações e perspectivas profissionais, assim como procuram manter uma relação de sintonia com as amplas demandas provenientes da dinâmica das mudanças sociais vivenciadas por esses países. Esse processo de diferenciação ocorre não apenas no sentido vertical da oferta de formação acadêmico-profissional, mas no plano horizontal, a partir de uma pluralidade de objetivos e conteúdos educacionais – competências e prerrogativas típicas das instituições –, permanecendo, entretanto, um processo de fluidez de comunicação entre os diferentes setores que o integram. (MARTINS, 2000, p. 42).

De acordo com Buarque (2003) a crise da universidade brasileira coincide com a crise global da instituição universitária que vive momento de estrangulamento financeiro e deixam de poder fazer investimentos tecnológicos, investimentos na qualificação do corpo docente, onde as revisões curriculares demoram a ser feitas e implantadas, o que é incompatível com os acelerados processos de mudança científico-tecnológicas da modernidade. O conhecimento, que antes representava capital acumulado, passa a ser algo que é permanentemente renovado ou ultrapassado. Neste momento a esperança está na universidade, mas é necessário que ela se transforme e reinvente a si própria.

Assim, o ensino universitário constitui um processo de construção científica e de crítica ao conhecimento produzido, num processo de busca contínua de transformação da sociedade e as instituições de ensino superior se preparam como podem para enfrentar essa dinâmica social de acordo com sua abrangência de ações e pelas condições de trabalho de seus docentes.

Para Buarque (2003, p. 28),

“A universidade, neste início do século XXI, deixou de ser a vanguarda do conhecimento, tendo perdido também a capacidade de assegurar um futuro exitoso a seus alunos. Ela deixou de ser um centro de disseminação do conhecimento, e não é mais usada como instrumento na construção de uma humanidade coesa. A universidade flutua em meio às correntes da globalização, e corre o risco de um naufrágio ético, caso aceite a imoralidade de uma sociedade cindida”.

Ele ainda chama atenção para a velocidade atual do avanço do conhecimento que não permite que um ex-aluno permaneça contemporâneo, a não ser que ele se atualize constantemente. Podemos verificar que em alguns casos, essa desatualização ocorre até mesmo ao longo do curso, quando muito do que foi aprendido rapidamente se torna obsoleto, sendo substituído por novas teorias, novas informações, novos conhecimentos.

Dessa forma, é importante repensar o papel e a importância das universidades, como espaço gerador de conhecimento, que tem contribuído para as rápidas transformações tecnológicas, que com a velocidade da propagação e circulação das informações pelos diversos tipos de meios de comunicação tem diminuído as distâncias culturais e geográficas, podendo competir em níveis de igualdade com as melhores instituições de ensino superiores nacionais e internacionais.

O artigo 11 da Declaração Mundial da Conferência Mundial da Organização das Nações Unidas - UNESCO sobre Educação Superior, realizada em 1998, afirma no parágrafo b, que

A qualidade exige também que a educação superior se caracterize pela sua dimensão internacional: intercâmbio de conhecimento, redes interativas, mobilidade dos professores e estudantes e projetos internacionais de pesquisa, ao mesmo tempo em que leva em conta os valores culturais e as circunstâncias dos países. (BRASIL, 2003, p. 152).

Por isso, a importância da internacionalização do ensino, pois este processo pressupõe cooperação científica, tecnológica, acadêmica em diferentes níveis e tem sido motivador de melhorias da qualidade do ensino e da pesquisa. A internacionalização da educação superior ainda é uma questão em aberto, sem respostas, faz parte das discussões sobre sua relevância nas IES, ligada muitas vezes aos principais objetivos do ensino superior nas universidades.

Segundo Morosini (1998, p. 23):

A década de 90 é marcada pela transnacionalização político-econômica mundial, com a formação de megablocos. Subjacente a tal panorama, consubstanciado prioritariamente em acordos econômicos de integração, para uma proposta de internacionalização dos sistemas de ensino superior dos países que compõem estes megablocos.

Vivemos uma época onde as tecnologias da informação influenciam as relações, os processos culturais em uma sociedade do conhecimento muito exigente e crítica. No mundo contemporâneo, o conhecimento ultrapassa qualquer fronteira imposta pelo sistema e, dessa

forma, o compartilhamento desse conhecimento poderá proporcionar desenvolvimento econômico, cultural e social das mais diversas populações.

### 1.1.1 Sistema universitário na Espanha

A Espanha<sup>4</sup>, um país membro da União Europeia (UE) desde 1986, tem uma área de 504.645 quilômetros quadrados e uma população de 46.464.053 habitantes (2014), o segundo maior país da Europa ocidental e quinto em população. Sua organização territorial consiste em dezessete comunidades autônomas e duas cidades autônomas (Ceuta e Melilla). Tem uma grande diversidade cultural e isso também se reflete na variedade de línguas faladas no país, mas a língua oficial é o espanhol.

A Espanha é o terceiro país com o maior número de bens incluídos na lista da UNESCO, tem 44 bens declarados Patrimônio Mundial e 14 propriedades reconhecidas como Patrimônio Imaterial. Em 2014, o país recebeu mais de 65 milhões de turistas.

Na Espanha, o sistema universitário<sup>5</sup> é composto por 83 universidades (50 públicas e 33 privadas), bem como 480 institutos de pesquisa e 67 parques científico-tecnológicos. Como país membro do Espaço Europeu do Ensino Superior (EEES), todos os graus oficiais emitidos pelas universidades espanholas são reconhecidos para fins acadêmicos e profissionais em 53 países em todo o mundo, 45 deles na Europa.

De acordo com a Lei Orgânica 6/2001, as universidades públicas são instituições criadas por lei da Assembleia Legislativa da Região Autônoma em cujo território está estabelecido e também aqueles criados por lei do Parlamento, propostas pelo Governo e de acordo com a Comunidade Autônoma em que estão estabelecidos. Por outro lado as universidades privadas são aquelas criadas por pessoas físicas ou jurídicas nos termos do n.º 6 do artigo 27.º da Constituição Espanhola, de acordo com os princípios constitucionais, e sem prejuízo das disposições da Lei Orgânica 6/2001 de Universidades.

---

<sup>4</sup> *Servicio Español para la Internacionalización de la Educación*. Disponível em <http://universidad.es/estudiar-en-espana/porque-espana>. Acesso em 16 de nov. de 2015.

<sup>5</sup> *Servicio Español para la Internacionalización de la Educación*. Disponível em <http://universidad.es/estudiar-en-espana/el-sistema-universitario-espanol>. Acesso em 16 de nov. de 2015.

A Lei Orgânica 4/2007 de 12 de abril<sup>6</sup>, que altera a Lei Orgânica 6/2001, de 21 de dezembro de Universidade "(...) aposta decisivamente para a harmonização dos sistemas de ensino superior sob espaço Europeu do Ensino Superior e assume a necessidade de uma reforma profunda na estrutura e organização do ensino, baseado em três ciclos: licenciatura, mestrado e doutorado".

Os estudos universitários na Espanha são regulados pelo Decreto Real 1393/2007 de 29 de outubro (alterado pelo Decreto Real 861/2010, de 2 de Julho), no qual se estabelece a ordenação do ensino universitário oficial segundo as linhas gerais estabelecidas pelo Espaço Europeu do Ensino Superior (EEES). Assim, são estabelecidos três níveis de estudos superiores: Licenciatura, Mestrado e Doutoramento<sup>7</sup>.

1.º Ciclo: Licenciatura constitui o primeiro nível do ensino universitário e tem uma carga de 240 créditos, repartidos ao longo de quatro anos letivos e está estruturado da seguinte forma:

- Disciplinas de formação básica (mínimo de 60 créditos)
- Disciplinas obrigatórias
- Disciplinas opcionais
- Estágios externos (máximo de 60 créditos)
- Trabalho de fim de curso (mínimo de 6 e máximo de 30 créditos)
- Reconhecimento por atividades culturais (máximo de 6 créditos)

2.º Ciclo: Mestrado que constitui o segundo nível do ensino superior. Estes estudos oficiais têm como finalidade a especialização do estudante na sua formação académica, profissional ou de pesquisa e culminam com a obtenção do título de Mestrado, que é válido em todos os países aderentes ao Espaço Europeu do Ensino Superior (EEES).

3.º Ciclo: Doutoramento que têm como finalidade a formação avançada do estudante nas técnicas de pesquisa. Estão divididos por dois ciclos: um de estudos de, pelo menos, 60 créditos que pode constituir parte de um programa de Mestrado; e outro de pesquisa, que culmina com a defesa pública de um trabalho de tese.

---

<sup>6</sup> *Agencia Estatal Boletín Oficial Del Estado – Ministerio de La Presidencia do Gobierno de España*. Disponível em [http://www.boe.es/diario\\_boe/txt.php?id=BOE-A-2007-7786](http://www.boe.es/diario_boe/txt.php?id=BOE-A-2007-7786) Acesso em 15 nov.de 2015.

<sup>7</sup> *Ministerio de Educación, Cultura y Deporte* - Disponível em <http://www.mecd.gob.es/educacion-mecd/areas-educacion/universidades/educacion-superior-universitaria/organizacion-ensenanza-universitaria/presentacion.html;jsessionid=08E3ACF1C5A0D180D68E8A488FC83A99> Acesso em 15 de nov. de 2015.

De acordo com a Lei Orgânica 4/2007 de 12 de abril, que altera a Lei Orgânica 6/2001, de 21 de dezembro, entre as medidas destinadas a reforçar a autonomia das universidades, um princípio reconhecido no artigo 27 da Constituição Espanhola, a Lei relaxa o sistema de eleição do reitor e permite que as próprias universidades escolham a opção que entenderem. Ela também garante que as decisões de natureza acadêmica das universidades públicas e privadas sejam tomadas por órgãos em que o docente e pesquisador têm representação maioritária. Além disso, a lei adota medidas para garantir o equilíbrio institucional nas universidades e profissionalizar sua gestão.

A Lei manifesta que a universidade deve promover a transferência para a indústria dos resultados de suas pesquisas em coordenação e complementaridade com os outros agentes da ciência e tecnologia. Uma das medidas que contribui para este objetivo é o apoio para a ligação entre a pesquisa universitária e a ciência com o ambiente do sistema de produção e tecnologia através da criação de institutos de investigação conjuntos, que permitam uma relação direta entre agentes e esse sistema. Também visa reforçar os mecanismos de intercâmbio de investigadores entre a universidade e o sistema produtivo.

A Lei também leva em conta a necessidade de reforçar a projeção internacional do sistema universitário espanhol e a mobilidade interuniversitária, promovendo ofertas de ensino e pesquisa nas universidades espanholas.

A Espanha é uma pioneira no trabalho de adaptação dos estudos de turismo para a área Europeia de Ensino Superior. A indústria do turismo é extremamente diversificada e, portanto, resulta em um mercado de trabalho complexo concordando com as várias habilidades e necessidades de treinamento extensivo.

Entre as várias orientações profissionais dos estudos, dois predominam: aquela relacionada com a direção e gestão de empresas de turismo, principalmente ligadas à hotelaria e serviços relacionados; e turístico amplamente, abrangendo desde o planejamento e gerenciamento de atividades no setor público para veículos específicos (turismo cultural, de negócios, etc.) e desenvolvimento de novos produtos (empresas de turismo de aventura, eventos, consultoria, etc.).

Segundo Costa, Umbelino e Amorim (2012) com a finalidade de adequar o ensino em turismo da Espanha às exigências de Bolonha, a *Agencia Nacional de Evaluación de la Calidad y Acreditación* - ANECA desenvolveu um documento intitulado “Título de Grado em Turismo”, no qual articula os conteúdos em blocos de matérias que se relacionam com a lista

de competências necessárias para um graduado em turismo. As matérias citadas são: direção e gestão de empresas de serviços turísticos, fundamentos e dimensões do turismo, gestão de hospedagem e restauração, distribuição turística e transporte, recursos e produtos turísticos, destinos turísticos, línguas estrangeiras aplicadas ao turismo e estágio.

A ANECA<sup>8</sup> é um organismo autónomo atribuído ao Ministério da Educação, Cultura e Desporto, que foi criado pelo artigo 8º da Lei 15/2014, de 16 de setembro, que visa contribuir para a melhoria da qualidade do sistema de ensino superior, através da avaliação, certificação e reconhecimento do ensino, professores e instituições.

A ANECA analisou o elevado grau de implementação de estudos do turismo no ensino superior na Europa e constatou que o curso de turismo não pode ser comparado a um curso de negócios com noções de turismo, pois tem a sua própria identidade e se nutre do conhecimento derivado de outros campos do conhecimento. Mas não pode ser ignorado que estes cursos sofrem de falta de homogeneidade nos estudos e diversidade dos conteúdos. A estrutura da universidade determina, entre outros fatores, a duração dos estudos em turismo.

A implementação da Declaração de Bolonha, em relação ao Espaço Europeu de Educação superior aproximou as estruturas e sistemas de educação universitária em turismo da Europa.

O Processo de Bolonha é uma iniciativa dos governos dos Estados europeus, em conjunto com as suas universidades, a comunidade académica e suas organizações de classe, para a integração dos sistemas de ensino superior, das instituições, estudantes e professores dos países participantes para a construção de uma integração europeia do ensino superior. Conta, para isso, com o apoio e parceria de instituições internacionais europeias, incluindo a própria União Europeia. (FRONZAGLIA, 2015, p. 61).

A ANECA, junto a uma rede de universidades Espanholas, realizou trabalho cujo objetivo era de realizar estudos úteis para a concepção de um curso adaptado para o Espaço Europeu do Ensino Superior (EEES), o Livro Branco. Trata-se de uma proposta não vinculativa a ser apresentada ao Conselho de Coordenação da Universidade e do Ministério da Educação e Ciência para sua informação e consideração. O projeto apresentado inclui muitos aspectos-chave na concepção de um modelo de bacharelado: análise de estudos relevantes ou relacionados na Europa, recursos, qualificação, estuda o emprego dos diplomados, perfis e competências, entre outros.

---

<sup>8</sup> Agencia Nacional de Evaluación de la Calidad y Acreditación (ANECA) – Disponível em <http://www.aneca.es/> Acesso em 15 de nov. 2015.

De acordo com Fronzaglia (2015):

O objetivo colocado pelos membros do Processo de Bolonha foi a construção efetiva do Espaço Europeu de Ensino Superior (EHEA – European Higher Education Area, lançado em 2010) implementando-se a harmonização das estruturas educacionais, jurídicas, normativas e institucionais dos sistemas nacionais de ensino superior a fim de garantir a livre circulação de estudantes e professores entre as universidades dos países participantes. Desta forma, além da maior integração, buscou-se também reforçar (ou retomar) a atratividade e o vigor do ensino superior europeu vis-à-vis a concorrência com as universidades da América do Norte e da China. Atualmente são 50 os Estados membros do EHEA, e constam como membros consultivos, o Conselho Europeu, a UNESCO, a European University Association – EUA, a European Association of Institutions in Higher Education – EURASHE, a European Students Union – ESU, a European Association for Quality Assurance in Higher Education – ENQA, a Education International Pan-European Structure e a BusinessEurope. Cada uma das instituições consultivas desempenha um papel distinto na dinâmica e interação que marca a construção e o funcionamento do Processo de Bolonha. (p. 62).

## 1.2 A internacionalização do ensino superior

Pretendemos aqui estabelecer algumas reflexões sobre o processo de internacionalização pelo qual passam universidades brasileiras e estrangeiras, na tentativa de identificar ações conjuntas de parcerias entre instituições. O cenário no qual se desenvolve a internacionalização é complexo além de existir uma proliferação de novos termos e definições para internacionalização.

Em relação à compreensão do que é internacionalização do ensino superior, Rumbley, Altbach e Reisberg (apud MUCKENBERG, 2014, p. 51) identificam o que consideram oito pontos-chave:

- Mobilidade de professores, pesquisadores e estudantes;
- Educação transfronteiriça ou transnacionais;
- Busca por parte das IES e países de oferecerem um ensino superior de “classe mundial”;
- Intenção de educar para a formação de cidadãos engajados globalmente;
- Predominância da língua inglesa;
- Redes de cooperação;
- Competição internacional;
- Comercialização.

É possível perceber os reflexos da globalização, questões de prioridades financeiras, econômicas e mercadológicas sobre prioridades acadêmicas, científicas e sociais, contudo indicam motivos para internacionalizar oriundos de uma visão estratégica.

De acordo com Acevedo Marin e Brasil (2004):

A internacionalização, entretanto, está posta a partir das evidências de que os países, ao proporcionarem intercâmbio de natureza educacional, produzem, também, divisas. Portanto, nada mais óbvio do que, nos acordos de livre comércio, haja uma inserção destes serviços sobre a visão dos acordos de livre comércio, que dispõem sobre a natureza dos serviços entre os países e o que, destes, pode ser mobilizado em direção à redução das barreiras comerciais ou das imposições governamentais. (p. 14).

Altbach e Knight (2007) já apontavam que as iniciativas internacionais de ensino superior existem em quase todos os países, mas nos países desenvolvidos especialmente as grandes nações de língua inglesa e, em menor medida, os maiores países da UE fornecem a maioria dos serviços, pois esses países adquirem os principais benefícios financeiros e controle da maioria dos programas.

Os motivos para internacionalização direcionam os objetivos, as políticas, os planos, as estratégias, eles guiam o processo de internacionalização, mas é importante trabalhar não só a visão estratégica, mas também a visão humanista, motivos acadêmicos e econômicos simultaneamente.

Diversos autores identificam grupos de motivos para a internacionalização e os classificam, mas essas motivações podem ser interpretadas tanto como um fim a ser atingido como um meio pelo qual se deseja chegar a este fim, podendo ser confundidas com os benefícios desejados pela internacionalização.

Embora haja uma diversidade de maneiras de classificar as motivações elas podem se modificar com o tempo e de acordo com o contexto, pois juntamente com o estabelecimento de objetivos, políticas e estratégias, elas determinarão o modelo de internacionalização de uma IES.

Miura (2006) estudou e discutiu as classificações de vários autores e de acordo com seus estudos identifica três grandes grupos de motivos para internacionalizar: exigências profissionais e acadêmicas que refletem as demandas da globalização na economia, sociedade e mercado de trabalho; necessidade de maior colaboração internacional para a pesquisa e desenvolvimento do conhecimento, com compartilhamento de custos e investimentos;

tecnologias de informação que facilitam e permitem a comunicação e disseminação de conhecimento e distribuição de programas educacionais via *internet*.

Para se falar de cooperação acadêmica internacional ela deve fazer parte da missão das instituições de ensino superior e devemos entender algumas concepções de cooperação internacional, como descreve Canto (1998) “... é um relacionamento extremamente complexo e heterogêneo, onde sempre deverão ser considerados entre outros os interesses políticos e econômicos dos parceiros”.

A cooperação internacional interinstitucional para Stallivieri (2004, p. 26-27) implica algumas condições fundamentais:

- Primeiramente, reconhece a existência de atores, protagonistas da cooperação;
- Em segundo lugar, os participantes devem estar envolvidos e comprometidos com formas de cooperação, levando em conta a disponibilidade de seus recursos humanos e financeiros;
- Os objetivos da cooperação devem estar claramente definidos e coerentes com as estratégias de execução;
- Os projetos devem estar inseridos nos planos estratégicos de desenvolvimento das entidades ou das instituições, otimizando os benefícios e o aprimoramento dos níveis de desenvolvimento dos parceiros;
- O programa de atividades deve ser concretamente estabelecido, respeitando cronogramas e orçamentos previamente definidos; e
- Por último, o estabelecimento de mecanismos deve estar direcionado para o desenvolvimento e para a avaliação das ações de cooperação.

A cooperação deve ser concebida como parte integrante das missões institucionais das instituições de ensino superior considerando que todas buscam pela produção de conhecimento e esse conhecimento deva ser universalizado, já que vivemos um momento de globalização econômica, forte avanço dos sistemas de comunicação e transportes, além do forte apelo para o entendimento das diferenças culturais e sociais.

De acordo com Vilalta:

A internacionalização é um fenômeno em franca evolução, une universidade e conhecimento, e conforme se alerta que existem vários termos relacionados, mas que não definem corretamente internacionalização. O que ressalta é que independentemente da terminologia usada, o processo de internacionalização da educação superior e o processo de globalização requerem novas competências de cunho internacional, criando, portanto, uma série de demandas para as instituições de educação superior. (2012, p. 48).

É fundamental que a internacionalização seja idealizada como uma política que seja articulada de forma a orientar um conjunto de ações em consonância com os objetivos institucionais.

As possibilidades de abordagem do tema incluem a cooperação internacional no sentido geográfico da atividade, mudança estratégica no âmago das instituições quer seja nas questões curriculares, quer seja no tocante aos programas de estudos internacionais, educação multicultural e mobilidade estudantil. Estes tópicos geram novas demandas para as instituições de ensino superior – IES. (VILALTA, 2012, p. 56).

Para Stallivieri (2004) para que as instituições de ensino superior obtenham resultados positivos são pontos prioritários, a definição de metas, a identificação de necessidades e de áreas de excelência institucionais e a implementação de ações que venham a disseminar as formas de internacionalização.

A autora ainda descreve sete tipos de modalidades de cooperação acadêmica internacionais, como:

- Programas de mobilidade: que sem dúvida é um investimento na sua comunidade, tanto docente, quanto discente e também administrativa, pois possibilita partilhar de uma experiência no exterior, abre as portas para se tornar mais conhecida.

- Redes de cooperação internacional: a ligação entre os atores do ensino superior e seus parceiros objetivam a otimização do conhecimento universal para a solução de problemas regionais, nacionais e internacionais. O trabalho das redes repercute em diferentes campos, desde a criação de centros de excelência, fortalecimento da mobilidade entre professores, pesquisadores, alunos e gestores, permuta de informações, viabilidade de publicações científicas.

- Acordos de cooperação: garantia do compromisso de levar adiante o que foi inicialmente acordado entre as partes envolvidas, caracterizam-se como protocolo de intenções que prepara às instituições à celebração de convênios.

- Gestão da cooperação acadêmica internacional: organização de departamentos voltados para o desenvolvimento do processo de internacionalização institucional, esses departamentos, assessorias, diretorias ou coordenadorias devem ter sua identidade própria e claramente definida a sua função junto à instituição.

- Alocação de recursos para a cooperação internacional: para a efetiva internacionalização de uma instituição devem ser destinados recursos humanos e financeiros para a execução de projetos de cooperação.

- Fluxo de informações da cooperação internacional: o fluxo de informações correta e pontual é um dos pilares básicos para os profissionais e gestores que atuam no âmbito das relações internacionais.

- Avaliação e perspectivas da cooperação internacional: os processos de desenvolvimento científico, tecnológico e educacional que as universidades se envolvem são marcadamente internacionalizados, portanto a cooperação internacional é uma necessidade e deve ser concebida como uma política pensada a orientar ações para que sejam atingidos os objetivos institucionais.

No entanto, para que as estratégias de cooperação se consolidem nas universidades é preciso que se discutam a sua forma, os recursos disponíveis, condições de execução, dimensões, entre outros fatores necessários.

Assim, segundo Vilalta:

Ações de cooperação internacional entre as instituições de ensino superior devem se basear na complementaridade de capacidades para a realização de atividades conjuntas e na associação para o benefício mútuo através do fortalecimento institucional e da internacionalização da pesquisa e do ensino. (2012, p. 54).

As diversas modalidades podem ser entendidas como atividades de formação e pesquisa que estejam vinculadas ao fortalecimento das instituições e colabore para que haja qualidade da docência, aumento da mobilidade discente, transferência do conhecimento científico e tecnológico, com projeção institucional das universidades.

As instituições de ensino superior têm se interessado pelo tema da internacionalização desde a década de 1990 de acordo com Vilalta (2012), pois elas perceberam diversas possibilidades para gerar novas demandas através da mobilidade estudantil, educação multicultural, cooperação internacional e mudanças em questões curriculares.

A cooperação internacional é considerada um instrumento para o desenvolvimento de novos modos de gerenciar a educação superior, para testar práticas novas ou já estabelecidas em muitos aspectos do ensino e da pesquisa por algumas universidades. Em boa parte da literatura sobre o assunto, a internacionalização da educação superior passou a ser entendida como um conceito amplo, que pode envolver a cooperação internacional, mas se refere também a mudanças que ocorrem dentro de uma determinada instituição, através de iniciativas políticas ou de caráter específico.

Internacionalização da educação superior é uma denominação para a utilização das atividades de cooperação internacional entre diversas instituições educacionais em todo o mundo. Acevedo Marin e Brasil (2004) já apontavam que este tema foi relevante na agenda mundial da Conferência Mundial da Educação Superior - CMES, realizada em Paris em outubro de 1998. Da mesma forma, a Organização Mundial do Comércio - OMC, no mesmo ano, já polemizava sobre como o Acordo Geral sobre o Comércio de Serviços - GATS deveria tratar os serviços educacionais, dentro deste acordo.

Segundo Acevedo Marin e Brasil o Mercado Comum do Sul - MERCOSUL vem sendo acionado pelo governo brasileiro desde 1998, para encontrar opções que valorizem os serviços educacionais na dimensão da cooperação, lançando programas específicos no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq e na CAPES, que estimulem os Estados brasileiros a beneficiarem-se desta ferramenta para fortalecer o apoio às atividades educacionais nestes países.

Diversos autores destacam que o aumento da mobilidade discente e docente, a possibilidade de uma dimensão internacional no currículo, ênfase em pesquisas, colaborações internacionais, expansão de alianças internacionais e criação de redes acadêmicas são cada vez mais ressaltadas. Também sempre se referem à internacionalização do ensino superior como um processo que responde aos impactos da globalização e liberalização do comércio de serviços educacionais.

Conforme a literatura, a internacionalização do ensino superior traz muitos benefícios para a comunidade acadêmica, que passam do desenvolvimento pessoal, as experiências de aprendizagem dos alunos, desenvolvimento curricular, a colaboração na investigação, cooperação internacional, e compreensão intercultural.

Em estudo feito por Sangpikul (2009) fica evidenciado o valor da internacionalização para o setor de hospitalidade e turismo, “há uma necessidade de internacionalização do programa e currículo com objetivos de preparar e equipar os alunos para os desafios da globalização”. Os docentes defendem que a internacionalização no ensino superior de hotelaria e turismo na Tailândia deve ser visto como uma estratégia proativa que os profissionais da educação devem adotar para que possam preparar os formandos para carreiras em um ambiente de negócios global.

Sangpikul (2009) justifica que este argumento é baseado em vários fatores como: as influências da globalização e do livre comércio de serviços de educação tornaram uma

necessidade para os agentes educativos tailandeses desenvolverem os currículos e prepararem os formandos para carreiras profissionais em um ambiente de negócios competitivo; a indústria da hospitalidade e do turismo é altamente diversificada e internacional. Os graduados que trabalham, por exemplo, em hotéis, companhias aéreas, empresas de turismo devem estar envolvidos com os turistas internacionais e viajantes de negócios de diferentes origens culturais. A atividade turística precisa de gestores especializados em comunicação intercultural, especialmente dado à diversidade de seus clientes e sua força de trabalho cada vez mais diversa, e espera que eles sejam capazes de trabalhar em um ambiente multicultural. Por estas razões, a internacionalização do ensino superior deve ser visto como crucial para programas de hospitalidade e turismo na educação de países turísticos.

Para Pearce (2014) a internacionalização da educação, incluindo a educação em turismo, tem levado a um crescimento em estudos de pós-graduação por estudantes estrangeiros. Grande parte deste crescimento tem sido fora da Ásia e dos países em desenvolvimento, as universidades na América do Norte e no Reino Unido e outros países, como a França que têm programas de turismo bem estabelecidos ou políticas de recrutamento internacionais ativas, desta forma, a investigação em turismo está internacionalizada em várias dimensões.

Para Acevedo Marin e Brasil a questão da internacionalização do ensino superior,

se vincula à visão estratégica das esferas governamentais e de outros setores privados que analisam a educação superior brasileira dos anos 90 não somente a partir da sua dimensão social e política, sobretudo quanto aos problemas de oferta demanda de serviços educativos. (2004, p. 13).

Para as autoras “é um tema, como tantos, que vem ampliando o interesse por seu entendimento em razão das consequências quanto à formação dos grandes blocos econômicos que buscam flexibilizar o comércio e o consumo entre os continentes”. A educação era tratada como um tipo de serviço cujo alcance e interesse dizia respeito aos governos dos países, em razão de tratar-se de um empreendimento intimamente articulado a padrões culturais, valores cívicos e éticos. Ainda segundo as autoras pouco poderia ser notado em relação às possibilidades de “comercializar” os serviços educacionais, todavia os serviços educacionais são participantes ativos na geração das oportunidades de acesso à educação profissional e superior de vários países e, com o advento das tecnologias da informação e comunicação, esse mercado tem se expandido em grande velocidade.

Diversos autores definiram internacionalização do ensino superior conforme quadro abaixo:

### Quadro 1- Descrição de conceitos e características sobre internacionalização

Conceitos e características de internacionalização		
Autor	Conceito	Características relacionadas
Rudzki, 1998	Refere-se a um processo de mudanças organizacionais, de inovação curricular, de desenvolvimento profissional do corpo acadêmico e da equipe administrativa, de desenvolvimento da mobilidade acadêmica com a finalidade de buscar a excelência na docência, na pesquisa e em outras atividades que são parte da função das universidades.	Mudança organizacional, Currículo, Corpo acadêmico e equipe administrativa, Mobilidade acadêmica.
Knight e De Wit, 1999	Processo de integração com dimensão internacional, intercultural para o ensino, pesquisa e funções de serviços da Instituição.	Ensino, pesquisa, funções de serviços da Instituição.
Van Damme, 2001		Mobilidade estudantil, mobilidade de docentes, internacionalização de currículos, abertura de filiais, cooperação institucional e de rede, acordo de reconhecimento mútuo, redes transnacionais de universidades e educação superior virtual transnacional.
Gagel-Ávila, 2003	Significa integrar a dimensão internacional e intercultural e multidisciplinar aos currículos, fomento a mobilidade estudantil, perfil internacional do corpo docente, utilização de métodos pedagógicos, práticas profissionais em ambiente de trabalho internacional e cursos para população estrangeira.	Currículos, mobilidade estudantil e do corpo docente, métodos pedagógicos, ambiente de trabalho internacional e cursos para estrangeiros.
Bartell, 2003	Trocas internacionais relacionadas à educação.	Presença de estudantes, pesquisas, sociedades internacionais para assistência, metas internacionais, cooperação internacional – escola, conselho, grau de imersão internacional do currículo.

Teichler, 2004, (apud Souza, 2010)	Representa a crescente atividade transfronteiriça, ligando os termos internacionalização, europeização e globalização como tendência da transmissão de conhecimento.	Mobilidade física, cooperação acadêmica e transferência de conhecimento acadêmico.
Juan Sebastian, 2004	Introdução da dimensão internacional na cultura e na estratégia da Instituição, nas funções de formação, pesquisa e extensão.	Formação, pesquisa e extensão.
Altbach e Knight (2007)	Conjunto de políticas e práticas empreendidas por sistemas acadêmicos, instituições e indivíduos para lidar com o ambiente acadêmico global.	Formas de Internacionalização: A tradicional a internacionalização dos países em desenvolvimento, internacionalização individual.
Stallivieri, 2009	É um meio para o fortalecimento institucional através da incorporação de padrões internacionais de conteúdos e métodos docentes, temáticas e organização das investigações, bem como das atividades de extensão, ampliando a oferta de capacidades e de produtos docentes e de pesquisa, no âmbito internacional, melhorando a visibilidade e o reconhecimento, além da obtenção de retornos financeiros.	Currículo, metodologia docente, atividades extensão e pesquisa. Organização da instituição.
Gambelam, 2009	Favorece a construção e a socialização do conhecimento além-fronteiras não se processando de forma idêntica em nenhuma parte do mundo, porém é comum em todas as universidades a busca pelo conhecimento apesar das diferentes políticas educacionais.	Cooperação Internacional no sentido geográfico e mudanças nos programas das instituições e em seus objetivos educacionais.
Souza (2010)	A internacionalização está relacionada às práticas exercidas no âmbito da educação por governos e instituições.	Mobilidade e/ou transferência de conhecimento do sistema educacional de um Estado para o sistema de outro Estado.

Fonte: Adaptado de VILALTA, 2012.

O quadro acima oferece um panorama do que já foi descrito por diversos autores em momentos distintos, percebemos que várias vezes surgiram referências aos termos dimensão internacional e intercultural, que são muito significativos quando vivemos um mundo globalizado onde os componentes, o ser humano, o espaço e o tempo são extremamente importantes para o entendimento dessa dinâmica do processo de internacionalização do ensino.

Alguns autores ressaltaram os aspectos ligados ao ensino e à pesquisa, enquanto outros deram ênfase à mobilidade, de toda forma essa discussão contribui para dar visibilidade ao tema, já que a internacionalização do ensino é um conceito extremamente abrangente e gera mudanças dentro das instituições de ensino superior.

Vilalta (2012) ainda ressalta que:

A inserção internacional pode trazer a alunos, professores e gestores o contato com novos conhecimentos, novas habilidades, novos comportamentos que lhes permitam atuar de maneira mais eficaz em contextos multiculturais, um ganho evidente do processo de internacionalização, desde que haja cooperação e não competição entre universidades. (p. 68).

Entende-se que a adoção da internacionalização no ensino superior deve ser uma das maneiras que as IES utilizem para adaptarem às necessidades de um mundo globalizado como forma de sobreviverem neste espaço competitivo.

Também diante do que foi exposto é possível verificar que o processo de internacionalização é um desafio para as IES já que no ensino superior brasileiro é um processo recente e suscita debates quanto suas concepções e consequências, pois implica além dos resultados educacionais em relações culturais.

Se no ensino superior brasileiro a temática internacionalização ainda é um campo relativamente recente e carente de muitas discussões, quanto se fala de internacionalização do ensino voltado ao turismo muito pouco se tem observado, pouco se tem estudado e menos ainda são encontradas bibliografias referentes ao tema, tornando amplo o campo de estudo e investigação.

Para além de um espaço de reflexão,

O turismo é hoje um dos sectores económicos com maior expressão na economia global e, de acordo com as previsões mais credenciadas, deverá assumir-se como o sector que maior desenvolvimento irá ter nas próximas décadas. Este protagonismo, assim como os impactos económicos, sociais e culturais que irá provocar nas sociedades e nas regiões justificam plenamente a necessidade das universidades considerarem o ensino e a investigação do turismo como uma das suas prioridades em termos de criação e gestão do conhecimento. Esta preocupação faz tanto mais sentido quanto mais a universidade se reconhecer um dos *stakeholders* incontornáveis do sistema turístico. (MENDES; CAMPOS, 2014, p. 73).

Mendes e Campos (2014) ainda chamam a atenção para como a educação em turismo tem sido construída nos moldes institucionais e pedagógicos das outras áreas disciplinares, reproduzindo um modelo tradicional de ensino-aprendizagem, “centrado na docência, na

relação formal professor-aluno e na transmissão unilateral de saberes (do docente para o discente)”.<sup>9</sup>

Os autores ainda destacam que:

O ensino e a investigação em Turismo não se podem fazer em espaço fechado. Em virtude da natureza do fenómeno em si, enquanto área do conhecimento, o Turismo carece de uma forte ligação à realidade, assim como de uma ampla abertura a tudo o que está a acontecer no mundo. O turismo é uma manifestação da vida contemporânea e como tal é profundamente influenciado pela globalização das economias e por todas as transformações que estão a ocorrer nos planos político (desregulamentação), económico (globalização dos mercados), tecnológico (revolução na informação), social (comportamento dos consumidores) e ambiental (sustentabilidade e fragilidade dos ecossistemas). (MENDES; CAMPOS, 2014, p. 74).

É possível perceber que existem muitos processos de internacionalização do ensino, dessa forma, vamos tentar identificar as ações utilizadas pelas IES que oferecem o curso superior de turismo no Estado de Minas Gerais.

### **1.3 Internacionalização nas Instituições Federais de ensino de Minas Gerais**

Foram escolhidas a Universidade Federal do Estado de Minas Gerais - UFMG que possui o curso superior em Turismo e o Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG que oferta o curso técnico de nível médio em Turismo e Lazer.

A escolha da UFMG se deu por ser o curso mais antigo da capital que oferta o curso na modalidade presencial e o curso técnico em Turismo e Lazer do CEFET-MG por também ser uma instituição de ensino federal que está introduzindo a internacionalização no nível técnico de ensino.

#### **1.3.1 Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG**

A criação de uma universidade no Estado só veio a concretizar-se em 1927<sup>9</sup>, com a fundação da Universidade de Minas Gerais (UMG), instituição privada, subsidiada pelo

---

<sup>9</sup> Plano de Desenvolvimento Institucional –2013 -2017 – Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <https://www.ufmg.br/> Acesso em 30 de jun. 2015.

Estado, surgida a partir da união das quatro escolas de nível superiores então existentes em Belo Horizonte. A UMG permaneceu na esfera estadual até 1949, quando foi federalizada. Ainda na década de 40, foi incorporada ao patrimônio territorial da Universidade uma extensa área, na região da Pampulha, para a construção da Cidade Universitária. O campus só começou a ser efetivamente ocupado pela comunidade universitária nos anos 60, com o início da construção dos prédios que hoje abrigam a maioria das unidades acadêmicas.

O nome atual - Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG - só foi adotado em 1965.

À época da federalização, já estavam integradas à UFMG a Escola de Arquitetura e as Faculdades de Filosofia e de Ciências Econômicas. Depois, como parte de sua expansão e diversificação, a Universidade incorporou e criou novas unidades e cursos. Surgiram então, sucessivamente, a Escola de Enfermagem (1950), a Escola de Veterinária (1961), o Conservatório Mineiro de Música (1962) e as escolas de Biblioteconomia (1962), Belas-Artes (1963) e Educação Física (1969).

Em 1968, a reforma universitária impôs profunda alteração à estrutura orgânica da UFMG. Desta reforma resultou o desdobramento da antiga Faculdade de Filosofia em várias faculdades e institutos. Surgiram, assim, a atual Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, o Instituto de Ciências Biológicas, o Instituto de Ciências Exatas e seus respectivos ciclos básicos, o Instituto de Geociências e as Faculdades de Letras e de Educação e continua em expansão.

Segundo dados do Instituto de Geociências-IGC, o Curso de Graduação em Turismo da UFMG, que pertence ao Departamento de Geografia, é oferecido na modalidade bacharelado, sendo autorizado a funcionar por meio da Resolução nº 11/2001 de 23 de agosto de 2001, do Conselho Universitário.

O curso objetiva a formação de profissionais<sup>10</sup> aptos a lidar com o planejamento, organização e gestão das atividades e/ou empreendimentos relacionados com o fenômeno "turismo", na linha do Planejamento Territorial. Permite a atuação em setores empresariais e públicos diversificados: entidades e organismos de turismo de âmbito municipal, estadual e

---

<sup>10</sup> Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais - Disponível em: [http://www.igc.ufmg.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=319:apresentacao&catid=46:graduacao&Itemid=289](http://www.igc.ufmg.br/index.php?option=com_content&view=article&id=319:apresentacao&catid=46:graduacao&Itemid=289) Acesso em 30 de jun. 2015.

federal; instituições e centros de ensino, empresas de consultoria, meios de hospedagem; agências e operadoras de viagens; eventos; espaços culturais; entre outros.

O curso tem duração de quatro anos e carga horária de 2.550 horas, divididas em disciplinas obrigatórias, optativas, eletivas, estágio supervisionado e de pesquisa. Oferece 60 vagas sendo 30 distribuídas no primeiro semestre e 30 vagas no segundo semestre, somente no período diurno. Os alunos tem total flexibilidade para compor sua estrutura dentro das disciplinas ofertadas pelo departamento, devendo cumprir os créditos das disciplinas obrigatórias, tem as opções de disciplinas optativas ofertadas pelo departamento e as disciplinas eletivas que podem ser cursadas nos diversos departamentos da Universidade.

A UFMG oferece diversos programas de internacionalização e a Diretoria de Relações Internacionais (DRI) <sup>11</sup> da universidade apresenta-se como instância articuladora das relações acadêmico-científicas internacionais, responsável por captar, implementar e acompanhar projetos e convênios interuniversitários.

Sua missão é inserir a UFMG no cenário internacional, para que se fortaleça a interação com instituições do exterior, assegurando o cosmopolitismo das atividades acadêmicas.

A Diretoria de Relações Internacionais gerencia convênios com inúmeras universidades de diferentes países e recebe, anualmente, centenas de estudantes e um grande número de missões de universidades estrangeiras, entre outras atividades e tem como objetivo desenvolver a colaboração recíproca nas áreas de novas tecnologias, ensino, pesquisa e extensão.

#### Áreas de atuação:

- Construção de parcerias de qualidade com instituições estrangeiras;
- Captação, implementação e acompanhamento de acordos, convênios e programas interuniversitários internacionais;
- Gerenciamento de programas de intercâmbio acadêmico UFMG/exterior e exterior/UFMG;
- Divulgação de oportunidades acadêmicas internacionais junto à comunidade interna e externa à UFMG;
- Realização de missões em instituições estrangeiras de ensino superior e de pesquisa;
- Recepção de missões de órgãos do exterior.

---

<sup>11</sup> Diretoria de Relações Internacionais da Universidade Federal de Minas Gerais - Disponível em: <https://www.ufmg.br/dri/diretoria/apresentacao/> Acesso em 30 de jun. 2015.

A UFMG conta com um comitê de internacionalização<sup>12</sup>. O Primeiro Comitê de Internacionalização da UFMG foi designado em novembro de 2002, pela Portaria da Reitora nº 03845. Tendo em vista o crescimento das atividades de internacionalização da UFMG, a Portaria nº 070, de 23 de agosto de 2012, estabeleceu nova configuração ao Comitê de Internacionalização da UFMG, que passou a ser composto por seis membros, sendo integrado pelo Diretor de Relações Internacionais, que o preside, por dois docentes indicados pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE), dois docentes indicados pelo Reitor e um discente indicado pelo CEPE, tendo todos os membros seus respectivos suplentes.

Ele age como interlocutor entre a DRI e as unidades acadêmicas, analisa processos relacionados à internacionalização da universidade e emite parecer sobre o assunto. Também discute os critérios para a implementação do Fundo para Internacionalização, auxilia na divulgação de chamadas de projetos internacionais e de programas de intercâmbio e participa do acolhimento de missões estrangeiras na UFMG.

O Setor de Intercâmbios<sup>13</sup> é responsável pela preparação e acompanhamento dos intercambistas que chegam ou que saem da UFMG para outros países. Entre suas ações institucionais de internacionalização estão os acordos de cooperação, a participação em redes internacionais e a mobilidade de integrantes do corpo docente e discente.

São vários os programas sob a responsabilidade do Setor de Intercâmbios: Minas Mundi, Ciência sem Fronteiras (CSF), Jovens Pesquisadores Mineiros, Associação de Universidades Grupo Montevideo (AUGM), Acordo Específico para o Intercâmbio de Estudantes Brasil-México (BRAMEX), Erasmus, Grenoble e programas CAPES. Intercâmbios na Alemanha, Bélgica, Canadá, Dinamarca, Eslováquia, Estados Unidos, Finlândia, França, Inglaterra, Ásia, Noruega, República Tcheca, Suécia, Portugal, América Latina, México, Espanha, França e Itália. Programa SANTANDER.

Ciência sem Fronteiras é um programa que busca promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional. A iniciativa é fruto de esforço conjunto dos Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e do Ministério da Educação

---

<sup>12</sup> Comitê de Internacionalização da UFMG. Disponível em: <https://www.ufmg.br/dri/diretoria/comite-de-internacionalizacao/>. Acesso em 30 de jun. de 2015.

<sup>13</sup> Setor de Intercâmbios da UFMG. Disponível em: <https://www.ufmg.br/dri/diretoria/equipe/intercambios/>. Acesso em 30 de jun. 2015.

(MEC), por meio de suas respectivas instituições de fomento – CNPq e Capes –, e Secretarias de Ensino Superior e de Ensino Tecnológico do MEC<sup>14</sup>.

O Programa Minas Mundi está em vigor na instituição há muito mais tempo que o Ciências sem Fronteiras, oferece vagas em mais de 20 países e é aberto a todas as áreas do conhecimento.

A Asociación de Universidades Grupo Montevideo (AUGM) é uma rede de universidades públicas e autônomas de seis países da América do Sul: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai, que compartilham suas vocações, seu caráter público e suas similaridades em estruturas acadêmicas e níveis equivalentes de serviço.

O Programa BRAMEX surgiu a partir do Acordo de Cooperação Acadêmica e Cultural entre a Asociación Nacional de Universidades e Instituciones de Educación Superior de la República Mexicana (ANUIES) e o Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB), que deu origem à assinatura de um Acordo Específico para o Intercâmbio de Estudantes Brasil-México.

Programa Erasmus Mundus<sup>15</sup> para estudantes de graduação e pós-graduação, professores e técnico-administrativos que desejam fazer intercâmbio na Europa. É um programa de cooperação e mobilidade para o ensino superior visando: melhorar a qualidade de ensino superior europeu; promovendo a União Europeia como um centro de excelência de educação em todo o mundo; promove a compreensão intercultural através da cooperação com outros países e o desenvolvimento do ensino superior nesses países.

O Santander Universidades é um programa de bolsas, ciência e inovação, empreendedorismo, transferência tecnológica e apoio a projetos universitários. Dessa forma, contribuí com a internacionalização da atividade acadêmica e com a transferência de conhecimento do campus para a sociedade. O programa de bolsas Ibero-Americanas é uma iniciativa criada para um período de 5 anos (2011 à 2015) com o objetivo de promover o intercâmbio acadêmico anual de estudantes de graduação entre universidades de 9 países da região da Ibero-América: Brasil, Argentina, Espanha, Chile, Colômbia, México, Portugal, Porto Rico e Uruguai.

---

<sup>14</sup> Ciência sem Fronteiras. Disponível em: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa> - Acesso em 30 de jun. 2015

<sup>15</sup> *Education, Audiovisual and Culture Executive Agency (EACEA)*. Disponível em: [http://eacea.ec.europa.eu/erasmus\\_mundus](http://eacea.ec.europa.eu/erasmus_mundus) Acesso em 30 de jun. 2015.

### 1.3.1.1 Estrutura curricular do curso superior de Turismo da UFMG

**Quadro 2 – Estrutura curricular do curso de Turismo da UFMG**

Campo de formação	Disciplinas	Semestre								CH
		1	2	3	4	5	6	7	8	
Conteúdos básicos	Geografia Geral	X								60
	História econômica geral e do Brasil	X								60
	Geografia do Brasil		X							60
	História da Arte Brasileira		X							60
Conteúdos específicos	Economia 1	X								60
	Introdução ao Fenômeno Turístico	X								60
	Inglês Técnico	X								60
	Introdução à Administração		X							60
	Teoria geral do Turismo		X							60
	Francês		X							60
	Administração e Instrumentos Gerenciais			X						60
	Comunicação e Cultura			X						60
	Elementos de Cartografia			X						60
	Planejamento da Indústria do Turismo			X						60
	Planejamento em Comunicação				X					60
	Teoria do Lazer				X					45
	Fundamentos Mercadológicos do Turismo				X					60
	Espanhol para Turismo				X					60
Conteúdos teórico-práticos	Estágio Curricular de Pesquisa					X				120
	Estágio Supervisionado						X			180
	Monografia							X		120
Eletiva		X	X	X	X	X	X	X	X	30/30
										30/30
										30/30
										30/30
Optativa			X	X	X	X	X	X	X	90/90
										90/150
										/90/
										255/60
Total CH										2550 horas

Fonte: Secretaria da Instituição

### 1.3.2 Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG

Um breve histórico do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) será apresentado conforme informações contidas em seu site<sup>16</sup> e no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI). (OLIVEIRA, BAPTISTELLA e FERRÃO, 2012).

O CEFET-MG é uma instituição de ensino centenária, com sua origem no Decreto nº 7.566, assinado pelo Presidente Nilo Peçanha, em 23 de Setembro de 1909 e a partir de 1978 passou a oferecer o Ensino Superior. Durante sua trajetória, o CEFET-MG recebeu diversas denominações como em 1909 – Escola de Aprendizes Artífices de Minas Gerais, em 1941 – Liceu Industrial de Minas Gerais, em 1942 – Escola Técnica de Belo Horizonte, em 1969 – Escola Técnica Federal de Minas Gerais e em 1978 – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.

O CEFET-MG é uma Instituição Federal de Ensino Superior (IFES), caracterizada como instituição multicampi, com atuação no Estado de Minas Gerais é uma autarquia de regime especial, vinculada ao MEC, detentora de autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didática e disciplinar; é uma instituição pública de ensino superior no âmbito da educação tecnológica, abrangendo os níveis médio e superior de ensino e contemplando, de forma indissociada, o ensino, a pesquisa e a extensão, prioritariamente na área tecnológica e no âmbito da pesquisa aplicada.

O CEFET-MG tem sua sede em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, cuja região metropolitana compreende trinta e quatro municípios. A instituição possui três campi em Belo Horizonte e oito nas regiões: da Zona da Mata (Leopoldina), do Alto Paranaíba (Araxá), do Centro-oeste de Minas (Divinópolis), do Sul de Minas (Varginha e Nepomuceno), do Rio Doce (Timóteo) e da Região Central do Estado (Curvelo), na região metropolitana de Belo Horizonte (Contagem). Suas unidades estão em áreas com intenso desenvolvimento industrial.

A instituição oferece ao aluno uma formação acadêmica completa, desde o técnico de nível médio até o doutoramento, proporcionando aos estudantes de todos os níveis integrarem grupos de pesquisas, compartilhando conhecimento e sendo orientados por um corpo docente apto e atuante em todas as camadas de ensino.

---

<sup>16</sup> Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG. Disponível em: <http://www.cefetmg.br/textoGeral/historia.html> Acesso em 30 de jun. 2015.

A educação profissional técnica mudou ao longo da história da instituição, em constante diálogo com a realidade. Desde as primeiras aulas voltadas à capacitação quase artesanal na Escola de Aprendizes Artífices, os cursos acompanharam a crescente industrialização nacional, e hoje envolvem setores de serviço, novas tecnologias e preocupações sociais. Os técnicos certificados pelo CEFET-MG apresentam uma sólida formação científica e tecnológica, além de vivenciarem um ambiente que lhes propicia contato com as novas fronteiras do desenvolvimento e uma visão crítica da sociedade em que estão inseridos e na qual irão atuar. Mesclando tradição e inovação, os cursos técnicos do CEFET-MG auxiliam os alunos na sua formação para o mundo do trabalho e as múltiplas possibilidades e demandas que a sociedade contemporânea nos coloca.

A consolidação do CEFET-MG como uma instituição de ensino superior foi resultado de uma política institucional que consolidou várias áreas do conhecimento, de um intenso programa de capacitação do corpo docente e da constituição de novos grupos de pesquisa. Atualmente, o CEFET-MG oferta 16 cursos de graduação, com cerca de 4000 estudantes.

O CEFET-MG, na década de 80, acertou com a Universidade de Tecnologia de Loughborough um Acordo de Cooperação Técnica, com apoio da CAPES e do Conselho Britânico, para viabilizar um programa de mestrado para aprofundar a capacitação do corpo docente para que, dessa maneira, o CEFET-MG pudesse oferecer outros cursos de graduação além das Engenharias Elétrica e Mecânica. O resultado do projeto foi o Programa de Mestrado em Tecnologia que, já em 1991, possuía seu próprio corpo docente e infraestrutura laboratorial. Em 2013, o CEFET-MG já oferecia sete programas de mestrado, bem como um programa de doutorado.

Os primeiros grupos de pesquisa do CEFET-MG surgiram nos anos 90. Foram os responsáveis pela inscrição junto ao CNPq e com eles tiveram início os Programas de Mestrado. Em 2012, o CEFET-MG já contabilizava 76 grupos ativos de pesquisa, graças à política institucional que gerou apoio e incentivou a formação de novos conjuntos de pesquisadores. Fruto desse trabalho é o aumento no número de mestres e doutores na Instituição. Um aspecto importante dos grupos de pesquisa é a reunião de estudantes de todos os níveis de ensino, isto é, alunos do ensino técnico trabalham juntamente a graduandos, mestrandos e doutorandos. Como resultado, o CEFET-MG possui o maior Programa de Bolsas de Iniciação Científica Júnior do país, com 180 bolsas anuais. A consequência desse trabalho é um aluno com alto nível de conhecimento, especialização e reconhecimento em âmbito internacional.

Entre as atividades desenvolvidas com instituições internacionais, podem-se citar convênios de cooperação acadêmica multidisciplinar com instituições de ensino tecnológico no exterior, na Inglaterra, ainda na década de 80.

Já nas décadas seguintes, tem-se, como exemplo, a cooperação entre o mestrado em Engenharia Civil e a Universidade de Edimburgo, Escócia.

Como fruto dessa cooperação, que passou a ocorrer de forma mais ampla em 1997, registra-se o desenvolvimento do Projeto experimental para avaliação do comportamento e resistência de estruturas em alvenaria. Ainda ligado a esse mestrado, encontra-se, no campo da Engenharia Ambiental, o projeto de Elaboração de modelos de otimização e simulação de sistemas de recursos hídricos de larga escala com análise econômica, em cooperação com os departamentos de Engenharia Civil e Ambiental e Economia e Recursos Naturais da Universidade da Califórnia.

Particularmente, na década de 2000, registra-se, com a França, o desenvolvimento de projeto e produção conjunta na área de ecoconcepção e qualidade ambiental das construções, envolvendo pesquisadores do CEFET-MG e da École National Supérieure des Arts et Métiers. Outro exemplo é a cooperação com a Universidade Politécnica de Valência, Espanha, em pesquisa e produção científica nas áreas de gestão de recursos hídricos e águas subterrâneas, desde 2004.

Muito importante para o atendimento a sua função social, tem sido, também, o intercâmbio sistemático da instituição com outras de ensino tecnológico na Alemanha, desde 1995: as Fachhochschulen, atualmente denominadas Hochschulen. Existem três convênios em operação, firmados com as Universidades de Ciências Aplicadas de Munique, Karlsruhe e da Ostfalia. Nos três casos, a cooperação é mais intensa em atividades de intercâmbio de alunos de graduação. De 2005 a 2010, 61 alunos dos cursos de graduação participaram de programas de mobilidade externa como estagiários em empresas de tecnologia em áreas correlatas a seus cursos de graduação, enquanto também aceitos como alunos especiais das universidades locais. Analogamente, 54 alunos estrangeiros foram recebidos como alunos especiais e realizaram estágios em projetos de pesquisa desenvolvidos na instituição. No caso da Universidade de Ciências Aplicadas de Karlsruhe, há também a cooperação na área da pesquisa, implicando a participação em projetos conjuntos por parte do CEFET-MG, da UFMG e de organismos de fomento da Alemanha. No ano de 2009, foram firmados acordos com as seguintes instituições: Institut Universitaire de Technologie de Grenoble, França, e

Ricerca sul Sistema Energetico de Milão, Itália. Os acordos têm como objetivo o intercâmbio de estudantes, docentes e docentes pesquisadores nas áreas de ciências exatas e da terra (química) e engenharias (engenharia de materiais).

O Pró-África (Edital CNPq) é outro projeto de cooperação interinstitucional que envolve grupos de pesquisa do CEFET-MG, das Universidades Federais da Paraíba e de Campina Grande, da Pontifícia Universidade Católica do Rio (PUC-Rio), da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em cooperação com universidades africanas (Senegal, Nigéria, Argélia, África do Sul e Tanzânia), para pesquisa em materiais de construção de baixo custo e baixo consumo energético.

Como um dos produtos das ações da Secretaria de Relações Internacionais (SRI), em 2008, foram realizadas viagens de caráter técnico-científico ao exterior por cinco doutores à Universidade da Califórnia e à Universidade de Ciências Aplicadas de Munique; pelo Diretor Geral à Austrália, em atividade de cooperação com os centros de pesquisa australianos Commonwealth Scientific and Industrial Research Organisation (CSIRO) e Royal Melbourne Institute of Technology (RMIT); e por dois outros pesquisadores ao Egito e México, como missões científicas relacionadas a projetos de pesquisa em andamento na instituição. Em 2009, três pesquisadores das áreas da educação e da linguística visitaram instituições de educação superior em Portugal e na Hungria. Ainda nesse ano, seis outros participaram de intercâmbio no exterior.

Já nas décadas seguintes, tem-se, como exemplo, a cooperação entre o mestrado em Engenharia Civil e a Universidade de Edimburgo, Escócia.

Em 2010, a instituição contava com treze parceiros internacionais. Recentemente, foram formalizados acordos de cooperação com instituições de educação tecnológica, na França e na Espanha. É importante destacar que a SRI tem como um de seus pontos de apoio o potencial de ampliação da cooperação internacional, vez que vários pesquisadores da instituição possuem experiência internacional, via doutorado pleno ou sanduíche, em centros de excelência como Concordia University, Delft University of Technology, Florida State University, University of California, Imperial College, University of Edinburgh, École Central de Paris.

A Secretaria de Relações Internacionais<sup>17</sup> (SRI) foi criada em 1996, buscando inserir o CEFET-MG em acordos de cooperação interinstitucionais. Ela interage com diferentes canais dispostos a potencializar processos que levem à internacionalização da Instituição, tais como agências de intercâmbio, órgãos federais, estaduais e municipais de relações internacionais, bem como embaixadas e consulados, além de contato direto com instituições de ensino superior.

A SRI trabalha para proporcionar uma internacionalização que passa essencialmente pelo compartilhamento e troca de conhecimento, seja através da mobilidade docente ou através da mobilidade estudantil, mas que acima de tudo estimule o ensino e a pesquisa.

É com essa visão, de compartilhamento e troca de conhecimento, que a SRI do CEFET-MG trabalha e tem como objetivo tornar possível e facilitar o intercâmbio de alunos e servidores com instituições estrangeiras. Através de acordos de cooperação firmados com instituições estrangeiras, a SRI coloca à disposição de seu corpo docente, discente e técnico-administrativo opções de intercâmbio acadêmico e profissional, bem como promove a recepção e orientação de estrangeiros interessados em desenvolver estudos ou pesquisas no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).

De acordo com a SRI, “no mundo contemporâneo, marcado pelos constantes fluxos de informação, bens de consumo, investimentos e conhecimento, estar integrado e atento a essa dinâmica maximiza as possibilidades de inserção bem sucedida nos processos internacionais”.

Ainda de acordo com a SRI “devemos entender o conhecimento como um bem que ultrapassa qualquer fronteira imposta pelo sistema de Estados-Nação e o compartilhamento desse conhecimento poderá proporcionar desenvolvimento econômico, cultural e social das mais diversas populações”.

O CEFET-MG passou, no período 2005-2010, por um processo de crescimento e amadurecimento das atividades de internacionalização. Salienta-se, nesse sentido, o aumento do número de acordos internacionais e de estudantes intercambistas que podem ser visualizados pelo quadro abaixo.

---

<sup>17</sup> Secretaria de Relações Internacionais - Disponível em <http://www.sri.cefetmg.br/> Acesso em 30 de jun. de 2015.

**Quadro 3: Acordos / Programas de cooperação acadêmica internacional**

<b>Instituição</b>	<b>Assinatura</b>	<b>Abrangência</b>
1. Hochschule München (Universidade de Ciências Aplicadas de Munique) -Alemanha	7/3/1997	Intercâmbio de estudantes, docentes e docentes pesquisadores da área das engenharias.
2. Ostfalia Hochschule für Angewandte Wissenschaften (Universidade de Ciências Aplicadas da Ostfalia) –Alemanha	20/11/1997	Intercâmbio de estudantes e docentes da área das engenharias.
3. Hochschule Karlsruhe (Universidade de Ciências Aplicadas de Karlsruhe) - Alemanha	24/11/1997	Intercâmbio de estudantes, docentes e docentes pesquisadores das áreas das ciências exatas e da terra (química), engenharias, e linguística, letras e artes.
4. PEC – G (Programa Estudante Convênio de Graduação) - Brasil	12/12/2007	Formação de estudantes de graduação da área das engenharias, oriundos de países em desenvolvimento, parceiros diplomáticos do Brasil.
5. IASTE (International Association for the Exchange of Students for Technical Experience)	18/11/2008	Intercâmbio de estudantes para estágio remunerado no exterior nas áreas das ciências exatas e da terra (química), ciências sociais aplicadas (administração), engenharias e linguística, letras e artes.
6. KIT (Karlsruher Institut für Technologie) de Karlsruhe - Alemanha	04/2/2009	Intercâmbio de docentes pesquisadores de diversas áreas.
7. Central do Estudante - Brasil	Março/2009	Formação de estudantes de nível médio, oriundos de diferentes países.
8. CNAM (Le Conservatoire National Des Arts Et Métiers) de Paris – França	26/5/2009	Intercâmbio de docentes pesquisadores de diversas áreas.
9. ELTE (Eötvös Lóránd University) de Budapeste – Hungria	01/06/2009	Intercâmbio de estudantes, docentes e docentes pesquisadores das áreas das ciências humanas (educação) e linguística, letras e artes.
10. IUT 1 (Institut Universitaire de Technologie 1 ) de Grenoble - França	08/09/2009	Intercâmbio de estudantes, docentes e docentes pesquisadores das áreas das ciências exatas e da terra (química) e engenharias.
11. RSE S.p.A. (Ricerca sul Sistema Energetico) de Milão - Itália	18/09/2009	Intercâmbio de estudantes e docentes pesquisadores das áreas das ciências exatas e da terra (química) e das engenharias.
12. UAI (Universidad Abierta Interamericana) - Argentina	19/11/2009	Intercâmbio de estudantes, docentes e docentes pesquisadores dos níveis médio e superior de diferentes áreas.
13. Universidade do Porto - Portugal	19/11/2010	Intercâmbio de estudantes e docentes pesquisadores de diversas áreas.
14. Université Lumière – Lyon 2 - França	2011	Intercâmbio de estudantes e docentes pesquisadores da pós-graduação na área de linguística, letras e artes.
15. Universidad de la Coruña	2011	Intercâmbio de estudantes e docentes pesquisadores da pós-graduação na área das engenharias e energia.

16. Facultad de Agronomía de La Universidad de Buenos Aires	2011	Intercâmbio de estudantes e docentes pesquisadores da pós-graduação de diversas áreas.
17. Acordo de adesão ao Programa Ciências sem Fronteiras, do Governo Federal	2011/2012	Intercâmbio de estudantes de graduação nas diversas áreas das engenharias.
18. Universidade do Minho – Braga, Portugal	2012	Intercâmbio de estudantes e docentes pesquisadores da pós-graduação nas áreas de administração, da química e das engenharias.
19. Universidade de Iowa – USA	2013	Intercâmbio de estudantes e docentes pesquisadores da pós-graduação nas áreas das engenharias.
20. Universidade da Cantábria	2013	Intercâmbio de estudantes e docentes pesquisadores da pós-graduação nas áreas das engenharias.
21. IPB - Instituto Politécnico de Bragança, Portugal	2013	Intercâmbio de estudantes, docentes ou pesquisadores em intercâmbio. Todas as áreas de ensino e pesquisa serão consideradas, porém inicialmente se dará prioridade a um domínio de formação técnica, cinco áreas de formação graduada e duas de especialidade complementar.
22. IPT - Instituto Politécnico de Tomar, Portugal	2013	Intercâmbio de estudantes, docentes e pesquisadores da pós- graduação.
23. ISEG - Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa, Portugal	2013	Cooperação entre professores e estudantes ligados às áreas de conhecimento praticadas em suas dependências.
24. MESCYT – Ministerio de Educación Superior, Ciencia Y Tecnología de La República Dominicana, República Dominicana	2013	Intercâmbio de estudantes e docentes pesquisadores.
25. IUC – International Universidad College, Bulgária	2013	Intercâmbio de estudantes e docentes pesquisadores de diversas áreas.
26. UNLP – Universidad Nacional de La Plata, Argentina	2013	Intercâmbio de estudantes, docentes e docentes pesquisadores.
27. UNIBE – Universidad Iberoamericana, República Dominicana	10/12/2013	Intercâmbio de estudantes e docentes pesquisadores.
28. UNAPEC – Universidad APEC, República Dominicana	31/01/2014	Intercâmbio de estudantes, docentes e docentes pesquisadores.
29. Universidad de Medellin, Colômbia	14/03/2014	Intercâmbio de estudantes, docentes e docentes pesquisadores.
30. Loyola, República Dominicana	22/04/2014	Intercâmbio de estudantes, docentes e docentes pesquisadores.
31. Tecnalía, Espanha	28/04/2014	Intercâmbio de docentes pesquisadores de diversas áreas.
32. Universidade Nacional de La Plata	2013	Intercâmbio de docentes pesquisadores de diversas áreas.

Fonte: Secretaria de Relações Internacionais – CEFET-MG

A Educação Profissional Técnica de nível médio visa o preparo para o exercício de profissões técnicas e tem papel estratégico na interlocução do CEFET-MG com a sociedade, segundo o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2005-2010.

Segundo (BRASIL, 2012) o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos (CNCT) elaborado pelo Ministério da Educação (MEC), fica clara a necessidade de criação de cursos do eixo de Turismo, Hospitalidade e Lazer, já que a presença do técnico de nível médio torna-se cada vez mais necessária e relevante no mundo do trabalho, sobretudo em função do crescente aumento das inovações tecnológicas e dos novos modos de organização da produção.

O eixo compreende tecnologias relacionadas aos processos de recepção, viagens, eventos, serviços de alimentação, bebidas, entretenimento e interação. Abrange os processos tecnológicos de planejamento, organização, operação e avaliação de produtos e serviços inerentes ao turismo, à hospitalidade e ao lazer.

As atividades compreendidas neste eixo referem-se ao lazer, relações sociais, turismo, eventos e gastronomia, integradas ao contexto das relações humanas em diferentes espaços geográficos e dimensões socioculturais, econômicas e ambientais. A pesquisa, disseminação e consolidação da cultura, ética, relações interpessoais, domínio de línguas estrangeiras, prospecção mercadológica, marketing e coordenação de equipes são elementos comuns deste eixo.

No CEFET-MG a criação de curso técnico no eixo do Turismo, Hospitalidade e Lazer aconteceu em 1998 dentro da Coordenação de Estudos Sociais e ofertou a primeira turma do Curso Técnico em Turismo e Lazer em 1999 dentro da recém criada Coordenação de Turismo.

Em 2008 foi iniciado um processo de reestruturação do curso para atender à nova proposta do catálogo nacional de cursos técnicos editado em 2008 com novas propostas de ofertas de cursos dentro do eixo. Em 1º de outubro de 2009 a Coordenação de Turismo passou a integrar o recém-criado Departamento de Ciências Sociais Aplicadas, que a partir do ano de 2013 passou a ofertar o curso Técnico em Hospedagem de acordo com nova proposta do MEC e o curso Técnico em Turismo e Lazer foi descontinuado.

A designação do curso Técnico em Hospedagem<sup>18</sup> está definida no Catálogo Nacional de Cursos Técnicos (CNCT), instituído pelo Parecer CNE/CEB 11/2008, implantado pela Resolução nº 3 de 9 de julho de 2008. As formas de oferta do curso estão de acordo com os Artigos 39 e 40 da Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.

O Técnico em Hospedagem do CEFET-MG é um profissional de nível médio, com formação e capacitação que o habilita a atuar em meios de hospedagem. Também deverá ser capaz de realizar rotinas operacionais e técnicas, coordenando equipes de trabalho e operacionalizando e comercializando os espaços e serviços dos meios de hospedagem com ética e responsabilidade ambiental e social.

Trata-se de um profissional com formação humanística, multidisciplinar, crítica e dinâmica, consciente da sua responsabilidade em colaborar com ações cidadãs, ambientais e éticas na construção de uma sociedade baseada nas premissas do desenvolvimento sustentável.

No ano de 2014 dois alunos concluintes do curso técnico de Turismo e Lazer foram selecionados para efetuarem seus estágios obrigatórios em experiências internacionais como forma de testar a possibilidade de se iniciar parcerias de internacionalização para o nível técnico de ensino médio. Como os alunos cumpriam os pré-requisitos (18 anos completos e domínio de idioma estrangeiro) e já tinham cursado todas as disciplinas do curso técnico, só faltando o estágio para colação do grau, eles partiram para o estágio, um para o Instituto Politécnico de Tomar (IPT), em Portugal e outro para *International University College* (IUC), na Bulgária.

A experiência abriu portas para que o CEFET-MG buscasse novas parcerias internacionais para o nível técnico e já em 2015 foi lançado o 1º edital para Ensino Técnico sem Fronteiras com Association of Colleges (AoC) do Reino Unido.

---

<sup>18</sup> Departamento de Ciências Sociais Aplicadas do CEFET-MG. Disponível em [http://www.dcsa.cefetmg.br/site/ensino/tecnico\\_hospedagem/index.html](http://www.dcsa.cefetmg.br/site/ensino/tecnico_hospedagem/index.html) Acesso em 01 de jul. 2015.

### 1.3.2.1 Estrutura curricular do curso técnico de nível médio em Turismo e Lazer do CEFET-MG

Formação técnica com 1.333,4 horas e exercício orientado da profissão com 480 horas, totalizando 1.813,4 horas. Este curso foi descontinuado em 2013.

**Quadro 4 - Estrutura curricular do curso técnico de nível médio em Turismo e Lazer**

DISCIPLINAS	1º ANO	2º ANO	CH/A
Educação Patrimonial	2		80
Teoria e Prática de Lazer, Recreação e Animação Cultural	2	-	80
Cultura Brasileira II	2	-	80
Matemática Aplicada	2	-	80
Teoria do Turismo	2	-	80
Teoria e Prática do Turismo		2	80
Geografia e Turismo	2	-	80
História de Minas Gerais	-	2	80
Teoria e Prática de Turismo e Meio Ambiente	-	2	80
Inglês Aplicado – I	2	-	80
Espanhol Aplicado – I	2	-	80
Teoria e Prática de Agência de Viagens e Transportes Turísticos	-	2	80
Administração e Marketing em Turismo	2	-	80
Teoria e Prática de Empreendedorismo	-	2	80
Teoria e Prática de Promoção de Eventos	-	2	80
Língua Portuguesa Aplicada	-	2	80
Teoria e Prática de Hotelaria	2	-	80
Teoria e Prática de Alimentos e Bebidas	-	2	80
Inglês Aplicado – II	-	2	80
Espanhol Aplicado – II	-	2	80
<b>C. Horária semanal total (h/a)</b>	<b>20</b>	<b>20</b>	
<b>C. Horária Total do curso</b>			<b>1.600</b>

Fonte: Projeto Político Pedagógico do curso

### 1.3.2.2 Estrutura curricular do curso técnico de nível médio em Hospedagem do CEFET-MG

Formação Técnica em 933,3 horas e exercício orientado da profissão em 480 horas, totalizando 1.413,3 horas. Este curso começou a ser ofertado a partir de 2013.

**Quadro 5 - Estrutura curricular do curso técnico de nível médio em Hospedagem**

DISCIPLINAS	1º ANO	2º ANO	CH/A	HORAS
Fundamentos de Hospitalidade	2		80	
Cultura e Patrimônio	2		80	
Teoria e Prática de Governança	2		80	
Teoria e Prática de Recepção		2	80	
Legislação e Relações Interpessoais	2		80	
Inglês Aplicado	2		80	
Espanhol Aplicado	2		80	
Teoria e prática de Administração	2		80	
Língua portuguesa Aplicada e Redação	2		80	
Teoria e Prática de Eventos		2	80	
Teoria e prática de Empreendedorismo		2	80	
Teoria e Prática de Reservas		2	80	
Teoria e Prática de Alimentos e Bebidas		2	80	
Gestão da Qualidade		2	80	
Responsabilidade Ambiental		2	80	
<b>C. Horária semanal total (h/a)</b>				
<b>C. Horária Total do curso</b>	<b>14</b>	<b>14</b>	<b>1.120</b>	

Fonte: Projeto Político Pedagógico do curso

O novo curso estruturado de acordo com o catálogo nacional de cursos técnicos passa a ter conteúdo mais específico de uma das áreas do Turismo.

#### 1.4 Internacionalização na Universidade de Girona (UdG) – Girona / Espanha

A Universidade de Girona<sup>19</sup> é uma instituição pública que busca a excelência em ensino e pesquisa e participa do progresso e do desenvolvimento da sociedade através da criação, transmissão, divulgação e crítica da ciência, tecnologia, humanidades, ciências sociais e artes.

A Universidade de Girona está enraizada na cultura do país catalão e é um dos principais motores do ambiente econômico e cultural. Ao mesmo tempo, expressa a vocação de universalidade e de abertura a todas as tradições, os avanços e culturas. A Universidade é baseada na cidade de Girona e integrada ao sistema de universidades públicas catalãs.

A Universidade de Girona<sup>20</sup> é herdeira do chamado Levantamento Geral. Foi criada em 1446 pelo rei D. Afonso, que concedeu o privilégio de Girona a atribuição de diplomas em gramática, retórica, filosofia e teologia, direito e medicina. A iniciativa educativa foi realizada por prefeitos municipais e da Igreja, mas as aulas não começaram oficialmente até 1572 nas proximidades do que hoje é conhecido como o edifício As Águias, construído especificamente como sede da universidade. Os estudos universitários foram estendidos até 1717, quando a universidade foi fechada pelo Decreto de Nova Planta e perda da identidade política da Catalunha.

Durante o século XIX, como resultado da revolução liberal, o conselho da cidade solicita à chamada Universidade Livre de Girona, que oferece estudos em Direito e Farmácia até 1874.

A história recente da Universidade de Girona tem como referência a Escola Normal de Professores, em particular, as iniciativas realizadas nos anos sessenta do século XX, a fim de estabelecer novos estudos universitários em Girona. Universidade de Girona, Colégio e Escola Politécnica são criados. Posteriormente, se recupera o Levantamento Geral, estudos domiciliares nas humanidades, negócios, ciência e ciências sociais. Finalmente, em 1991, um

---

<sup>19</sup> Universitat de Girona. Disponível em: <http://www.udg.edu/tabid/1156/language//default.aspx> Acesso em: 05 de mai. 2015.

<sup>20</sup> Universitat de Girona. Disponível em: <http://www.udg.edu/coneix/LaUdG/Historia/tabid/1157/language/ca-ES/Default.aspx> Acesso em: 05 de mai. de 2015.

decreto do governo regional criou a nova Universidade de Girona, com a colaboração de várias culturas universitárias que fazem Girona em um ponto multidisciplinar de referência.

A Universidade de Girona tem três campi separados: Montilivi, Cidade Velha e Centro. O campus Montilivi é recém-construído, com edifícios de referência em um espaço aberto; o campus da Cidade Velha, erigido pela reabilitação de edifícios históricos, parte do patrimônio histórico da cidade; Campus Centro está agrupado em torno da antiga Escola Normal, restaurada e transformada em duas escolas de acolhimento. Bem no meio do centro comercial de Girona se encontra o edifício Mercadal, sede da Fundação UdG de Inovação e Treinamento. Uma nova área de desenvolvimento da Universidade é ocupada pelo Parque de Ciência e Tecnologia, perto da Creueta.

A Escola Oficial de Turisme de la Generalitat de Catalunya<sup>21</sup> (EOTC) foi criada em 1989 com o objetivo de transmitir a educação que leva o título de Tècnic en Empreses i Activitats Turístiques (TEAT), faz parte do consórcio Institut Superior d'Estudis Turístics (INSETUR) e tem a sede oficial na cidade de Girona. Em 1997, a escola é ligada à Universidade de Girona. Esta filiação permite a entrega de Diploma em Estudos de Turismo a partir do ano letivo 1997-1998.

Em 1998 INSETUR decidiu mudar a sede da EOTC para a cidade de Sant Feliu de Guíxols e a mudança ocorre escalonadamente. O ano letivo de 1999-2000, os alunos e os funcionários da equipe já estão em Sant Feliu e ocupam provisoriamente o Mosteiro, edifício histórico doado pela prefeitura. No ano de 2002 a escola está integrada na Universidade de Girona, com o nome de Escola de Turismo. A UdG torna-se a primeira universidade pública da Catalunha oferecendo estudos em turismo.

Com o acordo do Conselho Escolar e da ratificação do Conselho de Administração da Universidade de Girona, no segundo semestre do ano letivo de 2004-2005 a Escola Superior de Turismo retorna para a cidade de Girona, Campus Cidade Velha e ocupa construção provisoriamente na Rua Alemães.

No ano letivo de 2005-2006 do Centro iniciou-se o processo para a criação da faculdade. Finalmente, no dia 04 de dezembro de 2007 foi publicada no Diário Oficial da cidade de Girona - DOGC a transformação do Centro em Faculdade de Turismo.

---

<sup>21</sup> Universitat de Girona. Disponível em <http://www.udg.edu/ft/Lafacultat/Història/tabid/338/language/ca-ES/Default.aspx> Acesso em: 05 de mai. de 2015.

Durante esses anos, a Escola tem crescido incorporando Publicidade e Relações Públicas e da implementação e consolidação do Mestrado em Gestão e Planejamento Turístico, o Mestrado Europeu em Gestão de Turismo (EMTM) Erasmus Mundus Europa e um Mestrado em Turismo Cultural. Neste momento, a Faculdade tem mais de 1.000 alunos.

Em setembro de 2011 decidiram compartilhar espaços com os colegas na Faculdade de Letras e estabeleceu a sua sede no edifício de Sant Domènec.

A Oficina de Relações Exteriores (ORE)<sup>22</sup> da UdG tem a missão de:

- Ser o valor de referência para programas de mobilidade para a internacionalização da Universidade de Girona. Dentro da Universidade, isto significa estimular, facilitar o canal de iniciativas que surgem a este respeito. Fora de Girona, isso significa ser a porta de entrada, o ponto focal para outros membros de comunidades universitárias e instituições de outros países que desejam colaborar e / ou estudar na universidade.
- Colaborar na elaboração da política internacional de Girona;
- Garantir e controlar a implementação desta política.
- Ser o suporte para os chefes de governo de Girona quando participam em reuniões institucionais internacionais. A ORE coleta informações sobre o envolvimento de Girona em redes e associações internacionais e colabora no processamento e gerenciamento de projetos de diferentes dimensões.
- Colaborar na melhoria do conhecimento fora da Universidade, participando de fóruns e feiras que são consideradas relevantes.
- Coordenar e gerir a oferta de alojamento UdG em relação à mobilidade internacional de entrada e saída.

A política de internacionalização<sup>23</sup> da UdG inclui a promoção ativa de uma vasta gama de atividades acadêmicas: a mobilidade de estudantes de licenciatura e pós-graduação, a mobilidade de professores e pesquisadores, mobilidade e serviços de administração, de programas conjuntos de estudos em graduação e pós-graduação, redes de colaboração no

---

<sup>22</sup> Universitat de Girona. Disponível em: <http://www.udg.edu/tabid/5212/Default.aspx> Acesso em 01 de jul. de 2015.

<sup>23</sup> Universitat de Girona. Disponível em: <http://www.udg.edu/mobilitat/Convenis.xarxesiprojectesinternacionals/Convenisd%E2%80%99intercanvi/tabid/17535/language/ca-ES/Default.aspx> Acesso em 01 de jul. de 2015.

ensino e pesquisa e presença institucional nas principais instâncias de debate e decisão. Isto é conseguido principalmente através da promoção de acordos de intercâmbio e adesão a redes internacionais.

Um acordo é um documento que se inscreve entre as duas partes em que se exprime a vontade e o compromisso de desenvolver atividades planejadas de interesse comum.

Na Universidade de Girona, como resulta do artigo 97.1 do seu Estatuto, a assinatura dos acordos é da responsabilidade do Reitor/a, que pode delegar a sua representação. Atualmente, ORE tem delegado ao vice-reitor a responsabilidade pela elaboração, assinatura e registro de contratos de convênios específicos de intercâmbio.

Uma das principais características da UdG é a importância dada à dimensão internacional, que deve chegar a todos os setores da comunidade universitária. Isto é possível graças às relações institucionais estabelecidas e regulamentadas por meio de acordos e programas de intercâmbio, bem como programas de bolsas específicas disponíveis para apoiar esta atividade que também incluem subsídios para as pessoas com necessidades especiais.

Na Universidade de Girona, todos esses elementos são gerenciados pelo Escritório de Relações Exteriores que também é a unidade administrativa responsável pela recepção dos participantes desses programas de outras universidades. A sede também é responsável pelo alojamento na UdG, que apesar de ser parte da acolhida ao estudante é terceirizada.

Os programas de mobilidade e intercâmbio oferecidos pela Universidade de Girona são:

- Ciência sem fronteiras: é um programa especial para a mobilidade internacional de Ciência, Tecnologia e Inovação financiado pelo governo do Brasil. O objetivo é aumentar a presença de estudantes, professores e pesquisadores em instituições brasileiras de excelência fora do Brasil, bem como aumentar a presença de estudantes estrangeiros e instituições acadêmicas no Brasil.
- O programa Comenius visa reforçar a dimensão europeia no domínio da educação primária e secundária, promovendo a mobilidade e cooperação entre as escolas. Embora o programa ser voltado, principalmente, para escolas primárias e secundárias, as universidades têm entrado como instituições de formação de professores ou elas podem criar ferramentas para o ensino.

- EDULINK é financiado pela União Europeia, este programa apoia projetos conjuntos entre instituições de ensino superior na Europa e nos países África, Caribe e Pacífico.
- ERASMUS MUNDUS é um programa de cooperação e mobilidade no domínio do ensino superior que visa melhorar a qualidade do ensino superior europeu através da cooperação com países terceiros. Ele também ajuda a aumentar a mobilidade entre a UE e estes países. O programa Erasmus Mundus é dividido em três ações:
  - Ação 1: Dedicado a instituições de ensino superior que pretendam implementar programas de mestrado conjuntos e doutorados oferecidos por um consórcio de países europeus. Os consórcios devem incluir um mínimo de cinco instituições de ensino superior de pelo menos três países europeus e um número de instituições de ensino superior em determinadas regiões fora da Europa.
  - Ação 2: Dedicada a apoiar o estabelecimento de parcerias de cooperação entre instituições de ensino superior europeias e instituições de ensino superior em países terceiros, com o objetivo de organizar a mobilidade entre os parceiros europeus e de outros países. Para atingir este objetivo, são concedidas bolsas de estudo de duração variável, em função das prioridades definidas pelo país europeu.
  - Ação 3: Dedicado a atividades de apoio relacionadas com a dimensão internacional de todos os aspectos do ensino superior europeu, como a promoção, a acessibilidade, a garantia da qualidade, reconhecimento de créditos, o reconhecimento mútuo das qualificações, o desenvolvimento curricular e a mobilidade.
- O programa setorial GRUNDTVIG objetiva melhorar a qualidade e a dimensão europeia da educação de adultos no sentido mais amplo, incluindo a educação formal, não formal, aprendizagem informal e autoaprendizagem. Embora as universidades não serem o destinatário imediato deste programa podem participar como instituições que realizam atividades de pesquisa e desenvolvimento no currículo para adultos ou oferecer oportunidades educacionais para alunos adultos.
- O programa Leonardo da Vinci destina-se a atender às necessidades de ensino e aprendizagem para todos os envolvidos na educação e formação, bem como dos estabelecimentos e organizações que oferecem ou promovem essa formação. Neste contexto, o financiamento de uma vasta gama de ações, incluindo a mobilidade

transnacional e projetos europeus centrados no desenvolvimento e transferência de inovação e redes. Todos os projetos financiados pelo programa Leonardo da Vinci contam com a participação dos parceiros europeus. O programa organiza os alunos na sua formação profissional inicial, as pessoas que estão no mercado de trabalho e da educação e da formação profissional, bem como qualquer organização que operam neste domínio.

- ERASMUS+ é um programa para o período 2014-2020. Entrou em vigor em 1º de janeiro de 2014 e é parte da estratégia Europa 2020 que engloba todas as iniciativas de educação, formação, juventude e desporto em todos os níveis: escola, formação profissional, ensino superior e educação de adultos.
- TEMPUS: apoia a modernização do ensino superior e cria um espaço de cooperação com os países vizinhos da UE, que abrange atualmente 27 países nos Balcãs Ocidentais, Europa Oriental, Ásia Central, norte da África e do Oriente Médio. Tempus financia dois tipos de ações:
  - Projetos conjuntos: parcerias entre instituições de ensino superior na UE e países parceiros. Eles podem desenvolver, modernizar e disseminar novos currículos, métodos ou materiais didáticos, além de promover a garantia de qualidade na gestão das instituições de ensino superior.
  - Medidas estruturais: para desenvolver e reformar as instituições e sistemas de ensino superior nos países parceiros para melhorar a sua qualidade e relevância, e melhorar a convergência com a evolução na UE.

As associações são formadas por consórcios de organizações, incluindo instituições de ensino superior, empresas, ministérios, ONGs e outras organizações que trabalham no ensino superior, tanto nos países da UE e parceiros. Pelo menos deve haver três instituições de ensino superior na União Europeia.

### 1.4.1 Estrutura curricular do curso superior de Turismo da UdG

A estrutura do curso graduação em Turismo da Faculdade de Turismo de Girona segue a estrutura de módulos onde: B = formação de base; OB = obrigatória; OP = optativa; PE = estágios; TFG = trabalho de conclusão.

#### 1º ano

##### **Fundamentos e dimensões de turismo (B): 30,00 créditos**

Disciplinas de 6 créditos: Introdução ao Turismo; Dimensão sociocultural do turismo; Dimensão econômica do mercado de turismo; Dimensão territorial do turismo; Dimensão jurídica do turismo.

##### **Técnicas financeiras e comerciais de empresas turísticas (B): 12,00 créditos**

Disciplinas de 6 créditos: Marketing turístico; Contabilidade das empresas turísticas.

##### **Técnicas turísticas (B): 12,00 créditos**

Disciplinas de 6 créditos: Técnicas quantitativas e qualitativas aplicadas ao turismo; Técnicas de informática e comunicação.

##### **Línguas estrangeiras aplicadas ao turismo (OB): 6,00 créditos**

Disciplinas de 6 créditos: Alemão inicial; Alemão básico; Inglês avançado 1; Francês inicial; Francês básico; Italiano inicial; Russo inicial; Inglês Avançado 2; Inglês domínio funcional eficaz 1; Inglês domínio funcional eficaz 2; Alemão primeiro limiar; Alemão segundo limiar; Francês limiar; Francês avançado 1; Francês avançado 2 e Alemão avançado.

#### 2º ano

##### **Línguas estrangeiras aplicadas ao turismo (OB): 12,00 créditos**

##### **Destinações Turísticas (OB): 24,00 créditos**

Disciplinas de 4 créditos: Patrimônio das destinações; Gestão pública das destinações; Políticas de promoção e informação de destinos.

Disciplinas de 6 créditos: Tipologias e estratégias de destinações turísticas; Ordenamento e planejamento do território.

##### **Organização e gestão de empresas de turismo (OB): 12,00 créditos**

Disciplinas de 6 créditos: Gestão financeira e controle de empresas turísticas; Organização de empresas turísticas.

##### **Gestão de alojamentos, intermediação e distribuição turística (B): 12,00 créditos**

Disciplinas de 6 créditos: Gestão de alojamentos e restauração; Gestão de intermediação, transporte e distribuição.

### **3º ano**

**Línguas estrangeiras aplicadas ao turismo (OB): 12,00 créditos**

**Recursos e produtos turísticos (OB): 24,00 créditos**

Disciplinas de 4 créditos: Administração pública de recursos.

Disciplinas de 5 créditos: Gestão dos recursos turísticos; Gestão do Patrimônio Cultural; Criação de roteiros e pacotes turísticos; Criação e comercialização de novos produtos.

**Gestão estratégica das empresas turísticas (OB): 12,00 créditos**

Disciplinas de 4 créditos: Análise estratégica de mercados turísticos; Gestão Estratégica; Gestão da dinâmica competitiva.

**Estágio (PE): 12,00 créditos**

### **4º Ano**

**Línguas estrangeiras aplicadas ao turismo (OP): 6,00 créditos**

Disciplinas de 3 créditos: Chinês 1; Chinês 2; Italiano 1; Italiano 2; Francês IV; Alemão IV; Russo 1; Russo 2; Quarta língua 1; Quarta Língua 2; Alemão terceiro idioma 1; Alemão terceiro idioma 2; Francês terceiro idioma 1; Francês terceiro idioma 2.

**Optativa (OP): 33,00 créditos**

Disciplinas de 3 créditos: Análise turismo cultural; Análise estratégica do setor do turismo; Comercialização de produtos turísticos; Criação de empresas de turismo; Gestão hoteleira; Administração e gestão de pessoal; Desenho de processos operacionais no setor do turismo; Economia do turismo na Catalunha; Intermediação em turismo; Empreendedorismo; Empresas de Lazer; Estratégias de áreas turísticas; Estruturas e equipamentos; Gastronomia e enologia; Gestão da informação turística; Gestão da qualidade em organizações de turismo; Gestão de Rentabilidade; Gestão do turismo urbano; Gestão de negócios das atividades turísticas; Gestão financeira das agências de viagens; Gestão operacional das agências de viagens; Gestão operacional do alojamento; Guiamento turístico; História da Arte; Interpretação patrimonial do turismo; Introdução à restauração; Legislação de alojamentos; Literatura e viagens; Nutrição e Dietética; Lazer e sociedade desenvolvida; Escritórios de turismo e informações turísticas; Operações de governança; Ordenação áreas turísticas; Patrimônio natural; Patrimônio turístico da Catalunha; Patrimônio turístico da Espanha;

Política de turismo cultural; Políticas de planejamento do turismo; Políticas de lazer; Potencialidades turísticas regionais; Programação de roteiros turísticos; Sistemas globais de distribuição; Sociologia do turismo; Técnicas de comunicação aplicada ao turismo; Transporte turístico; Turismo e meio ambiente; Turismo Sustentável; Turismo alternativo; Política turística e crise; Geografia turista da América; Novos turistas; Proteção do turista como consumidor; Turismo solidário e de cooperação; Escritórios de turismo e técnicas locais; Turismo de negócios e eventos; Protocolo de eventos; Habilidades comunicativas; Alojamento extra hoteleiros; Intermediação turística e vendas on-line; Instalações de lazer; Turismo 2.0; Turismo esportivo; Viagens de estudos; Animação sociocultural; Culturas aborígenes; Competências de gestão e comunicação; Gestão de serviço e atenção ao cliente; Organização de congressos e eventos; Publicidade e relações públicas; Direção de turismo rural; Gestão de Cruzeiros; Turismo, distribuição e logística; Gestão de aeroportos; Gestão de negócios esportivos e de aventura; Direito tributário; Ética do Turismo e cooperação internacional; Técnica de pesquisa de mercado turístico; Gestão financeira para empresas de turismo; Contabilidade financeira; Contabilidade e custos em empresas de turismo; Mercados de turismo emergentes; Animação turística e hotéis; Operações e processos de produção em agências de viagens; Operações e processos de produção de catering; Qualidade na hotelaria; Habilidades de apresentação e fala em público, em inglês; Trabalho em equipe e liderança; Relações com os clientes para o turismo; Planejamento e abertura de alojamento turístico; Organização e administração de empresas de intermediação turística; Plano de marketing; Gestão da qualidade; Técnicas de negociação e resolução de conflitos; Comunicação persuasiva; Direito administrativo; Legislação turística pública na Catalunha e na Espanha; Legislação turística europeia; Informações e comercialização de produtos turísticos; Centros de gestão operacionais e redes de informação turística; Matemática financeira; Contabilidade de custos; Métodos e técnicas de pesquisa; Globalização e multiculturalismo; Gestão dos bens culturais; Gestão dos recursos naturais; EUA: mitos e realidades; Inglês para negócios; Turismo cultural no mundo oriental; Turismo cultural no ocidente; Grandes museus do mundo; Tópicos de turismo; Políticas econômicas turísticas; Patrimônio religioso; Cinco áreas turísticas de grande relevância turística; Geografia turística da Ásia; Geografia turística de África; Análise de tipologias turísticas; Análise de destinações turísticas; TIC e turismo; Responsabilidade social em turismo; Competitividade dos destinos turísticos; Atualidades econômicas em turismo; Novas demandas turísticas; Sociologia do turismo e do lazer; Turismo de cruzeiros; Culturas antigas e novos recursos; Propriedades de uso turístico;

Turismo e gênero; Áreas naturais protegidas; Atividades públicas para fomentar o setor do turismo; Viagens e viajantes.

Disciplinas de 6 créditos: Estágio extra 1; Estágio extra 2.

Disciplinas de 21 créditos: Administração e gestão de alojamentos turísticos.

**Trabalho de conclusão (GFT): 15,00 créditos**

### **1.5 A internacionalização na Escola de Hotelaria e Turismo de Girona - EHTG**

Atualmente, o setor do turismo e hospitalidade na Espanha é um dos primeiros setores da economia que gera volume de receitas dos negócios de que o Estado não pode ignorar que representa, sobretudo economicamente e profissionalmente, bem como a importância do número de postos de trabalhos que os negócios geram.

A formação profissional em hotelaria e turismo projetou cursos de especialização em todos os subsetores da hotelaria e turismo, e é o ponto de capital indiscutível para a população que quer se tornar um profissional neste setor.

Proporcionar uma bagagem profissional necessária para trabalhar em uma agência de viagens, ser guia de turismo, gerir um hotel desde a recepção, dirigir uma cozinha, ser um animador turístico, dirigir os serviços de um quarto de hotel ou restaurante, cozinhar, servir clientes do restaurante ou preparar sobremesas e bolos são especialidades que os profissionais podem cursar na escola.

Esta formação dá-lhes as habilidades necessárias para trabalhar em um setor que se baseia em relações humanas e atitudes necessárias aos clientes, permitindo que os ajude a descobrir um mundo de emoções, bem-estar e felicidade.

São oferecidos cursos de nível técnico de formação em: Cozinha e gastronomia; Serviços de restauração; Padaria, pastelaria e confeitaria.

No nível superior são oferecidos os cursos: Animação turística; Agências de viagens; Gestão de eventos; Gestão de acomodações turísticas; Gestão de serviços de restauração; Gestão de cozinha; Guia, informação e assistência ao turista.

Segundo Vinõlas e Angels<sup>24</sup> uma vez acabado o ensino secundário os alunos podem entrar para os estudos de turismo, é um nível inferior à universidade, mais profissional. “Quando os alunos aprendem turismo na carreira universitária de turismo os conhecimentos são muito mais genéricos e mais conceituais, aqui são mais concretos, sobre um tema”.

Na escola as especialidades são alojamento turístico, guias e informadores turísticos, animadores turísticos, agências de viagens, portanto “todos os estudos estão muito mais centrados, tanto de conhecimentos como de práticas instrumentais, mais dedicadas aos estudos que fazemos”.

Na EHTG os cursos são ofertados por módulos, mas um módulo sozinho não dá uma titulação, dá uma unidade de competência. Elas explicam que a maioria dos estudantes faz inglês e francês, mas elas também recomendam que estudem a parte de lá, pois muitos podem ir ao estrangeiro fazer práticas e inclusive trabalhar nos lugares turísticos. Agora mesmo foram contatados por uma empresa polaca que contrata pessoas para trabalhar em cruzeiros, segundo Viñolas e Angels.

Na escola tem cursos de grau médio e grau superior, grau superior é para turismo, grau médio é para cozinha e serviços de pastelaria. As idades de 16 a 18 para grau médio e grau superior a partir de 18 anos, mas cada vez temos alunos de idades mais avançadas, às vezes são mais velhos até que os professores (2015).

A escola começou a oferecer o programa de internacionalização Erasmus+ que tem por objetivo reforçar as competências e a empregabilidade, bem como modernizar a educação, a formação e a animação de juventude.

O Erasmus+ é um novo programa da UE que visa melhorar as competências e a empregabilidade através de iniciativas no domínio da educação, da formação, da juventude e do desporto, no período entre 2014 e 2020 europeus irão beneficiar de oportunidades para estudar, seguir uma ação de formação, adquirir experiência de trabalho ou fazer um voluntariado no estrangeiro.

Segundo Viñolas e Angels em entrevista feita na própria EHTG em abril de 2015, é uma escola 100% pública, para o grau superior o governo catalão cobra uma taxa de 360 euros por ano. Grau médio os alunos não pagam nada, só uniforme e material. “Tem que pagar porque como você vê, aqui estão todos uniformizados e assim tem que entrar na cozinha, na pastelaria, inclusive os alunos de grau superior vão de traje 2 dias na semana para

---

<sup>24</sup> Sandra Vinõlas Garcia – Coordenadora Pedagógica e Maria Angels Traytes – Professora responsável pelo programa Erasmus + da Escola de Hotelaria e Turismo de Girona em entrevista na EHTG em abril de 2015.

fazer as práticas”. Eles precisam pagar facas e todo material instrumental de cozinha que eles queiram para eles e servem para os dois anos, tanto o uniforme como o maletim, por toda a vida se eles não perderem. Todos os cursos, grau médio ou superior são de dois anos.

Elas informaram que quando os alunos chegam à escola EHTG devem ter feito a educação secundária obrigatória que termina aos 16 anos, pois o grau médio são dois anos. Eles podem aceder ao grau superior diretamente, desde que passem em uma pequena prova.

Os alunos fazem as práticas em Girona e nos arredores. Também tem uma bolsa de trabalho onde as empresas contatam a escola com ofertas de trabalho, para contratar os alunos, os ofertantes preenchem um formulário que é disponibilizado na web e no *twitter* da EHTG para que os alunos possam ver as ofertas de trabalho. É obrigatório para os alunos poderem receber o diploma fazerem 350 horas de estágio não remunerado.

Viñolas e Angels informaram que no dia 30 de maio iriam acabar as aulas e os alunos poderiam ir trabalhar nos meses de junho, julho e agosto, em ofertas de trabalho de verão.

## CAPÍTULO II

### FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA A ATIVIDADE TURÍSTICA NO CONTEXTO DA INTERNACIONALIZAÇÃO

A atividade turística tem sido apontada como a solução para o desenvolvimento econômico, capaz de gerar emprego e renda para diversas localidades no Brasil e no mundo. Tal atividade é responsável pelo deslocamento de pessoas de seu ambiente habitual por diversas motivações ou interesses.

Uma definição de Turismo aceita em todo o mundo é a da Organização Mundial de Turismo (OMT), “as atividades das pessoas que viajam e permanecem em lugares fora de seu ambiente habitual por não mais de um ano consecutivo para lazer, negócios e outros objetivos”. (OMT, 2003, p. 18).

Segundo o Instituto Brasileiro do Turismo (EMBRATUR)<sup>25</sup>, apesar das incertezas no cenário econômico mundial, o número de turistas que viajaram pelo mundo no ano de 2014 registrou um crescimento de 4,7% na comparação com 2013. No Brasil, o turismo representa, atualmente, cerca de 3,6% do PIB (Produto Interno Bruto), empregando, direta e indiretamente, mais de 10 milhões de pessoas.

Os dados da Organização Mundial do Turismo (OMT) mostram ainda que 2014 foi o quinto ano consecutivo de aumento no número de viajantes. Entre os continentes, o maior crescimento foi registrado nas Américas, com um índice de 7%, Ásia (5%), Europa (4%) e África (2%) vêm em seguida. No ano de 2014, o setor de turismo contribuiu com 9% para o resultado do PIB mundial, 30% das exportações de serviços e 6% do comércio internacional.

O Fórum Econômico Mundial<sup>26</sup> divulgou em maio de 2015 o Estudo bianual de Competitividade Mundial do Turismo que mostrou o avanço de 23 posições do Brasil em relação à última edição, de 2013, passando do 51º lugar para o 28º, em um ranking formado por 141 países. O país é o primeiro colocado da América Latina, o top 10 é formado, na ordem, por Espanha, França, Alemanha, Estados Unidos, Reino Unido, Suíça, Austrália, Itália, Japão e Canadá.

---

<sup>25</sup> Instituto Brasileiro de Turismo – EMBRATUR - Disponível em: [http://www.embratur.gov.br/piembratur-new/opencms/salaImprensa/artigos/arquivos/Turismo\\_contribui\\_com\\_9\\_do\\_PIB\\_mundial.html](http://www.embratur.gov.br/piembratur-new/opencms/salaImprensa/artigos/arquivos/Turismo_contribui_com_9_do_PIB_mundial.html) Acesso em 15 jan. 2016.

<sup>26</sup> Ministério do Turismo. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/5874-turismo-tem-conquistas-significativas-em-2015.html> Acesso em 15 jan. 2016.

A indústria de viagem e turismo do Brasil em 2014 respondeu por US\$ 76 bilhões (3,5% do PIB) e 3 milhões de empregados (3% do total). O país recebeu em 2013 cerca de 5,8 milhões de turistas internacionais que gastaram US\$ 6,7 bilhões (média de US\$ 1.153 por pessoa).

Segundo a OMT<sup>27</sup> o turismo internacional impulsionado em 2014 com o número de turistas internacionais (visitantes durante a noite) cresceu 4,4%, com um adicional de 48 milhões a mais que em 2013, para chegar a um novo total recorde de 1.135 milhões. São cinco anos consecutivos de crescimento acima da média desde a crise econômica mundial de 2009.

Em termos de receitas, a Europa, que responde por 41% de receitas de turismo internacional em todo o mundo, viu aumentar as receitas do turismo em termos absolutos de US \$ 17 bilhões para US \$ 509 bilhões (383,000 milhões de euros).

A Europa continua a fortalecer sua posição como a região mais visitada com mais de metade dos turistas internacionais no mundo. Em 2014, recebeu mais de 17 milhões de chegadas, arredondando um total de 584 milhões que geraram US \$ 509.000.000.000 nas exportações.

A Organização Mundial do Turismo (2013) estima que para o ano de 2022 o turismo seja responsável por 3,63 milhões de empregos. Estão incluídas como geradoras de empregos diretos as atividades relacionadas à hotelaria, agências de viagens, companhias aéreas, outros tipos de transportes de passageiros, restaurante e lazer.

Essa percepção da abrangência do turismo nasce como um instrumento fundamental no planejamento e no entendimento sobre a importância das diversas atividades ligadas ao fenômeno, para seu desenvolvimento local, regional, nacional e internacional.

Segundo Panosso Netto e Pieri (2013), como um fenômeno complexo, o turismo internacional envolve, dentre outras coisas, uma rede de atividades de âmbito econômico, social, cultural, ambiental, antropológico, histórico e político entre dois países cujos fluxos de turistas entre eles, impactam positivamente ou negativamente na balança comercial. O entendimento do funcionamento macroeconômico de um país surge como uma ferramenta para análise dos cenários e tendências da economia, tanto do ponto de vista doméstico, quanto no das relações comerciais como os outros países.

---

<sup>27</sup> Organização Mundial do Turismo (2015), UNWTO Relatório Anual de 2014, OMT, Madrid.

A macroeconomia depende das visões e planejamentos conjunturais que perpassam por políticas fiscais, monetárias e cambiais e pela atuação de uma gama enorme de agentes e atores, cada um com seu interesse interno e externo, mas serve para se pensar e englobar os sujeitos e os processos que podem dinamizar o ciclo macroeconômico. (PANOSSO NETTO e PIERI, 2013, p. 32).

Dessa forma é interessante pensar em políticas voltadas à atração do turismo internacional, uma vez que a balança comercial e a conseqüente regulação do câmbio decorrem por trocas de serviços e mercadorias entre dois ou mais países, nesse contexto, o turismo, numa perspectiva internacional, está inserido diretamente no balanço econômico-comercial.

Segundo Lohmann e Panosso Netto (2008) “a balança de pagamento de um país reflete as suas transações com o restante do mundo, como parte de um sistema de contas nacionais”. Essa balança é subdividida em conta de capital e conta corrente, sendo a conta corrente subdividida em itens visíveis e invisíveis.

A conta corrente visível reflete o fluxo de capital dentro e fora da economia doméstica em relação a compras ou vendas (importação ou exportação) de bens materiais (*e.g.* aviões, barcos, mercadorias). A conta corrente invisível engloba um conjunto heterogêneo de fluxo de capital, inclusive aqueles relacionados à exportação e importação de serviços, tais como serviços bancários, seguros e turismo, assim como os pagamentos e as receitas de retornos dos investimentos (juros e dividendos), além de transferências privadas ou entre governos, que não estão alocadas na conta de capital. Dentre as indústrias de serviço, o turismo representa um fluxo significativo de importação e exportação “invisível”. (LOHMANN e PANOSSO NETTO, 2008, p. 233).

A balança comercial de um país é importante para a manutenção do valor de sua moeda no câmbio, uma vez que a desvalorização na moeda faz com que a importação fique mais cara e a exportação mais barata, isso reflete na balança comercial do turismo.

Lohmann e Panosso Netto explicam que:

Um país com moeda desvalorizada tende a atrair mais turistas internacionais (receptor), ao mesmo tempo em que desincentiva a saída ao exterior de seus habitantes (turismo emissor). Tal fato faz com que haja uma propensão a um saldo positivo na sua balança comercial do turismo. O contrário também é verdadeiro, uma vez que uma moeda forte torna o poder de compra dos turistas internacionais menor, desincentivando o turismo receptivo, ao mesmo tempo em que aumenta o poder de compra do turista nacional no exterior (turismo emissor), havendo com isso, uma tendência de um saldo negativo na balança comercial do turismo. (2008, p. 234).

Diante disso o planejamento local deverá se orientar pela política estadual e nacional de turismo, pois a gestão local do turismo é importantíssima, pois é no destino, na localidade que de fato o turismo ocorre.

Sem desconsiderar todo o trabalho de planejamento e de promoção do turismo em âmbito local e regional – a questão da importância do fenômeno turístico perpassa por uma análise mais ampla, no sentido de se pensar o papel estratégico que as diversas atividades possuem para a economia interna pensada em escala macro sob duas perspectivas. A primeira relacionada à importância dos fluxos turísticos domésticos na geração de empregos e na movimentação da economia nacional. A segunda pensada no âmbito do equilíbrio macroeconômico das contas nacionais de um país, considerando assim o turismo, numa perspectiva dos fluxos internacionais de turistas, como um fenômeno fundamental até mesmo, para a estabilização financeira interna. (PANOSSO NETTO e PIERI, 2013, p. 38).

Dessa forma Beni (2011, p. 22) afirma que “o turismo é componente importante das relações internacionais e da atividade diplomática, e a facilidade de acesso entre países muitas vezes é uma medida indireta do grau de relações positivas entre eles”.

Em relação às abordagens do turismo em escala global, basicamente o fenômeno é pensado numa perspectiva comparativa dos fluxos de turistas pelo mundo, criando-se modelos e comparando os destinos mais procurados.

O processo de globalização favoreceu com que “as ordens de prioridades na política externa da maioria dos países fossem alteradas, passando as relações econômicas internacionais a ocupar o primeiro lugar na agenda política desses países”. (BENI, 2011, p. 21).

A década de 1990 do ponto de vista do turismo internacional pode-se dizer que o período foi bastante favorável, uma vez que a relativa abertura de fronteiras, a contenção inflacionária nos países emergentes, a sensação de término das ameaças ao sistema global e o processo de avanço nos meios técnicos-científico e informacional, caracterizaram uma fase da modernidade extremamente favorável ao surgimento e ao estímulo do turismo internacional (PANOSSO NETTO e PIERI, 2013, p. 48).

Panosso Netto e Pieri ao analisarem o turismo internacional nesse contexto político e econômico, perceberam que não somente a sensação de ordem multipolar no mundo, mas também a melhoria nas condições de vida de grande parcela da população mundial contribuiu nas condições que esta enorme camada populacional possui para usufruir do turismo.

Estudar o fenômeno turístico e relacionar seus efeitos tanto na economia nacional quanto internacional significa perceber essa atividade com olhos além da visão econômica. É necessária a sensibilidade cultural, social e ambiental dos pesquisadores, uma vez que este fenômeno é complexo, holístico, sistêmico integrado, multidimensional. (PANOSSO NETTO e PIERI, 2013, p. 87).

Para suprir as necessidades do mercado turístico os cursos de turismo no Brasil foram se desenvolvendo, apresentando as atribuições e o perfil do profissional que as diretrizes

curriculares preconizam e o mercado para o qual o técnico e o bacharel em turismo estarão aptos a trabalhar em seus diversos campos de atuação.

## 2.1 A atividade turística

A atividade turística é estabelecida de maneira dicotômica por diversos autores, dentre eles, Mathieson e Wall (1990), Swarbrooke (2000) e Cooper (2001). Para eles o turismo pode ser considerado uma oportunidade gerando impactos positivos, encarado como forma de fortalecer a economia local, além de contribuir para a preservação da cultura e do ambiente natural; e pode ser considerado uma ameaça gerando impactos negativos de natureza ambiental, social e econômica.

A partir de uma visão reducionista o turismo pode ser considerado apenas como uma atividade econômica responsável pelo desenvolvimento de diversas localidades, já que o setor terciário da economia é responsável pela geração de um grande número de postos de trabalho. Todavia, como a prestação de serviços não é um bem físico, mas um conjunto de atividades ou processos, cujo consumo se dá simultaneamente à própria produção, é entendido como a realização de trabalho oferecido ou contratado por terceiros (comunidade ou empresa), que se caracteriza pela intangibilidade, inseparabilidade (produzido e utilizado ao mesmo tempo) e não resulta na posse de um bem material, contudo, imprime perspectiva de um bem simbólico (Cultural).

Para Pinheiro (2013):

O turismo é um fenômeno cultural e histórico, e não há tipologia de turismo que prescindia do patrimônio histórico-cultural para se desenvolver de maneira sustentável. Apesar de o turismo significar forte atividade econômica, ainda assim manifesta-se como um fenômeno da cultura, já que não é possível dissociar cultura do plano material e vice-versa – entendendo cultura como processo construído ao longo da História pelos grupos humanos sob bases materiais concretas e determinadas pelo meio. (p. 5).

Para a autora “o turismo surgiu como um tipo de deslocamento, caracterizado pela fruição do ócio e do lazer na sociedade contemporânea, mas principalmente pela dinamização do *trade*<sup>28</sup> turístico”.

---

<sup>28</sup> O *trade* turístico é o conjunto de equipamentos da superestrutura constituintes do produto turístico, caracterizados com meios de hospedagem, bares e restaurantes, centros de convenções e feiras de negócios,

Devido à complexidade da atividade turística, alguns autores defendem o turismo como um fenômeno sócio-político-econômico e cultural (Boullón 2002; Fuster 1985; Goeldner, Ritche e McIntosh 2002; Moesh 2002; Martínez 2005; Panosso Netto, 2005) e o analisam como um sistema capaz de utilizar de todos os meios para satisfazer as necessidades dos turistas.

Normalmente o conceito de turismo está associado às questões econômicas e suas implicações positivas ou negativas vão ser determinantes para o desenvolvimento local, mas quando pensamos nas implicações de práticas sociais passa a ser fundamental reflexões que possam repercutir na valorização do humano, como é o caso da hospitalidade.

Segundo Lashley (2004) “ao exprimir-se socialmente em espaços públicos, os indivíduos revelam tanto sua ligação com a sociedade quanto sua cultura e compreensão relativamente às normas comuns” e as atividades de hospitalidade ajudam no desenvolvimento de laços sociais com terceiros e na satisfação subsequente das necessidades sociais.

Boullón (2002) explica que ao redor do turismo foi-se formando uma trama de relações que caracterizam seu funcionamento em forma de sistema. Em função das viagens, gera-se um significativo número de atividades. Em virtude de um movimento espontâneo de incorporar cada vez mais serviços que aumentem o conforto e as oportunidades de lazer dos turistas, iniciativa privada e poder público vão resolvendo as necessidades dos viajantes.

Para Bacal (2003), “as necessidades humanas, por sofrerem as influências do meio cultural, não são idênticas, nem são as mesmas nas várias e sucessivas etapas históricas, se considerado um único contexto”. Ela ainda explica que as necessidades refletem os valores da cultura e as possibilidades oferecidas pelo meio, sob essa perspectiva de maior número de alternativas de desejos e necessidades, impõe-se a intensificação das ações produtivas, ora valorizadas, ora encaradas como meio para usufruir o tempo livre.

Falando de sistema turístico, para Beni (2001), a observação do turismo é resultante da ação sociocultural em contextos diferenciados e requer métodos e procedimentos de pesquisa inter e transdisciplinares, de vários domínios do saber: ciências exatas, humanas e sociais. Beni ainda explica que na linguagem da Teoria Geral de Sistemas, o turismo deve ser considerado um sistema aberto, o que permite a identificação de suas características básicas,

---

agências de viagens e turismo, empresas de transporte, lojas de *souvenirs* e todas as atividades comerciais periféricas ligadas direta ou indiretamente à atividade turística.

que deixa visualizar três grandes conjuntos: o das relações ambientais, o da organização estrutural e o das ações operacionais, bem como seus componentes básicos e as funções primárias atuantes em cada um dos conjuntos e em interação no sistema total, que se tornam os elementos do mesmo.

Já Barretto (2012) sem discordar dos enfoques acima citados analisa o turismo sob o paradigma do rizoma de Deleuze e Guattari.

O rizoma é um elemento da botânica, trata-se de um talo com uma constituição peculiar, que se expande de forma subterrânea horizontalmente, criando raízes em qualquer parte. Espalha-se de forma pouco controlável, conectando, de forma arbitrária, partes da mesma planta que, ao mesmo tempo, são interdependentes, podem ser cortadas e, por sua vez, gerar uma série de brotos com potencial de independência. (BARRETTO, 2012, p. 10).

Por essas características apresentadas pelo rizoma ele é um modelo que se ajusta ao fenômeno turístico mais que os modelos estruturais apresentados pelos outros autores, já que a atividade turística cresce e expande através do tempo e do espaço através de relações diferentes e imprevisíveis. Barretto cita que para estudo e análise, “os diversos componentes do fenômeno turístico podem ser vistos como subsistemas independentes que se relacionam com os outros por meio de um modelo rizomático”.

O turismo é uma atividade realizada pelos homens em sociedade. Não se pode pensar no conceito de turismo a partir da ideia de um homem isolado. Como atividade realizada pelos homens em sociedade, tem um importante grau de imprevisibilidade. O rizoma se adéqua à análise do fenômeno turístico porque é, em primeiro lugar, imprevisível. Nunca se sabe para onde vai se expandir, nunca se sabe quando vai ressurgir; sempre que cortamos uma parte, esta pode tornar a transformar-se numa planta. Assim, por mais que haja um bom planejamento de turismo, nunca sabemos como a sociedade vai reagir à presença dos turistas, nem como os turistas vão reagir à sociedade que os hospeda. A chamada “indústria turística”, ou seja, o conjunto de equipamentos e serviços que compõem a oferta que os turistas vão consumir, é rizomática e também pouco previsível. Surgem, a cada nó do rizoma, novos negócios, novos serviços. Um exemplo muito claro pode ser dado [...] é fato conhecido que as companhias aéreas perdem a bagagem dos seus passageiros numa quantidade significativa. Este problema gera como resultado dois novos rebentos do rizoma, o balcão de reclamações de bagagem extraviada nos aeroportos e as companhias que entregam a dita bagagem quando ela é achada. Se fizer um retrospecto histórico dos equipamentos e serviços de turismo, poderá ser observado que a quantidade destes tem aumentado de forma considerável a partir do que foi avaliado, por muitos anos, o tripé do turismo (transportes, hospedagem e agenciamento), que podia ser analisado facilmente a partir da teoria dos sistemas. Cada um desses pontos do tripé pode ser visto como um nó de um rizoma que foi se estendendo ao longo dos séculos XIX e XX, de forma aleatória e irregular, em função de condicionantes externas (tecnicamente chamadas externalidades) e internas. (BARRETTO, 2003, p. 21-22).

Na década de 1970 o mercado de trabalho era mais restrito às agências de viagens, aos hotéis e às empresas de transportes. Na década de 1980 houve uma estagnação da atividade turística em função de constantes crises econômicas e problemas internacionais, dessa forma predominou o turismo rodoviário oferecido pelas agências de viagens.

Albuquerque (2013) ressalta que:

Apesar de todas as dificuldades encontradas no período da década de 1980, houve uma mobilização das empresas ligadas ao setor e o poder público fazendo com que fosse percebido que a atividade turística não se limitava apenas ao setor hoteleiro e o turismo começou a ser reconhecido como uma atividade importante para outros setores. (p. 45).

A década de 1990 foi marcada pelo avanço tecnológico onde o uso de computadores começa a ser popularizado e posteriormente o acesso à internet. Os avanços da internet, dos sistemas de informação e da tecnologia da informação em geral têm revolucionado o funcionamento dos negócios em todo o mundo nas últimas duas décadas.

E a informação tem uma grande importância no turismo. Os turistas precisam de informação antes de sair para uma viagem para poderem planejar e fazer escolhas. Os planejadores de turismo, assim como os empresários de turismo, também necessitam de informações antes de tomarem suas decisões de investimento. Por ser o turismo uma atividade complexa e global, a informação é o seu elemento vital e, assim, a tecnologia da informação tornou-se fundamental para que o setor opere de forma eficaz e competitiva. (DIAS, 2006, p. 15).

Segundo Barbosa (2003, p. 9), as empresas, os indivíduos, os movimentos sociais e os governos nacionais e locais estão altamente conectados a uma extensa rede de informações, o que traz impactos econômicos, culturais e políticos profundos para todas as sociedades.

De acordo com Keller (2005), o processo irreversível de globalização está mudando o mundo e o turismo tem sido um importante fator de aceleração desse processo. As oportunidades de desenvolvimento do turismo existem para todos os países, mas a globalização tem afetado de forma diferente o turismo em cada um deles.

De acordo com Martínez (2005):

É quase desnecessário mencionar que o turismo mundial cresceu a ponto de constituir algo de grande amplitude, que chama a atenção de todos pela magnitude e pelo impacto econômico, social e ambiental que causa, tornando-se cada vez mais alvo de especialistas e cientistas, tanto nacional como internacionalmente. (p. 109).

No mercado de viagens, segundo Dias (2006), as mudanças ocorridas pela globalização afetaram principalmente os meios de distribuição dos produtos turísticos<sup>29</sup>, no entanto, é difícil demarcar com precisão uma data que simbolize o início da nova onda de internacionalização dos mercados.

A partir da década de 2000 além do incremento do turismo doméstico houve uma valorização do turismo marítimo através da chegada dos cruzeiros ao litoral brasileiro além do aumento de turistas estrangeiros.

Albuquerque (2013) aponta que:

O turismo começa a ser constantemente divulgado pela mídia tanto pela mudança de comportamento e do cotidiano dos brasileiros que começam a ter interesse e maior possibilidade de viajar, quanto pela representação importante no desenvolvimento da economia do país. Esses fatores passam a demonstrar uma mudança significativa na discussão sobre o turismo nacional, verificando-se a preocupação constante na melhoria dos serviços e equipamentos turísticos. (p. 50).

Para que o turismo se desenvolva é imprescindível que todos os envolvidos em tal atividade compreendam a diversidade das relações e concebam seu desenvolvimento dentro de uma abordagem sistêmica e interdisciplinar, em decorrência da interdependência entre as diversas áreas abrangidas pelo setor.

A atividade turística por possuir vínculo com várias áreas do saber se revela extremamente complexa, além de ser um fenômeno que depende das condições oferecidas pelo meio social, econômico, natural, cultural e ser influenciado por elas, e por isso não consegue ver contemplada na lista de ocupações todas as funções que poderão ser exercidas no mercado.

A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) é o documento normalizador do reconhecimento (no sentido classificatório), da nomeação e da codificação dos títulos e conteúdos das ocupações<sup>30</sup> do mercado de trabalho brasileiro. É ao mesmo tempo uma classificação enumerativa<sup>31</sup> e uma classificação descritiva<sup>32</sup>.

---

<sup>29</sup> O produto turístico é um conjunto de bens e serviços relacionados a toda e qualquer atividade de turismo, ou seja, integra alguns componentes do turismo como hospedagem, alimentação, transporte, entretenimento, que uma vez elaborado adota a forma de um pacote de serviços turísticos que será posto à venda no mercado.

<sup>30</sup> Ocupação é a agregação de empregos ou situações de trabalho similares quanto às atividades realizadas. O título ocupacional, em uma classificação, surge da agregação de situações similares de emprego e/ou trabalho.

<sup>31</sup> Classificação enumerativa: codifica empregos e outras situações de trabalho para fins estatísticos de registros administrativos, censos populacionais e outras pesquisas domiciliares. Inclui códigos e títulos ocupacionais e a descrição sumária. Ela também é conhecida pelos nomes de nomenclatura ocupacional e estrutura ocupacional.

A CBO tem uma dimensão estratégica importante, na medida em que, com a padronização de códigos e descrições, podem ser utilizados pelos mais diversos atores sociais do mercado de trabalho. Tem relevância também para a integração das políticas públicas do Ministério do Trabalho e Emprego, sobretudo no que concerne aos programas de qualificação profissional e intermediação da mão de obra, bem como no controle de sua implementação.

Na 3ª edição da CBO publicado pelo Ministério do Trabalho e Emprego em 2010 foram identificadas algumas ocupações com relação à área de Turismo conforme representado no quadro abaixo:

**Quadro 6 – Famílias de ocupações, ocupações e títulos sinônimos**

<p><b>Família</b></p> <p>Ocupações</p>	<p><b>Diretores de operações de serviços em empresa de turismo, de alojamento e de alimentação</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Diretor de produção e operações de alimentação</li> <li>• Diretor de produção e operações de hotel</li> <li>• Diretor de produção e operações de turismo</li> </ul>
<p><b>Família</b></p> <p>Ocupações</p>	<p><b>Diretores de operações de serviços em empresa de armazenamento, de transporte e de telecomunicação</b></p> <p>Diretor de operações de serviços de transporte - Diretor de logística em operações de transportes.</p>
<p><b>Família</b></p> <p>Ocupações</p>	<p><b>Diretores e gerentes de operações em empresa de serviços pessoais, sociais e culturais</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Gerente de serviços culturais - Administrador de instituições culturais; Coordenador de eventos; Coordenador executivo; Gerente de departamento de planejamento e análise; Gerente de departamento de planejamento e pesquisa; Gerente de divisão de pesquisas e análise; Gerente de ONG (organização não-governamental);</li> <li>• Gerente de planejamento e estatística; Superintendente de seção de estudos e programação; Superintendente de seção de estudos especiais.</li> </ul>
<p><b>Família</b></p> <p>Ocupações</p>	<p><b>Gerentes de operações de serviços em empresa de turismo, de alojamento e alimentação</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Gerente de hotel - Administrador de camping; Administrador de empresas de hospedagem; Administrador (serviço de hospedagem); Dono de hotel - conta própria; Dono de motel - conta própria; Gerente de apart hotel; Gerente de ecoresort; Gerente de estância; Gerente de hotel fazenda; Gerente de hotel residencial; Gerente de resort; Gerente de termas; Proprietário - nos serviços de alojamento - empregador; Proprietário - nos serviços de hospedagem - empregador; Proprietário de hotel - conta própria; Proprietário de hotel - empregador; Proprietário de motel - conta própria; Sócio proprietário - nos serviços de alojamento - empregador; Sócio proprietário - nos serviços de hospedagem - empregador; Sócio proprietário de hotel - conta própria; Sócio proprietário de hotel - empregador; Sócio proprietário de motel - conta própria; Sócio proprietário de motel - empregador; Subgerente de hotel; Tecnólogo em hotelaria.</li> </ul>

<sup>32</sup> Classificação descritiva: inventaria detalhadamente as atividades realizadas no trabalho, os requisitos de formação e experiência profissionais e as condições de trabalho.

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Gerente de restaurante - Administrador de refeitório; Administrador de restaurante; Assistente de direção de restaurante; Coordenador de restaurante; Coordenador de vendas (restaurante); Gerente de cantina; Proprietário - nos serviços de alimentação - empregador; Proprietário de restaurante - empregador; Proprietário no serviço de alimentação - conta própria; Sócio proprietário - no serviço de alimentação - conta própria; Sócio proprietário - no serviço de alimentação - empregador; Sócio proprietário de restaurante - conta própria; Sócio proprietário de restaurante - empregador; Subgerente de restaurante.</li> <li>• Gerente de bar - Gerente administrativo de lanchonete; Gerente de bar, cantina e restaurante; Gerente de bar e lanchonete; Gerente de salão de café; Proprietário de bar - empregador; Proprietário de bar, lanchonete, restaurante - conta própria; Proprietário de lanchonete - empregador; Sócio proprietário de bar - empregador; Sócio proprietário de bar, lanchonete - conta própria; Sócio proprietário de lanchonete - empregador; Taverneiro.</li> <li>• Gerente de pensão - Dono de pensão - conta própria; Dono de pensão - empregador; Estalageiro; Gerente de albergue; Gerente de pensionato; Gerente de pousada; Proprietário de pensão - conta própria; Proprietário de pensão - empregador; Sócio proprietário de pensão; Sócio proprietário de pensão - conta própria.</li> <li>• Gerente de turismo - Gerente de operações de turismo; Gerente de produtos de turismo; Gerente operacional de turismo; Tecnólogo em gestão de turismo.</li> </ul>
<b>Família</b>	<b>Gerentes de operações de serviços em empresa de transporte, de comunicação e de logística (armazenagem e distribuição)</b>
Ocupações	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Gerente de operações de transportes - Agente de navio - no transporte marítimo; Encarregado de operação de porto; Gerente de frota; Gerente de operações e transportes; Gerente de tráfego; Gerente de transportes; Gerente técnico operacional de transporte; Subgerente nos transportes.</li> </ul>

Fonte: Adaptado do CBO - 2010

Referente ao grupo de ocupações de nível técnico em turismo, as atividades aqui representadas exigem que o trabalhador tenha formação técnica de nível médio e podem ser visualizadas no quadro 7.

#### **Quadro 7 – Famílias de ocupações, ocupações e títulos sinônimos para formação técnica de nível médio**

<b>Família</b>	<b>Supervisores código dos serviços de transporte, turismo, hotelaria e administração de edifícios</b>
Ocupações	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Supervisor de transportes - Chefe de bilheteria; Encarregado de tráfego rodoviário e ferroviário; Fiscal de transporte rodoviário; Inspetor de bilheteria de transportes; Supervisor de bilheteria de transportes; Supervisor de estação ferroviária e rodoviária; Supervisor de movimento de trens; Supervisor de trens.</li> <li>• Chefe de portaria de hotel - Encarregado de portaria de hotel; Supervisor de hospedagem; Supervisor de recepção de hotel.</li> <li>• Chefe de bar - Chefe de <i>barewomen</i>; Chefe de <i>bartander</i>; Encarregado de bar e restaurante; Encarregado de cantina; Subchefe de bar; Supervisor de bar.</li> <li>• <i>Maitre</i> - Chef executivo nos serviços de alimentação; Chefe de fila nos serviços de alimentação; <i>Maitre</i> - no serviço de alimentação; <i>Maitre</i> de bar; <i>Maitre</i> de boate; <i>Maitre</i> de hotel; <i>Maitre</i> de restaurante; <i>Maitre</i> executivo; Sommelier.</li> </ul>

<b>Família</b> Ocupações	<b>Trabalhadores código de segurança e atendimento aos usuários nos transportes</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Comissário de voo - Aeromoça; Comissário de bordo; Inspetor de bordo.</li> </ul>
<b>Família</b> Ocupações	<b>Guias de turismo</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Guia de turismo - Guia de turismo especializado em atrativo turístico; Guia de turismo especializado em excursão internacional; Guia de turismo especializado em excursão nacional; Guia de turismo especializado em turismo regional.</li> </ul>
<b>Família</b> Ocupações	<b>Mordomos e governantas</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Mordomo de hotelaria</li> <li>• Governanta de hotelaria - Assistente de governanta; Governanta executiva.</li> </ul>
<b>Família</b> Ocupações	<b>Camareiros, roupeiros e afins</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Camareiro de hotel - Arrumadeira de hotel; Arrumador de hotel; Camareiro de hotel.</li> <li>• Camareiro de embarcações - Camareiro no transporte marítimo e fluvial; Comissário de bordo no transporte marítimo.</li> </ul>
<b>Família</b> Ocupações	<b>Técnicos em código serviços de turismo e organização de eventos</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Técnico em turismo</li> <li>• Operador de turismo - Agente de reservas; Supervisor de operações turísticas.</li> <li>• Agente de viagem - Consultor de viagem; Coordenador de turismo.</li> <li>• Organizador de evento - Gestor de evento; Tecnólogo de evento.</li> </ul>
<b>Família</b> Ocupações	<b>Recreadores</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Recreador de acantonamento - Conselheiro em acantonamento; Monitor de acampamento; Monitor de acantonamento.</li> <li>• Recreador - Go - gentil organizador; Monitor de entretenimento; Monitor de esportes e lazer; Monitor de recreação; Monitor infantil; Recreacionista.</li> </ul>
<b>Família</b> Ocupações	<b>Recepcionistas</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Recepcionista de hotel - <i>Guest relations</i>; Recepcionista caixa; Recepcionista <i>concierge</i>.</li> </ul>

Fonte: Adaptado do CBO – 2010

As empresas onde as ocupações em turismo estão representadas no CBO são as agências de viagens, meios de hospedagem, centros culturais, organizadores de eventos, empresas de transportes, áreas de alimentação e outras empresas da área de turismo.

Identificar a estrutura e os processos que caracterizam a atividade turística poderá contribuir para compreensão do perfil do profissional que o ensino em turismo tem pretendido formar.

## 2.2 A formação profissional em turismo

Formar pessoas para trabalhar no setor terciário da economia, setor de serviços, grande gerador de emprego, em uma atividade econômica que deve preservar os valores culturais e únicos de cada comunidade e região é extremamente importante e deve ser muito mais valorizado do que é.

Os profissionais como os bacharéis e os técnicos em turismo devem reunir um conjunto de habilidades, conhecimentos e competências específicas para que seja possível um adequado desempenho para atender as necessidades de uma gama de empresas que poderão atuar, oferecendo serviços de transporte, alojamento, alimentação, entretenimento, agenciamento de viagens, eventos, etc.

Cursos de turismo são relativamente novos no mercado brasileiro, temos cursos de nível técnico, tecnólogo e superior. A sustentabilidade e permanência dos mesmos estão muito atreladas à formação de profissionais que vão atuar em um mercado extremamente dinâmico, que pretende atender às necessidades de pessoas que vivem uma revolução mercadológica provocada pelos avanços dos meios de comunicação, dos transportes, da globalização da economia.

A formação profissional em turismo no Brasil de acordo com Matias (2005) foi instituída pelo MEC com a publicação do Parecer CFE nº 35/71 que criou o curso superior de Turismo, e da resolução s/n, de 28 de janeiro de 1971, que fixou o currículo mínimo e a duração do curso de turismo.

Trigo (1998) alertava que a formação profissional em turismo no Brasil vinha sendo discutida desde a implantação do primeiro curso na década de 1970 com finalidade de debater as novas diretrizes curriculares do MEC com base na LDB. Ao lado do currículo mínimo e da grade curricular dos diversos cursos de turismo e hotelaria, junto com associações ligadas ao setor eram também discutidos os conteúdos programáticos e a conveniência de implantação de ênfases profissionalizantes como agenciamento, alimentos e bebidas, eventos, meios de hospedagem, transportes, lazer e recreação e planejamento turístico nos cursos de graduação em turismo.

Para Airey (2008, p. 32) “a forte ênfase profissionalizante dos primeiros cursos de turismo dão testemunho do âmbito para o qual foram criados, sendo uma resposta às oportunidades de emprego”.

Segundo a LDB (BRASIL, 2010, p. 36) da educação superior em seu artigo 43 tem por finalidade:

- I – estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;
- II – formar diplomados nas diferentes áreas do conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na formação contínua;
- III – incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;
- IV – promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;
- V – suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;
- VI – estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;
- VII – promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.

Já a resolução CNE/CES nº 13, de 24 de novembro de 2006 (Brasil, 2006) que institui as diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em turismo em seu artigo 4º diz que o curso de graduação em Turismo deve possibilitar a formação profissional que revele, pelo menos, as seguintes competências e habilidades:

- I - compreensão das políticas nacionais e regionais sobre turismo;
- II - utilização de metodologia adequada para o planejamento das ações turísticas, abrangendo projetos, planos e programas, com os eventos locais, regionais, nacionais e internacionais;
- III - positiva contribuição na elaboração dos planos municipais e estaduais de turismo;
- IV - domínio das técnicas indispensáveis ao planejamento e à operacionalização do Inventário Turístico, detectando áreas de novos negócios e de novos campos turísticos e de permutas culturais;
- V - domínio e técnicas de planejamento e operacionalização de estudos de viabilidade econômico-financeira para os empreendimentos e projetos turísticos;
- VI - adequada aplicação da legislação pertinente;
- VII - planejamento e execução de projetos e programas estratégicos relacionados com empreendimentos turísticos e seu gerenciamento;
- VIII - intervenção positiva no mercado turístico com sua inserção em espaços novos, emergentes ou inventariados;
- IX - classificação, sobre critérios prévios e adequados, de estabelecimentos prestadores de serviços turísticos, incluindo meios de hospedagens, transportadoras,

agências de turismo, empresas promotoras de eventos e outras áreas, postas com segurança à disposição do mercado turístico e de sua expansão;

X - domínios de técnicas relacionadas com a seleção e avaliação de informações geográficas, históricas, artísticas, esportivas, recreativas e de entretenimento, folclóricas, artesanais, gastronômicas, religiosas, políticas e outros traços culturais, como diversas formas de manifestação da comunidade humana;

XI - domínio de métodos e técnicas indispensáveis ao estudo dos diferentes mercados turísticos, identificando os prioritários, inclusive para efeito de oferta adequada a cada perfil do turista;

XII - comunicação interpessoal, intercultural e expressão correta e precisa sobre aspectos técnicos específicos e da interpretação da realidade das organizações e dos traços culturais de cada comunidade ou segmento social;

XIII - utilização de recursos turísticos como forma de educar, orientar, assessorar, planejar e administrar a satisfação das necessidades dos turistas e das empresas, instituições públicas ou privadas, e dos demais segmentos populacionais;

XIV - domínio de diferentes idiomas que ensejem a satisfação do turista em sua intervenção nos traços culturais de uma comunidade ainda não conhecida;

XV - habilidade no manejo com a informática e com outros recursos tecnológicos;

XVI - integração nas ações de equipes interdisciplinares e multidisciplinares, interagindo criativamente face aos diferentes contextos organizacionais e sociais;

XVII - compreensão da complexidade do mundo globalizado e das sociedades pós-industriais, onde os setores de turismo e entretenimento encontram ambientes propícios para se desenvolverem;

XVIII - profunda vivência e conhecimento das relações humanas, de relações públicas, das articulações interpessoais, com posturas estratégicas do êxito de qualquer evento turístico;

XIX - conhecimentos específicos e adequado desempenho técnico-profissional, com humanismo, simplicidade, segurança, empatia e ética.

A educação superior está dividida nas modalidades de bacharelado e em tecnologia e os cursos baseiam-se nas áreas de ensino: Hotelaria, Turismo e Turismo e Hotelaria. Entre as décadas de 1970 e 1980 existiam 28 cursos de Turismo e Hotelaria no país.

Já nos anos de 1990 estavam em pauta os desafios de uma política turística global e entre os principais itens elencados referentes à educação relacionados ao turismo foram destacados: a diversidade cultural, os recursos humanos e os avanços tecnológicos.

Ansarah e Rejowski (1996) constataram em 1994 a existência de 41 cursos de graduação e 13 de pós-graduação em turismo no Brasil. De 1994 a 1996 houve um aumento significativo do número de cursos de graduação em turismo passando para 52, representando um aumento de 25%. Em 1999 a oferta de cursos de graduação em funcionamento chegava acerca de 200.

O primeiro curso superior de Turismo localizado na cidade de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, surgiu na década de 1980 em instituição privada. Apesar de todas

as dificuldades presentes à época, em razão de acontecimentos internacionais, como a crise do petróleo, com importantes impactos na economia no país, o curso apresentava uma expectativa promissora de inclusão dos futuros egressos no mercado de trabalho. Através da prerrogativa dessa possibilidade promissora o crescimento do transporte aéreo, a forte operação de locomoção rodoviária organizada, a construção dos flats e hotéis voltados ao turismo de negócios nos grandes centros urbanos.

Partindo dessa ótica econômica, Rejowski (2002) indica que as abordagens do estudo do turismo iniciaram sob as bases da defesa da preservação do meio ambiente e da qualidade de vida tendo como preceito sustentabilidade da economia, nessa medida tem-se a sua temática imersa nos meios acadêmicos, buscando-se soluções que minimizassem os efeitos negativos do turismo de massa e maximizassem os efeitos positivos como formas alternativas dentro dos processos formativos da educação.

Em contrapartida, não é destacado dentro do sistema turístico a produção do conhecimento turístico. Segundo Moesch (2002), “na realidade, no Turismo, o epicentro do fenômeno é de caráter humano, pois são os homens que se deslocam, e não as mercadorias, o que impõe complexidades ao esforço de uma argumentação sistemática dessa realidade”.

Após a institucionalização da LDB, em 03 de dezembro de 1997, é aprovado o Parecer nº 776/97 que trata das diretrizes curriculares para os cursos de graduação com o objetivo de fazer com que os cursos elaborassem suas diretrizes seguindo uma orientação desse documento, ressaltando as questões de flexibilidade do currículo, adaptações ao mercado, definições de competências e habilidades dos egressos dos cursos, dentre outras.

De acordo com Camargo & Maués (2008), a flexibilização do currículo se deve em função das mudanças ocorridas no mundo do trabalho e adaptando os cursos e a formação dos alunos à lógica mercantilista.

Com o aumento da atividade turística no país, o número de cursos de graduação nas diversas áreas do turismo em 2006 chega a um total de 547. De acordo com dados do MEC em 2013 houve um decréscimo da oferta de cursos ofertados que constatou 405 cursos no mercado. Consultando dados do MEC em janeiro de 2016 foram identificados 383 cursos de graduação em Turismo cadastrados, mas percebe-se que entre cadastro e oferta efetiva tem uma diferença. No caso específico de Minas Gerais estão cadastrados 33 instituições de ensino superior em Turismo, 9 somente na capital, Belo Horizonte, mas desses 9 somente 3 estão ofertando o curso regularmente.

De acordo com Airey:

O desenvolvimento da educação em turismo, dado o acelerado crescimento, acarretou, de modo previsível, diversos problemas e tensões. Inicialmente, estes se originaram do fato de que os cursos de turismo eram novos e se expandiam rápido, sendo, em consequência, pouco compreendidos. Por exemplo, os programas foram criticados por carecerem de conteúdo sério ou de rigor acadêmico. O crescimento da quantidade de programas foi muito maior que o desenvolvimento das oportunidades de emprego, e os cursos foram responsabilizados por não fornecer treinamento suficiente de habilidades. (2008, p. 39).

O turismo faz parte do setor terciário da economia, abrangendo atividades relativas à prestação de serviços em diversas áreas. Para que as destinações turísticas ofereçam serviços de qualidade é preciso treinar o pessoal de atendimento, possuir equipamentos em boas condições, além de conhecer as necessidades e expectativas dos clientes. Essa preocupação com a qualidade das estruturas e serviços deve ser preocupação constante para os setores público e privado.

Na realidade, o turismo é feito de pequenos negócios, pois toda vez que um turista chega a uma comunidade, consome uma série de serviços que vai desde a hospedagem em uma pousada até a refeição em um restaurante, passando pela farmácia, pelo abastecimento em um posto de gasolina etc. Trata-se da chamada cadeia de utilização de serviços turísticos, e se um desses prestadores de serviços falhar no atendimento, toda a cadeia estará prejudicada, causando má impressão acerca do destino visitado. (COSTA, 2004, p. 149).

A finalidade mais comum dos cursos de graduação em turismo segundo Airey (2008) consiste em preparar o estudante para trabalhar na indústria do turismo, por isso evidencia que tanto a excessiva ligação à prática profissionalizante, o que não irá fornecer além de uma reflexão acerca do mundo do trabalho, quanto um grande distanciamento do setor turístico, pode despontar um rumo pelo qual a academia pode proporcionar uma real contribuição às necessidades do século XXI num contexto social, cultural e econômico do destino turístico considerando às necessidades dos estudantes bem como da indústria do turismo.

Vivemos em uma sociedade que funciona estruturada em torno de três setores econômicos: o primeiro é o governo (órgãos públicos), o segundo é o setor privado (empresas) e o terceiro formado por organizações não governamentais sem fins lucrativos (Organizações Não Governamentais (ONGs) e Organização da Sociedade Civil de Interesse Público sem fins lucrativos (Oscip)).

De acordo com Barbosa (2012) no turismo os órgãos públicos representam a ordenação jurídico-administrativa e estão representados em nível de Ministério ou Secretaria de Estado, podendo ter o formato de comissão, instituto, empresa ou corporação. As

organizações do terceiro setor são representadas pelas associações, cooperativas, agências de desenvolvimento, consórcios, fundações, etc.

Na atualidade, o mundo é globalizado e o Estado não é mais somente assistencialista; as empresas afirmam não buscarem somente o lucro, e a sociedade civil consolidou o terceiro setor, que busca suprir a falta do Estado e formatar parcerias com empresas e com o próprio Estado para dar conta das mais variadas inclusões na sociedade. Desse modo, os papéis do Estado, das empresas e da sociedade civil foram reformulados. Essas mudanças nas funções dos três setores não raramente resultam em um grande emaranhado de ações que se entrelaçam e se confundem. Porém, de fato, na atualidade, o que se verifica é que o terceiro setor e suas organizações estão realinhando o modelo de desenvolvimento e “fazendo acontecer”. (BARBOSA, 2012, p. 134).

No turismo são comuns as organizações sociais do tipo públicas sem fins lucrativos, geralmente de composição mista, reunindo entidades do primeiro, segundo e terceiros setores. Quanto às organizações privadas sem fins lucrativos, as mais comuns são as entidades de classe patronais e de funcionários.

As entidades turísticas mais comuns do terceiro setor são os Conselhos Municipais de Turismo e os *Convention & Visitors Bureau* – CV&B.

Os Conselhos, via de regra, são criados por lei municipal, como órgãos superiores de consulta da administração municipal. Constituem uma instância local de caráter consultivo e/ou deliberativo para a convergência de esforços entre o poder público e a sociedade civil. Sob esse aspecto, deve representar um amplo fórum de discussão aberta e democrática, no qual o poder de decisão pertence a todos. (BARBOSA, 2012, p. 136).

Os conselhos municipais de turismo assessoram os municípios ou outros órgãos em questões referentes ao desenvolvimento turístico municipal, decidem sobre o uso do fundo municipal de turismo e participam do plano municipal de desenvolvimento turístico.

Um CV&B é uma entidade de direito privado, sem fins lucrativos, que visa promover o desenvolvimento econômico, social e cultural de uma cidade ou região por meio de ações permanentes de marketing e relações-públicas. Trabalha com a captação, geração e apoio a eventos, principalmente os de natureza técnica, científica e cultural, proporcionando o aumento do fluxo de turistas e, conseqüentemente, benefício financeiro ao trade turístico local. No mesmo sentido, busca oferecer o desenvolvimento e a difusão cultural, científica, tecnológica e artística. (BARBOSA, 2012, p. 137).

Perante o que foi apresentado acima, verificamos que no desenvolvimento da atividade turística as relações devem acontecer, em termos de território local, dentro do setor público, entre o primeiro e o segundo setor, entre o setor privado e, de forma conjunta os setores público e privado. Envolve vários atores e os recursos que combinados fornecerão o produto

turístico de um local, pois mesmo que um destino possua recursos em grande quantidade ele necessita coordenação para potencializar seu valor.

No setor de serviços o serviço é prestado diretamente ao cliente e este avalia, imediatamente, sua qualidade o que confere responsabilidade aos profissionais do setor em relação ao desempenho da empresa.

Não podemos conceber o turismo a partir dos setores que o compõem de forma isolada: hotel, agências de viagens, transportes, espaços rurais, espaços urbanos, restaurantes, parques públicos e comunidade dentre outros, é preciso juntar as partes para se tornar um destino turístico.

A dimensão social de uma política pública de turismo deve ter como eixo uma melhoria na qualidade do ambiente urbano, na qualidade de vida da comunidade envolvida, na ampliação da variedade de oportunidades culturais, que são condições indispensáveis para atrair e desenvolver novas oportunidades de geração de renda e trabalho. Assim, a tendência é de que as cidades e regiões se estruturam por meio de redes de solidariedade para negociar com as empresas internacionalizadas, buscando o bem-estar comum, com o qual se enfatiza a necessidade de estabelecer uma relação dinâmica entre o local e o global. (MOESCH, 2012, p. 205).

Diante do exposto até agora, verificamos que a área do turismo é extremamente complexa e entrelaçada, gera muito dinheiro, movimentam imensas somas de impostos e cria empregos. A atividade turística tem passado por frequentes etapas de profissionalização em virtude da nova conjuntura internacional e do crescente grau de exigência dos turistas, por isso a necessidade de preparar os profissionais da área.

Para Tribe (2008):

A atuação profissional refere-se às ações dos empregados na indústria do turismo. Assim, por exemplo, o marketing de um local de destino ou de uma atração turística, bem como a gestão de um hotel ou de um restaurante, envolvem atuações profissionais. Os propósitos e objetivos da atuação profissional são definidos como preparação para a efetividade no trabalho. (p. 91).

Pimenta (2013, p. 36) considera o acolhimento e a qualidade como bases de sucesso no setor turístico e sugere que a formação dos profissionais deveria conter:

- Ampla cultura geral (história, geografia, política, atualidade, etc.)
- Conhecimentos específicos da área de atuação (recepção, governança, comidas e bebidas, administração, eventos, dentre outras).
- Qualidades pessoais: autocontrole, organização, flexibilidade, trato pessoal e social, polidez, empatia, receptividade, etc.

Questões referentes à formação de recursos humanos em turismo têm sido temas de pesquisas principalmente a partir de 1995, quando foram criados vários cursos de nível superior no Brasil.

O comportamento da educação superior é semelhante ao da educação profissional nas áreas de ensino em turismo e mostrou um aumento de postos de trabalho nos últimos anos do século XX e primeiros anos do século XXI e as áreas que mais empregaram foram a de entretenimento e lazer e as que mais fecharam postos de trabalho foram agências de viagens e transporte aéreo regular, segundo dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

Estes dados também apontam que existe uma lacuna entre o ensino superior em turismo e o mercado de trabalho e que muitos postos oferecidos são de ocupações para o profissional com formação no ensino técnico, os currículos dos cursos superiores expressam diversas habilidades e competências no perfil dos formandos voltados para funções de gestão e planejamento do turismo, não aprofundando em atividades práticas, com funções específicas de algum segmento turístico.

A carreira do bacharel que inicia durante o curso de graduação deve ser complementada com atividades complementares extracurriculares para um bom posicionamento em um mercado competitivo como o turístico, segundo Tomelin e Ruschmann (2013).

As estruturas curriculares dos cursos superiores de turismo que se baseiam no currículo mínimo estabelecido pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) têm a duração de 2.400 horas e contemplam na sua organização curricular os seguintes campos interligados de formação (TOMELIN; RUSCHMANN, 2013, p. 220):

- I - Conteúdos Básicos: estudos relacionados com os aspectos sociológicos, antropológicos, históricos, filosóficos, geográficos, culturais e artísticos, que conformam as sociedades e suas diferentes culturas;
- II - Conteúdos Específicos: estudos relacionados com a Teoria Geral do Turismo, Teoria da Informação e da Comunicação, estabelecendo ainda as relações do turismo com a administração, o direito, a economia, a estatística e a contabilidade, além do domínio de, pelo menos, uma língua estrangeira;
- III - Conteúdos Teórico-Práticos: estudos localizados nos respectivos espaços de fluxo turístico, compreendendo visitas técnicas, inventário turístico, laboratórios de aprendizagem e de estágios.

Para Tomelin e Ruschmann (2013, p. 223) vários fatores justificam a crescente necessidade da formação específica para o turismo:

- A importância econômica, social e cultural do fenômeno.
- A especificidade da matéria Turismo, que exige estudos mais aprofundados do que aqueles ministrados em cursos técnicos ou de curta duração.
- A interdependência entre os ramos da atividade faz que se tornem necessários os conhecimentos sobre o funcionamento de cada um deles para que sejam desenvolvidos produtos turísticos que satisfaçam os desejos e as necessidades dos turistas e que sejam economicamente viáveis para os empreendedores.
- A necessidade cada vez mais premente de pesquisas com fundamentação metodológica científica, que exigem a atuação de pessoas que, além do conhecimento profundo do fenômeno, tenham um elevado nível intelectual.
- A urgência de estudos dos métodos e procedimentos do planejamento turístico em todos os níveis, visando à proteção do patrimônio natural e cultural dos núcleos receptores.

Tomelin e Ruschmann (2013) também falam que “no caso do turismo, a formação superior proporciona a oportunidade de profissionalização e também da especialização diante dos vários setores de atuação que a atividade abrange”.

O turismo cultural evidencia o patrimônio histórico-cultural, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura e dessa forma deve levar em consideração a capacidade de carga<sup>33</sup> das comunidades receptoras, valorizando e respeitando as diferentes culturas com o propósito de minimizar os impactos causados pelos diferentes grupos humanos.

Para trabalhar o turismo cultural a habilidade de interpretação é uma competência que deverá ser desenvolvida pelo discente e segundo Pinheiro (2013) “a fim de estimular a compreensão dos legados históricos e culturais das destinações turísticas, bem como promover a interpretação do papel político dos turismólogos irão exercer frente às demandas da utilização dos referidos patrimônios como atrativos turísticos”.

É bom lembrar, ainda, que toda a produção cultural é construída dentro de processos históricos, e que esses, por sua vez, estão intrinsecamente ligados aos fenômenos culturais, mediados por relações de valores existentes em todos os grupos sociais. São patrimônios históricos, culturais, materiais e imateriais, constituídos com base nas relações de valor construídas por diferentes grupos sociais: edificações, artefatos, saberes, modos de expressão, e técnicas e práticas em geral, os quais são utilizados direta e indiretamente como atrativo em toda a atividade turística. (PINHEIRO, 2013, p. 7).

---

<sup>33</sup> Capacidade de carga em turismo é a tentativa de estudar o perfil do destino na tentativa de identificar qual o número de visitantes que a localidade comporta sem depreciar o seu patrimônio, ou seja, “Capacidade de Carga é a população máxima de determinadas espécies que uma área pode suportar sem reduzir sua capacidade de suportar essas espécies no futuro”.

As atividades que se desenvolvem na área de turismo são as mais variadas, pois há uma interação de muitos segmentos, o que vai requerer profissionais preparados para atuar em diversos empreendimentos que interagem no mercado turístico.

O turismo como um campo de estudo busca através da interdisciplinaridade explicar como se dá a produção do conhecimento, ou seja, várias disciplinas integradas estudam o problema e chegam a apenas uma conclusão, pois estão partilhando e dividindo conhecimentos, o que requer um quadro de recursos humanos preparado para atuar nos diversos setores dos empreendimentos públicos e privados que interagem no *trade*, isso ocorre porque o currículo é multidisciplinar, formado por várias áreas do saber.

Uma revisão dos programas e teses sobre o turismo mostra que este é um campo realmente interdisciplinar. Dessa forma as disciplinas instituídas norteiam-se pela interdisciplinaridade voltando-se para a área comum de formação, o turismo, realçando a complexidade desse campo de estudo que pode ser estudado com diferentes abordagens.

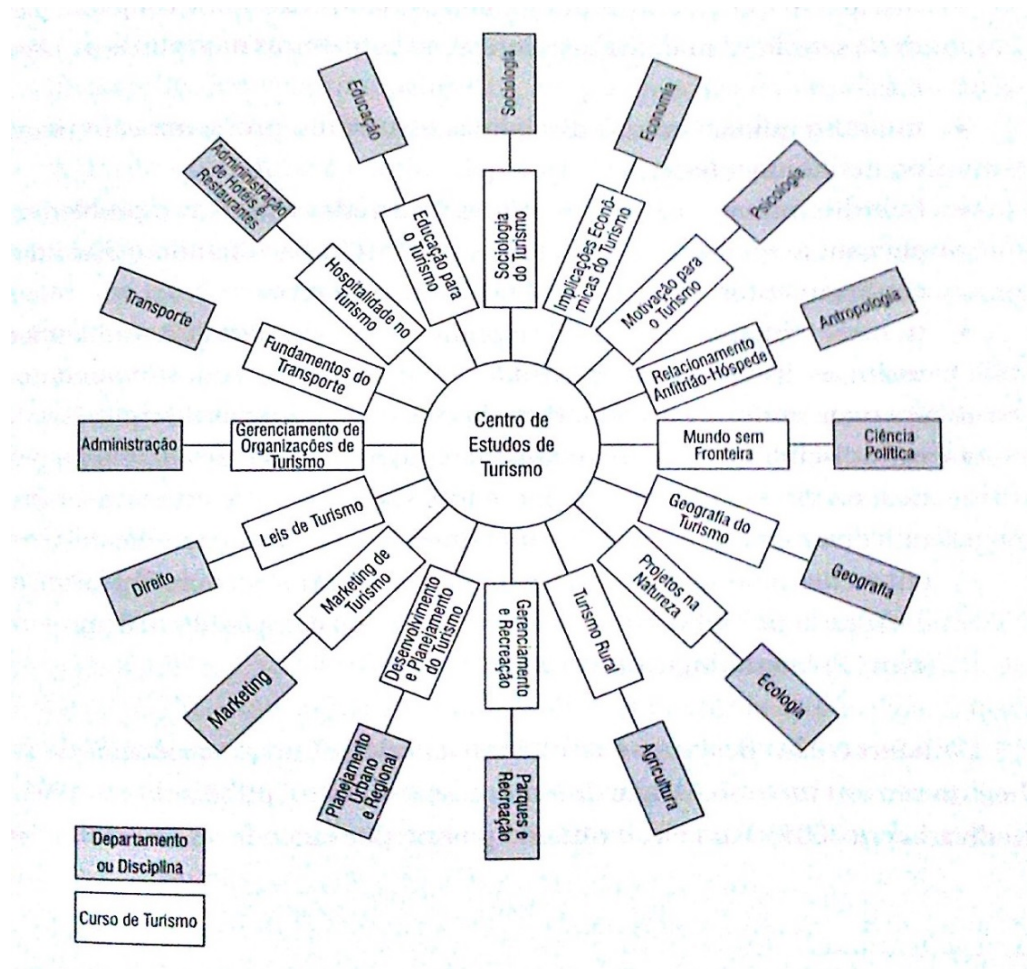
Ramos (2003, p. 185) já indicava que “a educação requer a transdisciplinaridade dos conteúdos, com profissionais que deixem de, simplesmente, fragmentar o saber com suas especializações excessivamente técnicas e voltadas para as necessidades de um mercado”.

Para tanto, Jafari apresenta um modelo para a fundamentação interdisciplinar, no centro do qual o estudo do turismo se sustenta de referencial teórico e metodológico de várias áreas disciplinares, demonstrando a interdisciplinaridade do turismo e foi adotada na construção das propostas curriculares de muitos cursos de graduações da área.

Jafari (2005) criou um modelo para “estudos do turismo” que seria o centro da discussão, em sua volta estariam disciplinas que estudam o turismo, procedidas de seus departamentos. Segundo o autor o turismo começou a se espalhar para outros programas e departamentos, gestão de negócios, de lazer, recreação, e até mesmo ciências sociais. Algumas universidades em todo o mundo têm estendido seus programas de doutorado em educação, lazer e planejamento urbano-regional para incluir o turismo e alguns têm doutorados em turismo.

Poderemos verificar o modelo de Jafari demonstrado na figura 1.

Figura 1- Modelo de produção do conhecimento em turismo de Jafari



Fonte: Jafari (2005).

Fica demonstrado através desse modelo que o profissional de turismo deverá lidar com informações das mais diversas ciências e estar cada vez mais preparado para estabelecer relação com as entidades formadoras evidenciadas entre as instituições de ensino superior e as empresas do setor.

A educação em turismo não pode se restringir às práticas profissionalizantes, pois deve refletir sobre o mundo do trabalho, provendo experiências de aprendizado que habilite os alunos a atuar de forma efetiva em um setor em constante transformação. No mundo contemporâneo o desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação e de informação potencializa a comunicação entre as pessoas e as organizações educativas ou empresariais do setor turístico no contexto local e global.

Segundo Buratto, Tomelin e Hostins (2013):

A globalização da economia, os avanços tecnológicos e o surgimento de formas e processos diferenciados de produção configuram novas relações e desafios para a sociedade. Neste contexto, novos rumos e tarefas se impõem à educação e, por consequência, à educação superior. Esse tem sido o foco de debates em nível mundial visando ampliar seu alcance e criar mecanismos de inclusão social, internacionalização, ampliação de redes acadêmicas e implantação de novos modelos curriculares. (p. 145).

Ainda descrevendo as formas de estudar o turismo para compreender as possibilidades de inserção do profissional no mercado será apresentada agora uma abordagem sistêmica e interdisciplinar que integra diferentes áreas que permite que a atividade se desenvolva adequadamente.

No Brasil o modelo sistêmico mais difundido e conhecido é o de Beni (2001) e segundo o autor a configuração do Sistema de Turismo (SISTUR) partiu da necessidade de explicar aos alunos as relações existentes entre o turismo e as outras disciplinas e atividades humanas.

Este modelo proposto por Beni configura-se em um sistema aberto por influenciar e ser influenciado pelos demais sistemas com os quais se relaciona. Nele o conjunto das relações ambientais é composto pelos subsistemas cultural, social, ambiental e econômico e cada um desses subsistemas está fora do SISTUR, mas eles são controlados e podem influenciar fortemente o turismo.

O conjunto da organização estrutural constitui-se dos subsistemas de superestrutura (organização tanto pública quanto privada que permite harmonizar a produção e a venda dos serviços turísticos, compreende a política oficial de turismo) e da infraestrutura (serviços urbanos, transporte, comunicação, saneamento, sistema viário, organização territorial, custos e investimentos na infraestrutura turística).

O conjunto das ações operacionais é a dinâmica do sistema de turismo, compreendido pelos subsistemas de oferta (bens e serviços turísticos), demanda (quantidade de pessoas propensas a consumir os bens e serviços turísticos), mercado (onde interage a oferta e a demanda), produção (empresas que produzem bens e serviços turísticos como hotéis, restaurantes, empresas de transporte), distribuição (conjunto de medidas que levam os produtos e serviços do produtor ao consumidor) e consumo.

De acordo com Petrocchi (2001):

A abordagem sistêmica originou-se da necessidade de uma teoria interdisciplinar que proporcionasse princípios gerais e modelos para o estudo das diversas ciências. Tal teoria permitiria uma aproximação maior entre as diversas ciências, como o

preenchimento dos espaços vazios entre elas. Assim, essas ciências passaram a levar em consideração os objetivos de seus estudos como sistemas, superando a condição de áreas de conhecimento estranhas umas às outras por causa da intensa especialização e do conseqüente isolamento. Trata-se de uma teoria totalizante, voltada para a compreensão das partes, embora os objetivos do todo prevaleçam. (p. 26).

Nesse sentido entende-se que o turismo deva ser trabalhado de forma a refletir a preocupação constante do ser humano com os cuidados com o meio ambiente, com a sobrevivência econômica das comunidades e com os aspectos socioculturais que o fazem interagir com o espaço onde ele é desenvolvido.

O estudo sobre as dimensões sociais, econômicas e ambientais da paisagem é fundamental no processo de educação. No contexto do turismo, evidencia-se a pertinência de relacionar esse conhecimento a outros aspectos relevantes que norteiam a pedagogia contemporânea na educação, tais como: cidadania, diálogo, sustentabilidade, qualidade de vida etc.

O turismo é um fenômeno social característico da modernidade, que implica em motivação de viagens, deslocamento de pessoas, temporalidade e uso intensivo do espaço geográfico, com conseqüências econômicas, sociais e culturais relevantes. Considerando a paisagem como uma representação da condição humana e interface ambiental que exerce grande influência na configuração do espaço turístico, procura-se focar a discussão na relação paisagem e turismo e sua interação com a educação, com suas implicações no processo de desenvolvimento do turismo sustentável. (OLIVEIRA, 2013, p. 192).

Tomando a premissa da educação contemporânea com seu enfoque na construção social do sujeito crítico, a prática do lazer e do turismo pode ser uma alternativa viável, uma vez que proporciona a interação do indivíduo com o ambiente por meio de uma experiência aprazível e lúdica.

No ensino superior, os cursos de turismo têm como objetivo formar profissionais com capacidade técnica e conhecimentos para planejar a atividade turística de forma sustentável em qualquer localidade, seja em nível local, regional, nacional e internacional. Os projetos acadêmicos contemplam além da teoria várias vivências de trabalhos de campo onde os alunos vão resgatar os conteúdos das diversas disciplinas que irão oferecer suporte para a realização da coleta de dados e análise dos subsistemas que compõem o sistema turístico.

Para Buratto, Tomelin e Hostins (2013):

Nos diferentes âmbitos de discussão de currículo, o modelo conceitual e o desenho curricular do projeto pedagógico dos cursos de graduação são

orientados para a organização das disciplinas, a seleção dos conteúdos, a definição das abordagens pedagógicas e epistemológicas norteadoras dos processos de ensino e aprendizagem, os projetos disciplinares e/ou interdisciplinares a serem desencadeados. (p. 145).

Os cursos superiores em turismo consideram a necessidade de formar profissionais qualificados para atender à expansão da atividade turística no país, já que as atividades que se desenvolvem na área de turismo e hotelaria são muito variadas e requer profissionais preparados para atuar nos diversos setores dos empreendimentos públicos e privados que interagem no *trade*.

Para Jafari (2005):

O desenvolvimento da pesquisa científica em turismo e o uso do conhecimento derivado dela estão diretamente relacionados à teoria e a prática. Um aspecto que, na verdade, conecta-se a ambos é a formação / educação. Neste ponto, parece oportuno recordar como o conhecimento como um todo e em suas dimensões teóricas e práticas pode ser o melhor guia na tarefa de desenvolver os recursos humanos presentes e futuros, que atualmente é realizado em universidades de todo o mundo, essas mesmas instituições foram as primeiras a contribuir para o desenvolvimento da base científica do turismo. (p. 48).

Para Jafari formação e educação são termos intercambiáveis, mas aqui “formação profissional” refere-se ao conhecimento obtido no local de trabalho e "educação" para o trabalho gerado principalmente intelectual.

Contextualizar a formação superior em turismo abordando aspectos relacionados especificamente aos profissionais de gestão e planejamento turístico, este profissional deve reunir um conjunto de conhecimentos, habilidades e competências específicas para que seja possível um adequado desempenho das suas funções reunindo competências técnicas, cognitivas, sociais e relacionais que traduzem o perfil adequado ao desempenho de funções técnicas no planejamento e desenvolvimento do turismo e dessa forma existe a necessidade do currículo da educação em turismo refletir singularidade, cultura e história, ou seja, relacionar com a realidade local.

No entanto, a maioria da oferta de cursos de turismo é essencialmente profissionalizante e orientada para as empresas, a excessiva ligação à prática profissionalizante não irá fornecer uma reflexão acerca do mundo do trabalho tanto quanto uma educação em turismo voltada para as necessidades do mercado.

É um grande desafio orientar futuros profissionais pelas trilhas do conhecimento em um campo de atuação tão flexível e inconstante como o turismo, pois a formação profissional

em turismo realiza-se em contextos de mudanças globais, onde a qualidade do turismo depende de uma formação séria, continuada e com a colaboração entre instituições de ensino e as empresas e tem as tecnologias facilitadoras no processo de aprendizagem.

O bacharel em turismo pode se inserir em um conjunto bastante diversificado de atividades, pois o mercado de trabalho é bastante variado, mas se analisarmos as estruturas curriculares dos cursos estudados nessa pesquisa poderemos destacar:

- No setor público (nível municipal, estadual ou federal): centro de informações, documentações e pesquisas turísticas;
- Nas instituições de caráter misto (público e privado): órgãos oficiais para fomento, planejamento, pesquisa e controle de atividades turísticas;
- No setor privado: meios de hospedagens, agências de viagens, operadoras turísticas, companhias aéreas, setores de transportes turísticos (rodoviários, ferroviários e marítimos), empresas de eventos e congressos, entretenimento e lazer, espaços culturais, área de alimentos e bebidas (gastronomia), patrimônio, marketing e vendas turísticas, consultoria ou concepção, administração e gestão de empresas do ramo.
- No setor de educação e pesquisa.

Falando em educação, as pesquisas, em especial as provenientes de dissertações de mestrado e das teses de doutorado, tem papel fundamental para consolidar o conhecimento científico em turismo.

Rejowski (1996) realizou um importante estudo sobre o desenvolvimento da pesquisa em turismo no país onde apresentou uma lista de 55 dissertações e teses referentes ao turismo em nível de pós-graduação nas instituições brasileiras no período de 1975 a 1992.

Quanto mais desenvolve e diversifica o estudo do turismo maior a necessidade de pesquisas que levantem sua produção científica ou mesmo que avaliem esta produção.

Segundo Rejowski (2013), “com base em pesquisas acadêmicas produzidas em instituições de ensino superior, cujos programas de pós-graduação *stricto sensu* são reconhecidos como válidos no Brasil enfocam-se particularmente 15 anos de produção – de 1990 a 2005”. Dentre os principais resultados desse estudo, cita-se a concentração das pesquisas em universidades públicas. Foram produzidas em 20 instituições diferentes em 11 estados, caracterizando a expansão das pesquisas de doutorado no país.

Trigo (1998) também levanta pontos em comum quanto à literatura internacional sobre a teoria em turismo “o consenso sobre a necessidade de a educação da área ser bem estruturada e baseada em fundamentos amplamente discutidos e aceitos pelo meio acadêmico, empresarial e político”.

Uma adequada compreensão das diversas atividades que compõe o turismo como um fenômeno global é necessária para o planejamento curricular e o desenvolvimento dos cursos.

Referindo-se a qualificação de mão-de-obra Ansarah (2002) diz que, a formação superior em turismo proporciona a oportunidade de profissionalização e especialização, o que garante a atuação desses profissionais nas diferentes segmentações do mercado. Surge a necessidade de focar mais na formação desse capital humano que exerce grande importância na área e depositar a devida atenção para a formação desses profissionais que refletirá com significativa relevância no desenvolvimento e qualidade do turismo.

No nível da pós-graduação os cursos de ensino de turismo estão crescendo consideravelmente nos últimos anos, além da oferta de programas de pesquisa em turismo, a criação de publicações acadêmicas e a publicação de livros especializados em turismo também ajudaram no crescimento da pesquisa em turismo brasileira.

Segundo Leal e Padilha (2008, p. 181) “embora o turismo fosse matéria de pesquisa de pós-graduação de diversos programas, o primeiro curso de pós-graduação em turismo foi criado apenas em 1993”.

A formação advinda da pós-graduação é fundamental para o profissional que pretende atuar na docência e na pesquisa e, segundo levantamento de Panosso Netto (2016), foram identificados 5 programas de doutoramento e 12 de mestrado em turismo e áreas afins no Brasil, não foi efetuado o levantamento de programas interinstitucionais.

Deste levantamento verificou-se que dois programas não estão na área de Administração, Ciências Contábeis e Turismo da CAPES, um é o de Estudos do Lazer, ofertado pela UFMG que está na área interdisciplinar; o outro é o Mestrado Profissional em Ecoturismo e Conservação, da UNIRIO, que está na área de Ciências Ambientais.

Poderemos verificar essa oferta de pós-graduação *stricto sensu* demonstrada no quadro abaixo.

**Quadro 8 – Programas de doutorado e mestrado em Turismo no Brasil**

<b>DOUTORADOS</b>	<b>INSTITUIÇÃO</b>	<b>NOTA CAPES</b>	<b>INÍCIO</b>
Doutorado em Turismo e Hotelaria	Universidade do Vale do Itajaí (Balneário Camboriú)	5	2013
Doutorado em Estudos do Lazer	Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG (Belo Horizonte)	5	2012
Doutorado em Turismo	Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN (Natal)	4	2014
Doutorado em Turismo e Hospitalidade	Universidade de Caxias do Sul-UCS (Caxias do Sul)	4	2015
Doutorado em Hospitalidade	Universidade Anhembi Morumbi (São Paulo)	4	2015
<b>MESTRADOS ACADÊMICOS</b>	<b>INSTITUIÇÃO</b>	<b>NOTA</b>	<b>INÍCIO</b>
Mestrado em Turismo e Hotelaria	Universidade do Vale do Itajaí - (Balneário Camboriú)	5	1997
Mestrado em Turismo	Universidade de Caxias do Sul-UCS (Caxias do Sul)	4	2000
Mestrado em Hospitalidade	Universidade Anhembi Morumbi (São Paulo)	4	2002
Mestrado em Estudos do Lazer	Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG (Belo Horizonte)	5	2007
Mestrado em Turismo	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal)	4	2008
Mestrado em Turismo	Universidade Federal do Paraná- UFPR (Curitiba)	3	2013
Mestrado em Turismo	Universidade de São Paulo	3	2014
Mestrado em Turismo	Universidade Federal Fluminense - UFF	3	2015
<b>MESTRADOS PROFISSIONAIS</b>	<b>INSTITUIÇÃO</b>	<b>NOTA</b>	<b>INÍCIO</b>
Mestrado Profissional em Turismo	UnB (Brasília, DF)	3	2007
Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos	Universidade Estadual do Ceará - UECE (Fortaleza)	3	2012
Mestrado Profissional em Ecoturismo e Conservação*	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro- UNIRIO (Rio de Janeiro)	4	2016
Mestrado Profissional em Turismo*	Instituto Federal de Sergipe	3	2016

Fonte: Blog Turismo, educação e atualidades de Alexandre Panosso Netto

\* Cursos recentemente autorizados pela CAPES e que estão em processo de abertura da primeira turma de alunos.

Como o turismo relaciona-se às mudanças globais, num mundo em constante transformação que impõem ao profissional flexibilidade, rápida adaptação e principalmente atualização constante é importante entender que tipo de profissional está sendo formado pelas instituições.

A formação e a capacitação de recursos humanos em turismo dependem da integração e “dosagem” dos aspectos teóricos e práticos da atividade e caracteriza-se pela diversidade de elementos que interagem em diversos níveis (REJOWSKI; CARNEIRO, 2003, p. 190):

O setor público, as empresas privadas, as entidades e os órgãos oficiais ou não, as instituições de ensino, os profissionais da área, o consumidor-turista...;

As próprias características do turismo na atualidade, quais sejam:

- abrangência e complexidade do Sistema de Turismo;
- particularidades e especificidades de cada um dos seus componentes (meios de hospedagem, transportes, agências de turismo e outros);
- interdependência entre esses componentes em face de sua integração e inter-relação nas operações envolvidas nas viagens turísticas;
- desenvolvimento integrado e responsável do Turismo, mediante planejamento estratégico e gestão compartilhada e melhoria da qualidade de vida do residente e da experiência turística do visitante (turista ou excursionista).

Para Rejowski e Carneiro (2003) a educação baseia-se no desenvolvimento intelectual da pessoa e no nível superior privilegiam conhecimentos que propiciem a profissionalização e a formação profissional objetiva aumentar ou aperfeiçoar esses conhecimentos e habilidades.

Os profissionais de turismo devem desenvolver conhecimentos para compreender o mercado, as diferentes culturas e detectar as forças competitivas no cenário em constante mudança, para isso formação e capacitação envolvem vários níveis de educação.

### **CAPÍTULO III**

#### **APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DE PESQUISA**

Este capítulo baseia-se na análise de dados secundários obtidos através da pesquisa bibliográfica e de dados primários obtidos através de pesquisas qualitativas.

A pesquisa sobre o tema da internacionalização do ensino surgiu quando estava fazendo meu recorte sobre os temas emergentes dentro do turismo e me deparei várias vezes com o assunto e este me chamou muita atenção por também ser um tema muito constante em meu ambiente de trabalho como docente de um curso técnico na área do turismo. Na instituição onde leciono a Secretaria de Relações Internacionais sempre foi muito atuante e em vários momentos trabalhou junto com a Coordenação de Turismo através de preparação de *workshops* sobre cultura institucional para os discentes selecionados para os programas de mobilidade.

No ano de 2014 fiz uma entrevista com a Secretária de Relações Internacionais do CEFET-MG que disponibilizou muitas informações sobre o processo da internacionalização na instituição, além de abrir as portas da secretaria para fornecimento de dados e informações sempre que necessário.

No primeiro semestre do ano de 2015 tive a oportunidade de vivenciar a experiência da mobilidade através do meu estágio doutoral na Universidade de Girona na Espanha, que foi de suma importância para entender o processo burocrático e acadêmico vivenciado por tantos entrevistados. Neste período fui extremamente bem recebida pelo Professor tutor, Dr. Lluís Mundet i Cerdan, que é um entusiasta sobre o assunto e me deu todo suporte acadêmico me credenciando para acesso às instalações universitárias, acesso à internet, sala de apoio para pesquisa, apresentação à diretora da faculdade, aos professores do departamento de turismo. Também agendou um horário com a responsável pela biblioteca que me recebeu em seu gabinete e me disponibilizou o acesso à pesquisa em todos os bancos de dados existentes na instituição e em seus diversos campi.

Através do professor tutor em Girona foram agendadas entrevistas com os interlocutores qualificados para me oferecerem subsídio para pesquisa, os coordenadores dos cursos de turismo de diversos níveis de ensino da Faculdade de Turismo, um professor responsável pelas relações internacionais da Universidade de Girona (UdG) e com a

coordenadora pedagógica e a professora responsável pelo programa de internacionalização do curso técnico da Escola de Hotelaria e Turismo de Girona (EHTG) instituição de ensino do nível técnico e superior em turismo.

Em Belo Horizonte foram entrevistados alunos dos cursos de turismo que participaram de programas de internacionalização na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) no intuito de compreender o valor apreendido da internacionalização pela experiência dos discentes.

Paralelo a este período de vivências e entrevistas foram feitas releituras do material levantado pela investigação teórica, colhidos dados, analisadas as estruturas curriculares para entendimento das dinâmicas dos cursos estudados.

### **3.1 Interlocutores de Girona/Espanha e de Belo Horizonte/MG**

As entrevistas efetuadas do período de março e abril de 2015 na Faculdade de Turismo da Universidade de Girona foram gravadas e realizadas na língua espanhola e os trechos transcritos ao longo do trabalho foram traduzidos por mim para o português. Os interlocutores escolhidos foram:

- Professora Dra. Núria Galí Espelt - Coordenadora do programa de doutoramento em Turismo interuniversitário.
- Professor José Conrado Garcia Böer - Administração e serviços, professor de francês.
- Professor Dr. Jaime Oscar Guia Julve - Coordenador do Mestrado Erasmus Mundus - *European Master in Tourism Management* (EMTM).
- Professor Dr. Lluís Mundet i Cerdan - Coordenador do Mestrado em Turismo Cultural.
- Professor Dr. Lluís Prats Planaguma – Coordenador do Mestrado em Gestão e Planeamento do Turismo.
- Sandra Viñolas Garcia – Coordenadora Pedagógica da Escola de Hotelaria e Turismo de Girona.

- Maria Angels Traytes – Professora de francês responsável pelo Programa Erasmus +.

Em entrevista efetuada em abril de 2014 no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais a interlocutora foi a Professora Dra. Maria Inês Gariglio, Secretária de Relações Internacionais.

Todos eles foram convidados a falar sobre sua experiência de internacionalização nas suas instituições de forma espontânea, entrevistas não estruturadas e todas foram gravadas, as respostas serão apresentadas abaixo e para representar a fala de cada um usarei um sobrenome para identificá-los, dessa forma: Galí, Böer, Mundet, Prats, Guia, Viñolas, Angels e Gariglio.

Mundet me recebeu dizendo “orgulhoso” que a Faculdade de Turismo de Girona é provavelmente a mais internacionalizada do mundo atualmente. Tem alunos e alunas de turismo de 28 países distintos “graças ao nosso Mestrado Erasmus Mundus”. Além disso, ele informa que na Faculdade já tiveram alunos de doutorado do Brasil e professores fazendo estágios pós-doc da USP e da UFPA.

Foi percebido na fala dele e dos demais entrevistados o empenho e compromisso deles para fazerem os cursos que ministram serem reconhecidos internacionalmente.

Para explicar o processo de internacionalização da Faculdade de Turismo, como tudo começou fui entrevistar Boër.

*Começamos faz muito tempo, a faculdade antes de ser faculdade era Escola Oficial de Turismo, no ano de 1989. Quando começamos funcionávamos de maneira muito autônoma e tínhamos muitas possibilidades de decidir o que fazíamos. Então junto com o diretor começamos rapidamente tentar o sistema de internacionalizar a escola. O que fizemos foi, coincidimos um pouco com o início do programa Erasmus na Europa. Tanto que se vê que a Universidade de Girona tem o contrato 002 e a gente se pergunta onde está o contrato Girona 001, pois Girona só tem uma universidade, é que o 001 era a Escola Oficial de Turismo que era separada da universidade e começamos antes a ter relações internacionais com o Erasmus. Então começamos a montar primeiro com Brighton, Florença e Perpignan e montamos o inicial do Erasmus, intercâmbio de estudantes, intercâmbio de professores, inventando um pouco de tudo porque não havia grande coisa.*

*Logo fomos fazendo crescer a bola, digo, inventando tudo, por exemplo, fizemos um acordo numa reunião em Brighton de dois dias com três universidades para tentar criar acordos para os conteúdos dos programas que íamos dar, fizemos os acordos e nunca aplicamos, pois bem, por exemplo, teríamos tal disciplina, tal disciplina, tal disciplina para estudantes poderem ir de uma universidade à outra e poder fazê-las, porém quando voltamos cada um à sua universidade, nós fomos informados que não poderíamos assinar o acordo, porque nós não decidíamos o plano de estudos. Perpignan por exemplo, mudou o plano de estudos e não coincidiam as coisas e então*

*descobrimos que a solução passava por não tentar que as universidades fizessem o mesmo, senão que pelo interesse de mover, fazer mobilidade, ver outro sistema de funcionamento e etc. Então a partir disso a coisa foi muito mais fácil. Entram questões acadêmicas, financeiras, culturais, problemas administrativos, seguro.*

*Temos um mestrado Erasmus Mundus que funciona com Dinamarca, Eslovênia e Girona e consórcios no mundo inteiro. Temos um mestrado em Turismo Cultural e outros mestrados e eu diria que a metade dos alunos é estrangeira. O Erasmus também tem um programa de mobilidade de professores de uma semana e tem que dar 8 horas de aula no mínimo, não ganha dinheiro, mas também não tira dinheiro do bolso.*

*A internacionalização também nos permitiu fazer projetos de turismo acessível com França, Itália, Bélgica e Portugal.*

O professor Boër fornece um cenário muito interessante do processo de internacionalização da universidade, pontua a trajetória, narra a primeira tentativa de cooperação, levanta limites, contextualiza rapidamente a situação atual e mostra algumas das possibilidades de parcerias.

É interessante pensar nesse processo que eles queriam algo, foram lá e fizeram, erraram, mas não desistiram, através da tentativa frustrada perceberam quais eram os motivos da mobilidade nos cursos de turismo. Percebe-se que passa pelo interesse pela mobilidade, de vivenciar outro sistema de funcionamento, outras culturas, outros conteúdos, complementação dos estudos e não universalização de estruturas curriculares e pela fala do Boër isto fica muito claro, mas não é só isso, têm questões burocráticas de validação de créditos, questões financeiras, bolsas, interesse de pesquisas docentes. Desta forma é importante entender o processo de estabelecimento de acordos e convênios da UdG.

*O sistema tradicional Erasmus inicial, se montou de tal maneira que um professor tem um professor conhecido em uma universidade que faz pesquisa, juntos desenvolvem uma pesquisa, montam um Erasmus, com um convênio que tenha mobilidade de estudantes, a mobilidade de professor te interessa, a de estudantes te interessa mais ou menos, porque você quer uma pesquisa, mas o Erasmus não contempla pesquisa, o Erasmus contempla a mobilidade. Então se o professor sair da universidade leva o acordo bilateral debaixo do braço. Nós não, nós centralizamos em uma pessoa e a política da casa é de desenvolver relações com mais pessoas, se um professor tem vontade de estabelecer uma relação com tal universidade então bem, ele propõe e nós aceitamos, não tem discussão, porém nós centralizamos. O que muda, nós mandamos 60 a 70 alunos por ano, nós selecionamos, passamos uma lista única com suas preferências, em função das notas que tem e facilidade de idioma eles vão ou não vão a tal lugar. Por exemplo, na faculdade de turismo é permanente, se decide a direção, que linhas estratégicas que vamos ter e eu digo, podemos ir por aqui, por ali, por aqui. Também podemos decidir coisas, se for interessante desenvolver tal lugar tudo bem, política da faculdade. E a política é que quanto mais pudermos internacionalizar melhor (Boër).*

*Os outros países que não são Erasmus, isso se dá mais por contato de professores, mas dará pela imensidade do planeta, Mundet, por exemplo, que vai mais para América Latina, pois faz contatos com a América Latina. Temos também o Erasmus Mundus que vai bastante para a China e outros países. Aqui é diferente quando não tem a cobertura Erasmus montamos um convênio genérico que inclui intercâmbio de conhecimento, que inclui professores, estudantes, de maneira global as atividades conjuntas e logo quando queremos fazer mobilidade de estudantes ou professores, fazemos um convênio particular que desenvolve pelo mesmo modelo do sistema Erasmus, porém sem bolsas, porque não temos bolsas, aqui e em lugar nenhum, podemos tentar, mas não vamos conseguir (Boër).*

*Em Girona se consegue bolsas é pelo banco Santander, porém o Santander não põe dinheiro na Universidade e você manda quem quer. O Banco Santander diz, aqui me interessa, aqui não me interessa, por exemplo, Cuba nem se fale, no Brasil aceita São Paulo, China não aceita. Os alunos não tem dinheiro, não tem bolsa pra ir, porém pelo menos permite a mobilidade e o que fazem aqui ou ali vale o mesmo, no mesmo sistema (Boër).*

*Outro problema é o monetário, as bolsas são muito baixas atualmente, um acordo de São Paulo, por exemplo, nos vem estudantes com bolsas de 900 euros ao mês e os nossos não podem ir com nada, podem ir com 250 euros, 300, 400 euros e aqui se acaba o máximo. E claro, se vai a um país com 400 euros ao mês, por exemplo, Inglaterra ruim, ruim, França e Alemanha os dois são quase bons, pois o vida pode ser mais cara que aqui, porém existe muita ajuda aos estudantes, muito suporte social com os quais eles comem mais barato que aqui. Na Europa é bem diferente, a Dinamarca paga aos estudantes, aqui os estudantes pagam muito, se chama público, mas eu não sei onde está o público (Boër).*

*Outro tema importante é que a relação bilateral não pode embasar somente em uma pessoa, porque quando essa pessoa muda de universidade ou aposenta ou morre, se perdem os contatos. Então é muito importante diversificar, vários professores se comprometem a trabalhar em várias direções e, sobretudo os alunos (Mundet).*

*Isso pode ser um processo um pouco lento, tem um exemplo de uma das melhores universidades da Eslováquia, onde estive por 4 ou 5 anos dando aulas uma vez por ano e uma professora de lá vindo para Girona e não conseguíamos que nenhum estudante de Girona fosse para Eslováquia e de lá para cá de intercâmbio, pois parecia um país muito exótico ou caro, nunca tivemos isso claro, até que por fim conseguimos quebrar o gelo e começaram a vir estudantes e foi fantástico. Esse ano mesmo tem 4 estudantes da Eslováquia em Girona e 4 de Girona lá (Mundet).*

*No Brasil de São Paulo funciona muito bem com a USP e todo semestre temos 2 estudantes da USP e também do Centro Paula Souza de São Paulo, que também todo semestre manda 2 estudantes. Por sorte Girona está muito bem avaliada no ranking das universidades e todos veem. Também temos mais pedidos que vagas, então a USP e o Centro Paula Souza tem que fazer sua própria seleção interna (Mundet).*

*O estabelecimento da cooperação tem muitas vias, o instituto de investigação recebe muitos contatos, outro lado por organismos como a Agência Espanhola de Cooperação (AECID), que nós temos historicamente muitos projetos com o Brasil, Peru, Cuba, Colômbia, através de outras instituições como a rede de universidades que nós temos aberto, sobretudo com a África mediterrânea, depois através da diretoria da faculdade e participamos também do Erasmus Mundus, que tem nos aberto a relação com os países europeus, além disso, no Erasmus Mundus tem*

*estudantes dos Estados Unidos, Costa Rica, Ásia, Filipinas, Malásia, Uganda, Quênia, aberto o mercado através de estudantes que realizam o Erasmus Mundus (Gáli).*

*Os acordos são abertos por vias oficiais com editais oficiais que temos participado e ganhado e, depois, as relações particulares via professores e estudantes do Erasmus Mundus e via diretoria. Quando Mundet era diretor da faculdade ele abriu muitas relações com Brasil e Cuba (Gáli).*

*A Universidade de Girona é uma das duas universidades mais prestigiadas da Espanha. Nós fomos a 1ª escola oficial da Catalunha, a 2ª da Espanha, havia só em Madri. Fomos a 1ª faculdade de turismo. A única que tem Erasmus Mundus na Europa. Tem uma relação de teses de doutorado publicadas e defendidas das mais altas da Espanha, isso em indicadores de objetivos nos tem posicionado em 2º lugar na Espanha, como a melhor universidade de turismo junto com as Ilhas Baleares e juntas temos um campus de excelência em turismo, um doutorado interuniversitário, é o mesmo, as duas são reconhecidas, prestígio tanto pela pesquisa, como pela docência, inovação, relações internacionais, publicações, teses de doutorado (Gáli).*

*Existem duas vias para a cooperação, como coordenador do mestrado eu posso iniciar elementos de cooperação, como por exemplo, agora temos cooperação com Universidade do Canadá e uma universidade da Rússia para a versão em inglês. Esta é uma cooperação que iniciamos desde o próprio mestrado, porém também, por exemplo, nos é chegada oportunidade com outra universidade Russa e nos foi chegada via o escritório de relações internacionais, todos estamos trabalhando com reuniões bastante periódicas para poder estabelecer os convênios com dupla titulação em universidades que ainda não tem mestrado e para eles às vezes é muito mais fácil que aprovelem o seu mestrado se tem um convênio internacional e nós nos beneficiamos de termos seu mestrado vinculado ao nosso, porque assim tem mais facilidade de intercâmbio (Prats).*

*Se você quer internacionalizar algo tem que viajar, de dentro dos seus escritórios não vamos internacionalizar nada, tudo se faz com pessoas, Skype, internet, ajudam, mas nada como o contato pessoal (Prats).*

Estas falas dos professores Boër, Mundet, Gáli e Prats mostram que todos realmente estão empenhados no processo de internacionalização da universidade e colaboram na captação e implantação das cooperações. Deixam claro que a internacionalização os coloca no cenário global, que o processo é particularmente desenvolvido nos programas de pós-graduação, envolvendo professores, pesquisadores, alunos.

Boër também conta das dificuldades burocráticas para validar as disciplinas feitas em outros programas. Segundo ele “para alguns professores só suas disciplinas são boas, interessantes, necessárias e não poderiam ser substituídas por outras feitas em outras instituições”.

*Então depois de dois anos de sofrimento, porque tínhamos que discutir com cada professor para aceitar as notas de outra universidade e tal, decidimos que quando um aluno ia de mobilidade pegávamos a lista de professores e colocávamos o aluno em outra lista que dependia de relações internacionais, com a qual o professor não poderia colocar a nota do aluno, isso facilita muito, então o sistema é esse, o aluno vai fazer suas horas de ensino, suas horas de mobilidade, de trabalho, aprende outras coisas que são diferentes daqui, porém validamos, pois os estudantes que eles formam são tão bons como os estudantes que formamos aqui, que formam em Perpignan, que formam em Florença, que formam em Brighton e que formam não sabem onde, em Atenas, quem somos nós para julgar o que foi feito em tal país? Então nós aceitamos o que tenha feito o estudante. Não devíamos estar mal encaminhados porque a nova normativa do Erasmus atual vai nessa direção, diz que o aluno tem que fazer 30 créditos no semestre e vale para disciplinas equivalentes. Se fizer 30 créditos ali, tem 30 créditos aqui, com o qual facilita muito as mobilidades (Boër).*

*Fazemos um acordo de estudos que é assim, aqui vão às disciplinas que devem fazer durante o semestre ou ano e aqui vão às disciplinas da Universidade onde vão fazer a mobilidade, então colocamos a quantidade de créditos e o equivalente, na Europa está assim, em créditos, mas fora da Europa às vezes não tem os créditos equivalentes, então com o acordo bilateral calculamos mais ou menos o que corresponde a um crédito daqui com a unidade que se gasta em outro lado, então aqui colocamos (me mostrando uma planilha onde lançam as notas), Turismo sustentável 6 créditos, aqui colocamos uma nota que corresponda, porque o que nos interessa é que tenha a mobilidade, isso tem que ficar muito claro, porque a parte que tem turismo, por exemplo, temos relações públicas e publicidade, na Europa normalmente relações públicas e publicidade são duas disciplinas, não uma só, dificilmente temos alunos que fazem publicidade e relações públicas em disciplinas diferentes durante o curso. Por exemplo, na Itália tem publicidade, mas relações públicas não tem, ou aceita, ou não os mandamos, ou então anula o convênio. Então assinam os coordenadores de estudos, o secretário acadêmico, eu, o aluno e também a Universidade (Boër).*

*Podemos fazer mudanças, necessitamos fazer mudanças, porque quando eles vão, quando fazem o acordo de estudos, eles fazem um ano antes e as páginas da web são alteradas com seis meses de atraso no mínimo, quando não é 1 ano ou 2, quantas disciplinas não são necessárias na Universidade de Florença ou Girona, dá no mesmo, nós mesmos colocamos nossas disciplinas no mês de junho, começo de julho, quando as matrículas começam, os alunos que veem à Girona tem feito o acordo com o plano do ano anterior e algumas disciplinas são iguais e outras mudaram e outra coisa que não é segura é o horário, e como o horário não está, haverá mudanças de disciplinas. Por exemplo, eu mando um aluno para Florença, ele aluga um apartamento, começa a trabalhar, ele mandou o plano de estudos e essa disciplina não tem, essa outra disciplina não tem, mudou, e eu falo então não aceito? Tem que voltar. Minha negociação foi falsa? Não posso, tenho que aceitar as mudanças que a Universidade propõe. Isto é a mesma política sempre, quero que se vá ou não, então vão, se quero que se vá tenho que aceitar. Quando voltam mandam as notas das Universidades e colocamos as notas conseguidas aqui com as disciplinas daqui, por exemplo, na Europa inventaram um sistema de letras, até certo ponto isso não funciona, não corresponde, eu não posso colocar um A, o sistema não aceita, tenho que por uma nota, que nota isso equivale? Na Itália eles têm 30 sobre 30, gasta nota, 30/3, 10, porém aqui um 10 os alunos não conseguem nem pagando o professor, nem subornando o professor, pois bem, estou com uma planilha de números e consigo perfeitamente montar também o que há, temos disciplinas de 30 créditos, 12 créditos, 15 créditos, na Bélgica tem disciplina de 1,5 créditos, 2 créditos, como funciona, com média ou suspendem (Boër).*

Frente a essas colocações do professor Boër fica evidenciado que eles criaram políticas internas para resolverem os problemas burocráticos que poderiam servir de entrave para o andamento dos processos de mobilidade discente, corroborando com Stallivieri que quando descreve acordos de cooperação aponta que as instituições tem que garantir o compromisso de levar adiante o que foi acordado nos protocolos de intenções.

Quando perguntados sobre os motivos para internacionalização dos programas foram apresentadas várias percepções.

*Quando eu assumi a diretoria da faculdade de turismo, que foram 8 anos, desde 2004 a 2012 eu tive muito claro desde o primeiro momento que era vital o tema da internacionalização, apesar da faculdade de turismo já ter um prestígio dentro da Catalunha esse não era suficiente porque estamos em Girona, apesar de estar perto de Barcelona, de ser uma cidade maravilhosa, bonita, estamos na província e vamos competir com Barcelona e as grandes universidades que ali estão, portanto, nós tínhamos que internacionalizar e sermos seletivos. Como somos pequenos e uma universidade mediana, nós tínhamos que vigiarmos muito bem com quem nós aliávamos que parceiros buscávamos e, por isso, nós sempre buscávamos os melhores de cada país. Não precisamos ter muitos contatos, devemos ter poucos e bons contatos (Mundet).*

*O que a gente nota aqui é que depois de acabado os 4 anos da graduação, os alunos não querem continuar aqui, querem ir-se, inclusive os que querem continuar estudando, não querem continuar estudando na mesma universidade, mesmo tendo professores diferentes, querem ir para outras universidades. Eu fiz graduação em Girona, mestrado em Toulouse na França e doutorado um pouco na França e outro pouco na Espanha em Valência (Prats).*

*O que nós temos eu definiria como uma experiência máxima em internacionalização é um caso que eu diria como máximo. Uma coisa é o que é internacionalização para a faculdade de turismo, que é diferente em nível de graduação e em nível de mestrado ou doutorado. No meu caso é o nível de mestrado, nível de mestrado é muito apropriado para internacionalizar porque muita gente estuda graduação em um local e depois tem uma oportunidade para mudar de universidade, de país, completa sua formação de uma maneira mais global (Guia).*

*As pessoas vêm aqui para fazer turismo em um país turístico. A convivência dos espanhóis com os estrangeiros, como há mais alunos de fora do que do próprio país em sala, vivenciamos a internacionalização em casa. E aqui realmente a gestão de grupos é muito fácil, porque os estudantes de casa querem ajudar os de fora em como é a vida na universidade, o grupo em si é bastante unido. A multiculturalidade é fantástica, além do mais, há pessoas de distintos países e distintos cursos e se nota positivamente em sala, interação fantástica (Prats).*

*A internacionalização é absolutamente boa para os cursos de turismo, dá visibilidade aos cursos. Podemos ter estudantes fazendo estâncias práticas de turismo ao doutorado, ao mestrado, à graduação, a internacionalização é fundamental (Gáli).*

*A internacionalização é muito importante em nível de instituição e em nível de estudantes, pois o estudante que não tem no currículo um semestre ou um ano em outra universidade no estrangeiro é um currículo pobre quando vai procurar um trabalho, um serviço laboral, pois com toda certeza um estudante que tenha passado um semestre ou um ano no estrangeiro, em outra universidade vai ter muito mais possibilidades. Internacionalização em turismo é vital a nível académico, em nível de passar um semestre em outra universidade com outros estudantes, em nível de pesquisa e também em nível de práticas, porque as práticas são obrigatórias e em outro país é um plus, valor agregado muito grande (Mundet).*

Todos os professores só apontaram motivos positivos para internacionalizar o ensino, mas percebe-se que todos falam dos cursos de mestrado e doutorado, claro que falam enquanto coordenadores, mas todos também ministram aulas na graduação, então fica evidenciado que na graduação existe o modelo de intercâmbio de alunos menos representativo que nos cursos de pós-graduação e o principal motivo disso será demonstrado na fala abaixo.

Sobre a experiência de internacionalização no nível de graduação na Universidade de Girona o professor Guia fala da sua percepção:

*Pela perspectiva do turismo que nós temos experiência na graduação, o problema aqui na internacionalização é que as aulas são dadas na língua catalã, que é uma língua minoritária como outras que existem na Europa, então, com isso, só atrai o mercado local. Se ensinarmos em castelhano poderíamos atrair um mercado internacional maior e, depois, na Europa também tem os intercâmbios Erasmus, então durante muito tempo o que se chamava de internacionalização na Europa eram os intercâmbios Erasmus. É uma internacionalização sim, mas temporária, os estudantes que vinham não deixavam dinheiro porque estava baseado no intercâmbio simplesmente, num reconhecimento de créditos, porém, da forma que começou o intercâmbio na Europa com essas bolsas para que as pessoas pudessem se mover de uma universidade a outra e continuar aprendendo. Então a gente mandava muitos estudantes a outros países, mas vinham poucos pra cá por causa da língua, então pouco a pouco, como política da faculdade começamos a introduzir algumas disciplinas que são ensinadas uma parte em inglês na graduação e se conseguimos montar uma disciplina de 30 créditos, isso significa que uma pessoa pode vir e selecionar essa disciplina que se faz em inglês. Portanto, com isso, temos atraídos estes estudantes em nível europeu que usam o inglês como língua comum para a graduação. Estamos começando, porque isso é novo.*

Sobre a experiência de internacionalização no nível de mestrado da UdG que oferece um Mestrado em Gestão de Destinos na língua castelhana, um Mestrado de Desenvolvimento de Produtos na língua inglesa e um Mestrado Erasmus Mundus, disseram:

*Quando eu comecei na coordenação do mestrado há 4 anos, o mestrado era oferecido um pouco em castelhano, um pouco em inglês e um pouco em catalão, isso era realmente impossível para o aluno de internacionalização, porque, para um aluno da América Latina nenhum problema para o castelhano, inclusive para o catalão, mas inglês não. Teríamos dois grupos majoritários que eram latinos americanos de um lado e do outro os europeus e nos pareceu interessante dividir e para decidir foi*

*relativamente fácil, pois tínhamos elementos mais de gestão em países com Brasil, Peru, Argentina, Chile, tinha bastante gente com a ideia de que necessitava o mestrado para poder entrar logo na administração pública, fazer gestão, então pensamos que fazia mais sentido itinerários de gestão em castelhano, enquanto aqui na Europa a função pública está saturada e as demandas são mais de empresas para a criação de produtos, então fazia mais sentido que a criação de produtos fosse em inglês (Prats).*

*As turmas de mestrado têm 30 a 31 estudantes, dos quais os estrangeiros de fora da Espanha são 45 a 50% e fora da universidade mais de 90% são de fora da cidade, do resto da Espanha (Prats).*

*A princípio o mestrado teria 2 anos, mas agora houve uma mudança na legislação e tivemos que ir para 1 ano, mas a ideia anterior era uma diplomatura de 3 anos e um mestrado de 2 anos, antes se chamava licenciatura, se pensou basicamente em continuidade dos estudos na própria universidade, com a ideia de ter estudantes próprios da casa, que quiserem continuar os 5 anos. Nesse ímpeto, logo primeiro pela mudança de legislação e segundo por esta ideia de ter mudança de estudantes, seja porque os estudantes estão mais acostumados ao intercâmbio, seja porque eles têm mais oportunidades de viajar, estudar fora não é mais problema (Prats).*

*Então aqui faz nove anos ou algo assim que começamos a pensar, a desenhar diversos mestrados e, por exemplo, em nosso caso ajuda muito que a união europeia em sua estratégia de internacionalização e concretamente de internacionalização para estudantes de fora da união europeia, Ásia, América, África, etc., elaborou uma estrutura de mestrados conjunto. Os mestrados nunca são somente de uma universidade, sempre tem que ser de no mínimo três universidades, portanto, há todo um trabalho prévio, de que três universidades se coloquem a trabalhar conjuntamente para oferecer um produto, de maneira que os estudantes que se matriculam nesse produto têm que necessariamente ir no mínimo a duas dessas universidades ou dois países, falando do Mestrado Erasmus Mundus (Guia).*

*Existem muitos modelos de organizar, no nosso caso só havia três universidades, de três países e nós organizamos o programa para que todos os estudantes fossem pelas três universidades. Isso quer dizer que os estudantes no nosso caso vão à Dinamarca e fazem o programa de primeiro semestre, depois vão à Eslovênia e com isso, acabam o primeiro ano. Saem de férias e no segundo ano chegam aqui em Girona, ficam um semestre e depois o último semestre, o quarto, tem que escrever a dissertação e tem várias opções, podem estar em qualquer uma das três universidades, portanto, também podem ir a uma quarta universidade dentre uma rede de universidades associadas que temos por todo o mundo, também podem ir ao lugar de ir a uma universidade a uma empresa ou uma organização para fazer como um estágio, um intensivo e escrever a dissertação sobre tema comum sobre esta organização. Portanto, como um produto, é muito internacional, porque as pessoas que entram nesse programa foram no mínimo a três países durante estes dois anos e, portanto, aprendem muito também a mover-se de um local a outro. Depois outra vantagem também é a variedade de estilos, porque claro, no norte da Europa, no leste da Europa, no sul da Europa, tem uma visão europeia do que é universidade, não só fica com uma maneira de fazer, senão com várias maneiras de aprender (Guia).*

*No caso do turismo, além disso, tem muitas atividades de campo, de saída, e também podem conhecer locais onde o turismo está organizado, em três diferentes locais, também fazemos viagens a outros locais da Europa, é bem completo nesse sentido (Guia).*

*Portanto, há uma internacionalização que vinha de alguma forma obrigada pela maneira como a união europeia planejou este tipo de mestrado, se você fazia isto teria a oportunidade de apresentar-te e te elegiam como mestrado Erasmus Mundus que é programa específico, que durante cinco anos teria muitíssimas bolsas para estudantes de fora da união europeia e cada bolsa para dois anos é de 47 mil euros, muito dinheiro. No 1º ano tivemos 21 bolsas, depois 18, depois 15 e foi abaixando, agora estamos no quinto ano, último. Agora passamos por um processo de avaliação para ver como fomos nesse período e podemos estender o programa por mais três anos para dispor de bolsas. Fomos selecionados e, portanto vamos estender o programa de bolsas até 2019, portanto muitos anos. Graças a essas bolsas o programa foi muito bem, pois no 1º ano conseguimos ter 21 estudantes de países de todo o mundo. Reunir gente assim tão diversa é muito difícil, mas quando consegui o produto se converte em único, porque todas as pessoas que vêm tem garantido que durante 2 anos não só viajará a diferentes lugares, mas irá compartilhar os lugares e a vida com uma família nova de 30 pessoas super diferentes em termos de origem (Guia).*

*E agora, depois da experiência de muitos anos, o mestrado se vende sozinho, por isso, pelo valor agregado quase único. Nós podemos te garantir que vai encontrar com pessoas de todos os países. Agora para o próximo curso que começa em setembro estamos encerrando o processo de seleção e de novo teremos 30 estudantes de 20 a 25 países e, portanto, eu diria que é uma experiência máxima de internacionalização e pela primeira vez, este ano temos menos bolsas e temos 16 estudantes não europeus que vêm sem bolsa, ou com bolsas que eles consigam em seus países. Portanto, a experiência da união europeia é interessante nesse sentido, porque eles colocam dinheiro para ajudar estes programas, porém não pelo resto da vida, senão como uma maneira de ajudar os programas a começarem com o objetivo de que os programas sejam sustentáveis por si mesmos. E esse é um esforço que nós temos passado por essa experiência e parece que está dando frutos positivos, porque é realmente o que temos (Guia).*

*Na segunda fase do Erasmus Mundus eles são mais duros, a cada bolsa que eles dão a universidade tem que apresentar mais um estudante ou dois estudantes que se alto financiem. Agora estamos trabalhando em todos os aspectos da realização do programa para ser autossustentável e prosseguirmos sem as bolsas do Erasmus Mundus e os resultados desse ano são muito esperançosos nesse sentido, porque se esse ano não tivéssemos bolsas não teríamos problema, seguiria no mesmo (Guia).*

*É um produto muito específico de internacionalização, claro, pois na Europa tem no total uns 130 a 140 programas de mestrados Erasmus Mundus como esse, mas de turismo só existe este concretamente, portanto é uma experiência muito, muito característica da internacionalização (Guia).*

*Sobre a validade do diploma, uma novidade na Europa, graças a isso se pode pela primeira vez oferecer um título comum. Antes um diploma era de uma universidade, agora houve uma mudança nas leis, de forma que se pode pela primeira vez oferecer títulos conjuntos, num mesmo título estão as três universidades assinadas pelos três reitores e de alguma forma com validade nos três lugares diferentes, isto tem problemas legais, como por exemplo, depende da universidade que expede o título, no final uma das universidades é que expede, no nosso caso teria que ser Girona, mas as leis são tão complicadas que elegemos Eslovênia e Eslovênia o faz sem problemas. Então os estudantes que tenham isso tem também a assinatura do nosso reitor. Para ser válido na Espanha basta levá-lo ao ministério para que eles coloquem um selo, outra coisa distinta também desses títulos é quando um estudante brasileiro volta ao Brasil tem que validar, é outra história que não é específica daqui, é generalizada e muitas vezes depende da vontade de cada ministério de ajudar os processos ou de*

*complicá-los, é uma decisão política e definitiva. Temos um título que é válido nas três universidades, é um grau máximo de internacionalização que pode fazer (Guia).*

*Agora mesmo dos 30 estudantes que estão no quarto semestre do curso estão fazendo a tese de mestrado, cada um tem um supervisor, porém estão repartidos por todo o mundo, acho que aqui não tem nenhum. Os que eu oriento uma é estudante alemã que está na Nicarágua, outra é uma estudante brasileira que está em Nova Deli na Índia, outro é um estudante da Áustria que está em Cantão na China e a última é uma estudante daqui que está aqui. É curioso (Guia).*

*Estes estudantes são muito empreendedores, eles perguntam pela web, pelo facebook, pelo twitter e trazem ideias, é uma visão do turismo diferente, eu tenho aprendido muitíssimo através dessa internacionalização porque vamos aos Pirineus fazer uma visita de campo para ver uma série de coisas, de esqui ou de caminhar pela montanha, a maneira como os asiáticos veem isso pode ser tão diferente da qual a gente vê (Guia).*

A experiência dos mestrados realmente são muito ricas, os professores demonstram muito comprometimento para continuarem atraindo estudantes de todos os lugares do mundo, entre uma entrevista e outra vários deles viajaram para alguma missão de mobilidade, ou para ministrar aulas como parte dos programas, ou para visitas técnicas com alunos e mesmo para reuniões com instituições interessadas em constituir novas parcerias. Também receberam professores convidados para ministrar aulas.

Na pós-graduação verifica-se que a internacionalização é muito presente, até mesmo pela quantidade de alunos estrangeiros que supera a de alunos espanhóis corroborando com Pearce que já afirmava que a internacionalização da educação em turismo tem aumentado a procura por pós-graduação principalmente por estudantes estrangeiros.

Sobre a experiência de internacionalização no doutorado da Universidade de Girona Gáli explicou que no doutorado não tem docência, não tem aulas. Quando um estudante tem a graduação, mais os 60 créditos do mestrado, pode fazer o doutorado, num total de 320 créditos. Cada programa de doutorado tem suas linhas de investigação e as linhas de investigação têm seus orientadores de tese, então se tem um estudante que tem a graduação e o mestrado e tem uma linha que o interessa ele pode começar a tese do doutorado, o trabalho de pesquisa. Tem duas modalidades, tempo integral que são três anos, ou tempo parcial que são 5 anos, porque como ela diz tem gente que trabalha, que quer ir mais devagar. Ela explica que sempre há uma prorrogação no caso de tempo completo, 3 + 1 e no caso do tempo parcial 5 + 2, essa prorrogação é quase automática se o aluno não depositar a tese.

*Então a tese se inscreve dentro de um programa e dentro de uma linha de investigação dentro do programa. Nós temos uma linha de estudos sobre*

*comportamento, uma linha que é de marketing sobre destinos, uma linha de inovação e outra de sustentabilidade. Muito abertas para que qualquer tipo de tese em turismo possa se encaixar em uma linha ou outra (Gáli).*

*Atualmente temos 40 estudantes fazendo teses de doutorado, a maioria em tempo parcial, 5 anos e bolsistas temos no momento 6, de diferentes modalidades, bolsistas do ministério, bolsistas da universidade (Gáli).*

*Nós temos dentro do programa de doutorado entrada da maioria de áreas da graduação e do mestrado que estão no turismo, economia, organização de empresas, geografia, história da arte, comunicação, são áreas que os programas da graduação e do mestrado têm aulas, mas nós temos aberto a outras áreas da universidade que normalmente não dão aulas no turismo, porém, tem algum vínculo com o turismo, como por exemplo, engenharia, tecnólogos, geógrafos, meio ambiente, arquitetos (Gáli).*

*Temos nesse momento uma professora de pedagogia que está trabalhando tema de museus, ela trabalha com museus e crianças, então como trabalha com interpretação está escrevendo uma tese sobre museus e turistas. Temos uma arquiteta que está muito interessada em turismo, está escrevendo uma tese sobre arquitetura em Barcelona para turismo, a nova arquitetura (Gáli).*

*Existem também convênios de cotutela, uma tese pode ser dirigida por um professor do Brasil e um professor de Girona, o estudante tem que inscrever a tese em ambas as universidades, a partir daí se firma o convênio e vai defender a tese na universidade onde se inscreveu (Gáli).*

*Também podemos fazer cotutela com uma universidade que não tenha doutorado em turismo, porém o professor tenha muita relação em Girona, se inscreve em Girona, a matrícula se paga em Girona, porém como é cotutela o aluno será doutor em ambas as universidades e pode fazer à distância, mas a defesa tem que ser em Girona, tem que ter uma parte da defesa em inglês, mas pode ser em outra língua (Gáli).*

*Temos muitos alunos de fora, temos alunos portugueses, temos um convênio com a Universidade de Porto, cinco alunos de Portugal, Romênia, Havai, duas do Irã, muitos da América Latina, Colômbia, Venezuela, Brasil, depois uma parte da Espanha, 40% mais ou menos de estrangeiros (Gáli).*

Os dados demonstram um número muito grande de alunos nos mestrados e doutorados em Girona, muito superiores aos ofertados nas instituições brasileiras, mas principalmente no doutorado a maior diferença é não ter aulas em nenhum momento.

O modelo de internacionalização utilizado pela UdG está gerando colaborações internacionais, expansão de alianças internacionais, criação de redes acadêmicas. Também conseguem dar ênfase nas pesquisas além de compreensão intercultural.

Boër também falou sobre outras experiências advindas do processo de internacionalização da Faculdade de Turismo, além das mobilidades discentes e docentes.

*Também crescemos muito em projetos, como estamos próximos à fronteira, fizemos projetos transfronteiriços com Perpignan, com Toulouse, na zona ao lado da França, também fizemos muitos programas da União Europeia que também é para fronteiras e que nos permite fazer projetos bastante importantes e com dinheiro, isto sim, porque Erasmus não tem muito dinheiro, mas estes programas têm dinheiro para investir em formação. São projetos entre administrações, universidades, privados também podem entrar, entre a zona de Perpignan, entre Universidade de Girona, a Universidade de Lleida, Rede de Universidades Catalãs e esse sim tinha o objetivo de formar profissionais em catalão do lado francês e em francês do lado catalão, para que pudessem utilizar o idioma e fazer negócios dos dois lados.*

*Logo tínhamos outro que acabamos a seis meses que chamava Res'pir entre La Riege, do lado francês de Andorra, a Universidade de Toulouse que correspondem a essa zona, Prefeitura de Girona e Universidade de Girona sobre turismo ativo de natureza sustentável e o que fizemos foi um processo de qualidade para o profissional de turismo de aventura, um processo de qualidade para formar profissionais e ajudar a profissionalizar as empresas e com formação feitas pelas universidades e com realizações de corrida pela montanha tanto do lado francês como aqui.*

*Quanto mais internacionalizar melhor porque traz mais alunos, dá visibilidade para a faculdade, somos humanos e temos tendência a pensar sempre que somos o centro do mundo, está bem, até descobrir que existem muitos centros do mundo no mundo e eu creio que quando começamos a pensar na internacionalização, pensamos que quanto mais internacionalizar melhor.*

*Também havia um sentimento assim, Girona é pequena, não podemos competir com o monstro de Barcelona e nem podemos contar com Barcelona, pois nos comerá, a única maneira é ir para fora e ter um nome internacional. O essencial é que os estudantes tenham que ver outras coisas, sair daqui, descobrir que tem outras coisas. Às vezes os estudantes vêm e dizem que quando vão para fora descobrem que os melhores, que os que os tratam bem estão aqui, que os cuidam, que estão atentos, tenho todos no facebook, sei o que estão fazendo, comunico com eles em tempo real, se é sábado é sábado, se é domingo é domingo e lhes ajudo e se tem que fazer alguma coisa quatro vezes, fazemos quatro vezes e se adaptam, buscamos soluções.*

Esta fala demonstra características apontadas por autores como Knight e De Wit, Van Damme, Teichler, Juan Sebastian, Stallivieri, dentre vários outros, onde a prática da internacionalização favorece a construção e a socialização do conhecimento para além das salas de aulas, melhorando a visibilidade e o reconhecimento institucional.

A experiência de internacionalização da Escola de Hotelaria e Turismo de Girona no nível técnico e superior:

*Nossa escola está dentro do programa Erasmus+ que é para aluno de grau superior e grau médio. Faz muitos anos que esta escola está em projetos internacionais e este ano concretamente solicitamos umas bolsas, não nos foram dadas todas, porque agora é um pouco complicado por causa do custo do dinheiro e temos concretamente de grau superior cinco alunos que quando finalizarem os estudos no mês de maio vão fazer suas práticas no estrangeiro, concretamente temos duas alunas que vão ir para Londres em um hotel que faz muitos anos que trabalhamos com eles e no âmbito da*

*hotelaria temos três alunos que vão à França, para Toulouse trabalhar em restaurantes e de grau médio têm três alunos também na França (Vinôlas e Angels).*

*Nós trabalhamos muito com a França por causa da proximidade e agora é um país que está acostumado com a figura do estagiário, sobretudo no âmbito da hotelaria e turismo. Nós temos trabalhado basicamente com estes dois países, França e Inglaterra. Para o próximo ano precisamente solicitamos também Portugal, Lisboa, porque agora conseguimos um contato com uma escola de hotelaria e eles mandaram dois alunos no mês de setembro passado e estiveram em um hotel, um camareiro e um cozinheiro e foram muito bem. Atualmente nós temos isso. E logo temos alunos do estrangeiro que vem fazer as práticas aqui, este ano tivemos dois portugueses de Lisboa de uma escola de hotelaria e turismo e sábado passado foram embora dois franceses da parte da Normandia (Vinôlas e Angels).*

*O programa Erasmus + não contempla países fora da Europa, fora da União Europeia. Estes são programas mais institucionais, se nossos alunos ao terminarem os estudos quiserem ir trabalhar no exterior por sua conta estes estudos abrem muitas portas para fazê-lo, tem essa possibilidade, porém em nível organizativo não temos. Os alunos do Erasmus + vão com bolsas com fundo da União Europeia (Vinôlas e Angels).*

*Algumas vezes fizemos intercâmbios, atualmente não fazemos. Agora os alunos têm problemas de dinheiro e intercâmbio sempre tem que pagar, mesmo que se alojem em casa de alunos sempre há que pagar viagem, estadia. Atualmente não fazemos, mas tem feito alguma coisa, sobretudo, com França, por exemplo, intercâmbio de 2 ou 3 dias, isto sim é possível, mas intercâmbio de longo tempo não (Vinôlas e Angels).*

Demonstra que a procura por funções com formações mais técnicas em turismo também tem um mercado internacionalizado e que busca por esses alunos com formação global. As empresas turísticas necessitam de profissionais cada vez mais capacitados para essa atividade tão complexa, dinâmica e em expansão mundial.

Gariglio explica sobre a experiência de internacionalização no nível técnico do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).

*A ação de política internacional nossa é uma ação que busca parceria longa. Parceria longa é só por projeto de pesquisa, não é por troca de aluno. O aluno atualmente tem servido de mot para gente buscar estas parcerias.*

*Não existia ainda a internacionalização no nível técnico, eu não conseguia pensar como se daria. Eu não tinha conseguido também encontrar instituições parceiras para receber alunos do nível técnico. Foi no final do ano passado (2013) que eu consegui com Tomar, Bragança e Bulgária e os meninos voltam agora em julho (2014). Eu vou encontrar com os meninos quando voltarem e eles vão me orientar como é que nós vamos construir o edital. Eu já tenho garantido a continuidade em Tomar e em Bragança.*

*Todos os nossos parceiros antes eram Universidade e só aceitavam alunos da graduação, então eu comecei com o turismo a internacionalização do técnico. Porque que eu comecei com o turismo, porque são mais fáceis de atenderem as exigências como, por exemplo, o aluno falar inglês. As exigências mínimas, já ter 18 anos, ter terminado o curso e estar matriculado só na disciplina de estágio e falar inglês.*

Como é uma experiência nova na instituição no período da entrevista não tinha muitos dados para informar, mas ficou evidenciado o interesse de colocar os cursos técnicos na rota da internacionalização.

Uma fala da professora Gariglio ficou martelando na minha cabeça por muito tempo, quase que como um desafio de compreensão, e quando estive em Girona e pude vivenciar as experiências da instituição isso ficou muito claro, a construção de parcerias longevas para projetos de pesquisas. Vou retornar nesse assunto ao confrontar a pesquisa com os discentes.

Uma questão abordada por todos foi sobre idiomas, que é de suma importância para o processo da internacionalização.

*Quando se montou a faculdade de turismo, a escola oficial de turismo, o reitor da Universidade de Girona me chamou e me falou como poderemos fazer porque os idiomas, eu sei que necessitam de muitas horas e grupos pequenos para realmente ser útil, se eu pago os professores de idiomas liquido o orçamento todo e não ensino turismo, ensino idiomas, podemos fazer mais horas e grupos pequenos, foi uma aposta da faculdade de Girona (Boër).*

*Para a Europa o inglês é fundamental, se você não fala inglês te tratam como um tonto, mas tem ingleses tontos também, americanos também. Para nós o inglês é obrigatório e para nós o francês e o alemão são bastante necessários também, 40% dos turistas que veem à Costa Brava são franceses. Quando o ano é ruim, os franceses nos salvam, é mais rápido ir para França do que ir para Barcelona. O tema idiomas é importante (Boër).*

*Em turismo não temos problemas de idiomas, porque, além disso, no Erasmus o jogo da mobilidade, sobretudo nós que somos do idioma minoritário que é o idioma catalão, se oferecermos aulas em catalão quem vai vir? Ninguém, em castelhano tão pouco, não é tão minoritário, mas as pessoas da Europa não sabem castelhano, então só os Italianos e os Portugueses podem vir, porque nós entendemos mais ou menos, mas os outros não, os ingleses, os daneses e tal, falam inglês. Em turismo temos 100 créditos mais ou menos de inglês que os estudantes fazem no curso além dos outros idiomas. É desigual, sempre mandamos mais que recebemos, mas temos que manter algo semelhante. Se os nossos alunos não falam inglês não podemos receber alunos de fora, para eles irem tem que vir alunos também, senão não tem intercâmbio (Boër).*

*Nesse sentido tem uma coisa que eu gostaria de dizer que é o conceito de internacionalização que está associado ao conceito ao qual a língua que se ensina no mestrado, nós adotamos o inglês como língua global, estão se um programa, uma universidade quer internacionalizar em nível global, o inglês deve ser institucionalizado como língua global acadêmica, porém existe outras maneiras de*

*internacionalizar, por exemplo, no mundo hispânico, no mundo ibérico, tem muitas experiências de programas com a língua portuguesa, com a língua espanhola, que evidentemente pode permitir uma internacionalização localizada às regiões que tenham essa língua como língua oficial. O mundo francófono passa pelo mesmo, todavia a França tem programas de internacionalização, a imensa maioria deles dirigida a estudantes que vêm de países francófonos. Por exemplo, na França também tem aparecido programas que se ensinam em inglês para o mercado global, inclusive existem alguns programas na França que se ensinam em espanhol simplesmente para atrair esses mercados mais regionais internacionais que não conhecem o inglês, mas conhecem o espanhol. Eu não me lembro do nome, mas é uma escola de negócios francesa que se baixa na web têm chinês também, umas quatro ou cinco grandes línguas. Há várias maneiras de internacionalizar (Guia).*

*Claro que o turismo internacional todos querem porque é exportação, se tu queres chegar a mercados novos tem que começar a ver-te a si mesmo com olhos de fora, é um exercício muito difícil. Os destinos turísticos de alguma forma muitos deles tem aparecido de maneira emergente, se você monta um negócio e as pessoas que te visitam são pessoas das cidades vizinhas, próximas, são todos brasileiros, que necessidade você tem de aprender inglês (Guia).*

*Claro, vai se desenvolvendo de maneira emergente, de maneira orgânica, destinos que estão muito preparados para um tipo específico de turista, porém se quiser passar a outro nível, com outro tipo de turista não estás preparado porque te faltam muitas coisas. Claro para pensar essa perspectiva de destinos de turismo internacional, global, é importantíssimo à internacionalização dos programas. Participarem de programas onde as aulas tenham muita variedade ou participar de programas onde tenha muita mobilidade para que tu possas ver coisas, ou programas que tenham as duas coisas distintas em conjunto que é o nosso caso, temos variedade de aulas e temos toda essa mobilidade. E no caso do turismo eu me atrevo a dizer que isso traz mais valor agregado que quiçá engenharias e essas coisas onde se dá o paradoxo que dizem que nessas áreas se produzem e no turismo não se produz nada (Guia).*

*Nós temos um parceiro associado no Brasil, na Universidade de São Paulo e agora mesmo nós temos um estudante nosso que está lá no seu quarto semestre, fazendo sua dissertação de mestrado. Já tivemos oportunidade de ir lá quando firmamos o acordo num momento em que eles também começavam um mestrado e estivemos falando com eles sobre o tema da internacionalização e chegamos à conclusão que os produtos no Brasil estão pensados de uma maneira muito natural para o mercado brasileiro principalmente, se alguém vem, que venha, mas está pensado para o mercado brasileiro e claro se realmente querem internacionalizar tens que pensar de maneira explícita em preparar produtos que estejam preparados para alcançar esse mercado que está mais além da internacionalização (Guia).*

Essas colocações de Boër e Guia são muito pertinentes e intrigantes, principalmente quando se analisam os currículos dos cursos estudados, fica evidenciado a altíssima carga horária e grande opção de idiomas ofertados na Universidade de Girona, em contrapartida nos currículos dos cursos brasileiros a carga de idiomas é quase inexistente.

No curso da UFMG tem um semestre de inglês técnico, um semestre de Francês e um semestre de espanhol. No CEFET-MG o curso é anual, os alunos tem 2 aulas por semana de inglês e espanhol durante os dois anos.

### 3.2 Interlocutores discentes

Foram feitas entrevistas estruturadas com alunos que tiveram a experiência da internacionalização no curso superior de turismo da UFMG e do curso técnico em turismo do CEFET-MG

Na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) foram entrevistados 17 alunos do curso superior de Bacharelado em Turismo e no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) foram entrevistados 2 alunos do curso técnico em Turismo.

As entrevistas aconteceram no período de setembro a novembro de 2015 e depois da coleta de dados e análise dos conteúdos foram descartadas duas entrevistas de alunas da UFMG que fizeram intercâmbio na modalidade, mobilidade acadêmica dentro de instituições de ensino superior no próprio país, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Para identificá-los ocultarei os nomes, usarei a letra E me referindo a estudante e números me referindo ao estudante entrevistado, então teremos de E1 a E17.

Caracterização dos alunos entrevistados: dos 17 alunos entrevistados 2 eram do sexo masculino, um de cada instituição pesquisada e 15 do sexo feminino. Todos os entrevistados estão dentro da faixa etária que compreende dos 20 aos 28 anos.

Dos alunos entrevistados 1 concluiu o curso superior em 2009, 1 em 2010, 1 em 2011, 2 em 2012, 1 em 2013, 4 em 2014, 3 em 2015 e 2 tem previsão de conclusão em 2016 e 1 em 2017. Apesar do curso superior em turismo da UFMG ter começado em 2002 ele não demorou a se inserir no programa de internacionalização.

Quanto à duração dos intercâmbios uma aluna ficou 3 meses, 12 alunos ficaram um período de 6 meses e 4 alunas permaneceram por 1 ano.

Os programas que os alunos da UFMG participaram foram:

- Minas Mundi: que enviou 3 alunos para Universidades em Algarve – Portugal; 1 aluna para Finlândia e 4 alunos para Barcelona na Espanha.
- Santander bolsas Iberoamericanas: 1 aluno para Valladolid e 1 aluna para Granada na Espanha.
- Modalidade livre: 1 aluna para Argentina.

- Ministério do Turismo/ CAPES: 1 aluna para Ilhas Baleares na Espanha e 1 aluna para Inglaterra no Reino Unido.
- Escala estudantil: 1 aluna para Assunção no Paraguai.
- AUGM: 1 aluna para Argentina.
- BRACOL<sup>34</sup>: 1 aluna para Colômbia.
- Uma aluna para Bragança em Portugal.

Houve 17 programas para 15 entrevistados porque uma aluna aproveitou a oportunidade oferecida pelos programas de internacionalização da UFMG e participou de três programas distintos, um em cada período, compreendidos no 2º semestre de 2013, 1º semestre de 2014 e de dezembro de 2014 a fevereiro de 2015.

Os alunos do CEFET-MG foram para programas piloto do curso técnico:

- Uma aluna para Tomar em Portugal.
- Um aluno para Dobrich na Bulgária.

Quando perguntados sobre qual foi a principal motivação para participar de um programa de intercâmbio responderam:

- 9 alunos alegaram a oportunidade de ter uma experiência de vivência internacional.
- Conhecer novas culturas foi citado por 7 alunos.
- Praticar línguas foi citado por 5 alunos.
- Estudar diferentes temas de turismo (que não são abordados na UFMG), conhecer a visão dos cursos de turismos lá fora, outras opções do turismo além do planejamento público, foi citado por 5 alunos.
- Crescimento pessoal e profissional foi citado por um aluno.
- Ter feito intercâmbio anteriormente citado por um aluno.
- Auxiliar no desenvolvimento do projeto de mobilidade acadêmica do ensino técnico do CEFET-MG citado por um aluno.

Foi percebido nas falas da maioria dos alunos que eles queriam vivenciar a mobilidade, ter a experiência de uma vivência internacional, possibilidade de conhecer outras culturas.

---

<sup>34</sup> Programa de Intercâmbio de Estudantes Brasil-Colômbia (BRACOL)

Quando perguntados qual foi o critério para escolha do programa/ instituição as informações dadas foram:

*E1: A escolha do programa foi devido a este fazer parte das opções de intercâmbio internacional da minha Universidade. Quanto à Instituição, foi devido à referência que esta apresenta nos ensinamentos e pesquisas referentes ao setor de Turismo.*

*E2: Possibilidade de estudar em Inglês e ajuda financeira.*

*E3: Ir para a região que tem o turismo como principal atividade econômica.*

*E4: O programa Minas Mundi foi escolhido porque ele é um dos maiores programas de intercâmbio da universidade e contempla o curso de turismo, a instituição foi escolhida devido a grade de disciplinas que era muito interessante e ela ofertava vaga para dois semestres, diferente da maioria que oferece apenas um.*

*E5: Análise de currículo, proficiência em idioma e entrevista.*

*E6: Queria que fosse a Espanha por eu conseguir praticar o espanhol.*

*E7: Grande interesse pela cultura dos países destacados, além de ter a oportunidade de conhecer o estudo do turismo em um dos países que mais recebem turista no mundo (Espanha).*

*E8: Auxílio que a universidade oferecia.*

*E9: Por Barcelona ser uma cidade de grande importância para o turismo e a instituição estar entre as melhores do país.*

*E10: O Minas Mundi é um programa que inclui o curso de Turismo. Escolhi Portugal, pois não era necessário a prova de línguas e a universidade oferecia matérias no âmbito operacional (hotelaria).*

*E11: Vaga disponível para o curso de Turismo.*

*E12: Aprimoramento da Língua Inglesa.*

*E13: A instituição que ofertasse turismo (são poucas...).*

*E14: O primeiro critério foi um programa que me possibilitasse a oportunidade de um intercâmbio, depois procurei saber se a universidade era considerada boa no país e depois procurei sobre o enfoque que a instituição dava para o curso do Turismo, qual visão ela priorizava. Era uma visão mais mercadológica ou mais voltada para o planejamento e a gestão pública?*

*E15: Instituição que aceitasse o exigido pelo CEFET.*

*E16: Cidade e cultura local.*

*E17: Avaliação das possibilidades de cooperação acadêmica entre a instituição parceira e o CEFET-MG.*

Foi percebido nas falas de 8 alunos que eles queriam ter a experiência do intercâmbio em instituições que ofertassem o curso de turismo, 4 alunos escolheram pela possibilidade de praticar o idioma, 2 destacaram o auxílio financeiro. Eles queriam fazer o intercâmbio e verificaram o que se ajustava a realidade de cada um.

Foi pedido para descreverem as principais atividades desenvolvidas no intercâmbio:

*E1: No intercâmbio eu pude escolher e definir minha grade de estudos. Dessa forma, busquei absorver o máximo de ensinamentos e atividades que não eram oferecidas pela minha Universidade ou que, de certa forma, agregariam conhecimento profissional e pessoal. Busquei fazer disciplinas da área, mas que não eram o foco da UFMG. Como a UFMG volta-se mais para planejamento e gestão, fiz disciplinas mais práticas como transportes turísticos, geografia do turismo (principais destinos e porque se tornaram destinos), curso de bar e restaurante, noções de hotelaria, entre outros.*

*E2: Atividades acadêmicas e sociais.*

*E3: Monografia, matérias escolares e viagens.*

*E4: Estudos de temas diferenciados, participação em eventos internacionais de turismo, estudos de línguas, viagens e passeios.*

*E5: Estudo em disciplinas do curso de turismo na universidade em Barcelona.*

*E6: Fiz um curso de metodologia de pesquisa qualitativa, e cursei 3 matérias do curso de turismo.*

*E7: Aulas nas universidades destacadas com grandes professores, viagens de campo.*

*E8: Trabalho de campo, Projetos em grupo e individuais, Debate de assuntos relacionados ao turismo. Conhecer e aprender a respeitar outras culturas.*

*E9: Conhecer estudantes de todo o mundo, praticar novos idiomas, ter contato com professores de visões diferentes, participar da vida cultural ativa da cidade.*

*E10: Cursei 04 matérias, efetuei trabalhos, apresentações e provas. Dentre os trabalhos, participei do Dia Aberto da UAAlg, onde apresentei sobre um dos destinos turísticos mais visitados do Estado do Algarve, a cidade de Lagos. Apresentei o trabalho para alunos, professores e visitantes.*

*E11: Estudo do idioma espanhol, matérias do curso de Gestión de la Hospitalidad, troca de experiências culturais, viagens dentro do país e a países vizinhos.*

*E12: Curso de inglês / UK como destino / Eventos / Customers Service / Serviço de bordo / entre outros.*

*E13: Aulas, inclusive disciplinas que não tinham no curso da UFMG, participação em eventos internacionais e feiras relacionadas a turismo.*

*E14: Procurei fazer as matérias mais diferentes que são ofertadas lá e não o são aqui. Fiz matérias como Ferias y Eventos, Enología y Protocolo, Transportes y Viajes (matéria onde tive aula com um professor dono de uma agência de viagens até reconhecida na cidade, que além de toda a parte burocrática de se abrir uma agência de viagens nos ensinou a como manejar alguns sistemas de reservas, como o Sabre), também fiz aulas que poderia fazer aqui, mas achei que seria importante já adiantar por lá mesmo, como Fundamentos de Marketing, matéria que inclusive tem me ajudado bastante na matéria de Administração e Instrumentos Gerenciais.*

*E15: Estágio no gabinete de Relações Internacionais do Instituto Politécnico de Tomar.*

*E16: Pesquisas, trabalhos de campo, discussões em sala, trabalhos em grupo e individuais, provas, liberdade de escolha de disciplinas.*

*E17: Curso presencial das disciplinas: International Hotels Development, Hotel Operations Management, Project Management, Managerial Accounting; Desenvolvimento de relatórios da disciplina e da universidade para a SRI/CEFET-MG; estágio como animador na Fun and Sun Entertainment Company.*

Pelos alunos da UFMG fica evidenciada a procura por disciplinas mais específicas do curso de turismo já que pela estrutura curricular do curso da UFMG as mesmas são oferecidas de forma optativa já que o enfoque do curso é pelo planejamento territorial e o curso se encontra no Departamento de Geografia.

Perguntados sobre quais foram às contribuições do intercâmbio para a continuidade do curso no Brasil as respostas foram:

*E1: Com base nos meus estudos e aprendizados no intercâmbio, desenvolvi minha monografia. Além disso, a maior contribuição veio por parte das experiências e vivências, que geraram amadurecimento até mesmo no olhar turístico. Saber como as coisas funcionam fora do nosso país e da nossa aérea de atuação traz abertura para novas ideias, alvos e perspectivas profissionais.*

*E2: Aulas de metodologia de pesquisa (ponto mais fraco do curso no Brasil), Experiência transcultural.*

*E3: Me fez mais crítica com o curso e com a atividade turística.*

*E4: O intercâmbio contribuiu para que eu visse o turismo de diferentes perspectivas, me permitiu conhecer como funciona a atividade em destinos já consolidados e de grande visibilidade. Além disso, pude pensar em possíveis temas de monografia. Consegui aprender sobre temas diferentes e as disciplinas que fiz foram muito proveitosas.*

*E5: Aprendizado de disciplinas complementares a carga horária, visão do turismo amadurecida a partir da experiência na Europa, ampliação da visão pessoal sobre política pública, segurança, qualidade de vida, entre outros.*

*E6: A visão diferenciada do curso na Espanha.*

*E7: Pude conhecer a diferença entre os ensinamentos em diversos países na área do turismo e da geografia.*

*E8: Me ajudou a identificar qual a área do turismo eu gosto mais.*

*E9: Novos conteúdos para abordar na monografia, amadurecimento de ideias e novas perspectivas para contribuir nas aulas/discussões com colegas.*

*E10: Minha motivação pelo término do curso, novas visões quanto às matérias que cursei ao retornar, inspirações para projeto de monografia.*

*E11: O crescimento pessoal e acadêmico que tive me motivaram no término de minha monografia e ampliou minha visão do Turismo como um fenômeno global, que pode ser pensado de diferentes maneiras em culturas diferentes.*

*E12: Poder entender as diferentes concepções do Turismo e suas relações.*

*E13: Aulas de metodologia e temas para desenvolvimento da monografia.*

*E14: Eu pude ver que realmente estou fazendo o curso certo, algo que vai me preencher como pessoa, me satisfazer como profissional. Não é porque a UFMG não é focada na área que eu quero atuar na minha profissão que eu esteja no curso errado ou na instituição equivocada, eu apenas estou aprendendo mais coisas e ampliando meus conhecimentos e minha visão crítica de mundo.*

*E15: Aprendizado do Turismo por um diferente ângulo, possibilidade de experiência profissional em outro País e aprofundamento nas teorias e técnicas do Turismo.*

*E16: Novas perspectivas, valorização da qualidade do ensino da UFMG, definição dos rumos de pesquisa para conclusão do curso (e posterior continuidade na vida acadêmica).*

*E17: Academicamente, o intercâmbio propiciou uma visão bastante empreendedora do Turismo, bastante diferente da abordagem operacional oferecida pelo curso de Turismo do CEFET, um fator bastante motivador para a permanência na área.*

Segundo os alunos da UFMG as contribuições foram todas positivas, valorização do turismo como área profissional, motivação para continuar os estudos, complementariedade de conteúdos, visão diferenciada para desenvolvimento de monografias, aumento de visão crítica sobre o mercado turístico.

Para os alunos do CEFET as contribuições para o curso técnico, já que haviam cursado todas as disciplinas, foi aumento da visão sistêmica da atividade, aprofundamento dos conteúdos, possibilidade de experiência profissional.

Quando perguntados sobre quais habilidades / competências foram necessárias para o bom aproveitamento do intercâmbio responderam:

*E1: Como escolhi um país de língua portuguesa, não houve tantas barreiras quanto à língua, mas sinto que se meu inglês estivesse melhor, poderia ter aproveitado mais oportunidades, por isso, fiquei mais um tempo e me dediquei aos estudos de inglês. Considerei a forma de aprendizado no Brasil um pouco superior à que eu tive no intercâmbio. Senti que somos mais preparados, mais questionadores, mais intensos nas discussões e na busca pelo conhecimento. Isso, portanto, foi fundamental para destacar em sala de aula e desenvolver alguns trabalhos com mais excelência. Ser proativo, curioso, destemido, saber se relacionar, são habilidades que ajudam a qualquer pessoa em um ambiente internacional também.*

*E2: Adaptabilidade, fluência em outro idioma e disposição para aprender um pouco do idioma local, sensibilidade cultural e controle de choques culturais na chegada e no retorno.*

*E3: Proatividade e boa comunicação com as pessoas.*

*E4: Conhecimento de línguas espanhola, catalã e inglesa.*

*E5: Proficiência no idioma, hábito de estudo, interesse em assimilar conhecimento e trocar experiência do turismo no Brasil e no país do intercâmbio.*

*E6: Bom nível do idioma local, facilidade em me relacionar e falar em público.*

*E7: Facilidade de adaptar-se, ser uma pessoa aberta a novas experiências e ter o desejo e ser esforçado para aprender tudo o que puder em outro idioma.*

*E8: Ser flexível, esforçada e aberta.*

*E9: Maturidade e flexibilidade.*

*E10: Atenção, comprometimento, desenvoltura, força e dedicação.*

*E11: Conhecimento da língua em nível intermediário, traquejo social, conhecimentos bem embasados a respeito do curso e da área de Turismo de meu país de origem, desprendimento familiar, capacidade de adaptação, boa administração de tarefas*

*diárias e finanças pessoais. Por fim, coragem e força de vontade para voltar para casa.*

*E12: Convivência em grupo, adaptação a outra cultura.*

*E13: Capacidade de socialização.*

*E14: Foi necessário compreender bem a língua espanhola e saber me expressar bem tanto na fala quanto na escrita, já que eu fazia provas e desenvolvia trabalhos na UNAB. Também foi necessário compreensão para entender a cultura alheia. Também acho que talvez eu devesse ter me preparado mais psicologicamente para ficar todo esse tempo sem amigos e família por perto, mas no geral acho que o necessário foi o espanhol e aprender a conviver e compreender o diferente.*

*E15: Extroversão, bom nível de comunicação em outras línguas, abertura a multiculturalidade, boa base teórica acerca do Turismo como atividade econômica.*

*E16: Conhecimento da língua, de matérias já estudadas no curso de turismo, capacidade de se adaptar e de trabalhar e estudar ao mesmo tempo. E vontade de conhecer, estudar, viver novas experiências e fazer amizades.*

*E17: Domínio da língua inglesa; disposição e facilidade de adaptação a um ambiente sociocultural extremamente diverso; conhecimento prévio de algumas práticas do turismo, visto que as disciplinas que cursei formavam o segundo ano do curso.*

Todas as habilidades / competências citadas pelos entrevistados são estimuladas durante o curso de turismo e reforçam características que um profissional da área precisa desenvolver para trabalhar em uma atividade de prestação de serviço, como Pimenta (2013) já dizia que o acolhimento e a qualidade são bases de sucesso no setor e o profissional deve ter ampla cultura geral, conhecimentos específicos da área e qualidades pessoais.

Quando perguntados se sentiam preparados para a experiência internacional todos os entrevistados disseram estar preparados, com algumas observações:

*E1: Estar preparado é estar aberto para qualquer diferença / dificuldade / experiência que aparecer. Eu estava aberta para receber essas coisas, então me senti preparada.*

*E2: O suficiente, mas poderia estar mais.*

*E7: Eu já tinha ido de intercâmbio antes da UFMG então já sabia um pouco como era a experiência de intercâmbio.*

*E8: Muito mais do que esperava.*

*E11: Embora tenha aprendido muito mais do que poderia esperar.*

*E14: Em termos sim. Na faculdade me senti super bem preparada, achava as aulas tranquilas e não senti muitas dificuldades com meu espanhol, inclusive na maioria das vezes era elogiada pelos professores e por meus colegas quanto a isso. O que acho que me faltou foi mais preparo psicológico, fui para o intercâmbio em um momento não tão favorável, pois estava passando por muitos problemas pessoais que acredito eu terem influenciado de forma negativa na minha experiência.*

*E17: Sim, acadêmica e pessoalmente.*

Dos 17 entrevistados apesar de todos se sentirem preparados a fala do E14 chama a atenção para o processo de seleção para participação nos editais de mobilidade. As instituições se preocupam com detalhes operacionais e burocráticos, os estudantes é que vão atrás dos editais e se candidatam à vaga, se preencherem os pré-requisitos e passarem nos exames de proficiência estão aprovados. Às vezes os professores e /ou os coordenadores dos cursos nem sabem quem está se candidatando ao intercâmbio, para onde os alunos vão, quando irão, o processo todo é feito através da Diretoria de Relações Internacionais, então não tem preparo emocional e psicológico.

Quando perguntados se tiveram alguma dificuldade durante sua experiência internacional 13 alunos responderam que sim e 4 alunos responderam que não.

As dificuldades apontadas pelos alunos foram:

*E2: Conflitos culturais, dificuldade em estar longe de parentes e amigos.*

*E4: Tive problemas com aluguel de um quarto nos últimos meses, questões burocráticas.*

*E7: Tive dificuldade com a forma de avaliação*

*E8: Lidar com a distância.*

*E10: No primeiro mês tive grande dificuldade de “enturramento” com as turmas que frequentava. Após conhecer uma brasileira que estava morando e estudando em Faro, cidade onde se localiza a universidade, fui me enturmando. No final, já interagia com todos e fiz grandes amizades.*

*E11: Desorganização das orientadoras de minha Universidade no Brasil e da Universidade anfitriã. A falta de comunicação entre elas e também comigo me causou transtornos financeiros e acadêmicos.*

*E14: Minhas dificuldades foram me adaptar a cultura da Colômbia, achava o país extremamente machista e homofóbico. Tive dificuldades em fazer amigos na UNAB, pois me sentia deslocada em relação aos estudantes e ao modo de vida deles. Senti um*

*pouco de incomodo com a família que me recebeu. Mas foram problemas que com o tempo fui solucionando, botando as ideias em ordem, me adaptando as possibilidades que eu possuía.*

*E15: No primeiro momento foi difícil escolher as matérias que melhor se integrariam com o currículo cursado no Brasil, porém recebi assistência tanto da orientadora no Brasil como dos Professores na Instituição.*

*E16: Principalmente dificuldades financeiras por não haver bolsas disponíveis para a área na época.*

*E17: A principal dificuldade que tive foi de adaptação à dinâmica e às condições da faculdade onde estudei, a começar pelos professores, a maioria búlgaros, que não raras vezes tinham relevante dificuldade de expressão na língua inglesa; houve, também, uma disciplina a qual eu deveria cursar, Hotel Software, era inacessível para mim, uma vez que o sistema utilizado para as aulas só funcionava em búlgaro. A disposição dos horários da faculdade também eram um problema, já que eram comuns inconsistências nos horários das disciplinas para as quais eu me matriculei, fazendo com que algumas delas coincidisse umas com as outras, forçando-me a escolher qual atender e qual perder em alguns dias. Além disso, estava previsto que eu fizesse um estágio curricular durante o intercâmbio, com o apoio da faculdade para encontrá-lo e durante sua realização. Esse apoio não foi dado em nenhum momento pela IUC; foi por esforço próprio que encontrei meu estágio e em nenhum momento durante sua realização fui auxiliado pela escola.*

Um aluno que não teve dificuldades também fez suas considerações:

*E1: É claro que existem diferenças culturais que interferem na forma de ensinar e de aprender, mas não enxergo isso como dificuldade, mas sim como parte do processo.*

Apesar de na pergunta anterior todos se dizerem preparados para a experiência internacional, 13 estudantes tiveram alguma dificuldade durante seu intercâmbio. A maioria das dificuldades foi burocrática e foram resolvidas sem maiores consequências, mas algumas questões apontadas são relacionadas à preparação emocional, que merece atenção, pois se trata de adolescentes que nunca ficaram tanto tempo longe da família e principalmente eu outro país com cultura e hábitos distintos.

Os alunos do CEFET-MG tiveram maior acompanhamento da coordenadora do curso e da secretária de Relações Internacionais da instituição por se tratar de programas pilotos e suas dificuldades também burocráticas foram resolvidas.

Perguntados se estão trabalhando no momento, quatro entrevistados responderam que não e 13 responderam que sim. Dos 13 entrevistados que estão trabalhando 10 responderam que estão na área de turismo. São elas:

*E2: Agência de Viagens de Luxo*

*E3: Secretaria de Estado de Turismo de MG*

*E4: Secretaria de Estado de Turismo - Minas Gerais*

*E5: SESC de Minas Gerais na gerência de turismo*

*E6: Faço estágio no setor de eventos do CREA-Minas*

*E7: Agência de intercâmbio*

*E8: Pousada*

*E9: Agência de Intercâmbio*

*E10: Sou auxiliar de reservas no hotel Promenade Golden Flat*

*E12: Promotora de Eventos*

Estas respostas indicam que apesar do curso da UFMG ter foco no planejamento territorial à maioria dos estudantes entrevistados estão empregados em empresas turísticas dos setores de hospedagem, agências de viagens e empresas de eventos, dois entrevistados estão em órgão público.

Quando perguntados se estão dando continuidade aos seus estudos as respostas foram: 7 alunos ainda estavam cursando a graduação em turismo na UFMG no período da pesquisa, 2 já concluíram especialização em Gestão Cultural, 1 está fazendo especialização e 1 está cursando mestrado. Os dois ex-alunos do técnico do CEFET-MG estão fazendo graduação (ela fazendo dois cursos: Ciências Econômicas e Relações Internacionais e ele cursando Direito).

As entrevistas juntos aos discentes retrataram um pouco do currículo da UFMG que é o mesmo desde sua criação em 2002, criado dentro do Departamento de Geografia os conteúdos básicos são ligados às disciplinas de Geografia e História, não ofertam disciplinas específicas da área como Agenciamento, Eventos, Hotelaria, dentre outras como disciplinas obrigatórias, são oferecidas de forma optativa o que levou a maioria dos entrevistados a buscarem na experiência internacional cursar disciplinas específicas do turismo.

Sem dúvida a experiência internacional proporcionou a todos os estudantes a possibilidade de vivenciar a teoria aprendida em sala do funcionamento do sistema turístico e

toda sua complexidade, segundo falas de diversos autores como Boullón, Lashley, Bacal e diversos outros citados no referencial, além de sua imprevisibilidade demonstrada por Barreto no modelo rizomático, mesmo que haja um bom planejamento nunca se sabe como os turistas, no caso, os estudantes, vão reagirem à sociedade que os hospeda.

Os currículos de turismo nas diversas universidades estrangeiras ofertam uma quantidade enorme de disciplinas técnicas específicas da área, mas o enfoque nem sempre é o mesmo, a carga horária que cada curso dispõe para cada disciplina vai refletir os objetivos de formação das instituições.

No currículo da Faculdade de Girona percebemos uma quantidade muito grande de matérias específicas, muito mais técnicas, para formação de profissional mais operacional, para trabalhar em empresas turísticas. Uma aluna da UFMG chamou a atenção para a formação brasileira que prepara profissionais mais críticos, mais questionadores, o enfoque tem muito mais carga teórica.

A intenção não é analisar currículos, mas sim verificar se os currículos estão preparando os alunos para o exercício profissional de uma atividade cada vez mais internacionalizada. Os currículos refletem a flexibilidade que as instituições têm para estruturar os conteúdos, cumprindo às exigências de disciplinas básicas, conteúdo específico e conteúdos teórico-práticos, mas como já disse Santos (2007):

*Não é que as teorias do turismo concebidas pela nossa cultura sejam enganosas, mas devem ser lidas à luz da função que desempenham na experiência. A análise da experiência turística não pode ser garantida por um método universalizador capaz de apreender a sua totalidade. Essa é a imensa vontade de poder inscrita em todos os corpus disciplinares e o melhor indicador da sua fraqueza, conquanto cobrem uma natureza heteróclita e fragmentada da experiência. (p. 40).*

As experiências de intercâmbio discente retratam apenas uma das possibilidades da internacionalização nas instituições e demonstram que para os participantes é inquestionável o valor percebido como crescimento pessoal, amadurecimento, aprendizado, mas não foi percebido retorno para a instituição de ensino brasileira.

Como deixou muito claro a secretária de Relação Internacionais do CEFET-MG e a fala do professor Boër da UdG o intercâmbio de alunos não dá retorno para a instituição, nem financeiro, nem acadêmico, ele abre relações bilaterais com outras instituições e outras possibilidades de cooperação, criação de redes, desenvolvimento de projetos de pesquisas, favorece a construção e socialização do conhecimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como ponto de partida a intenção de analisar a internacionalização do ensino superior nos cursos de Turismo das Instituições Federais de Belo Horizonte e a trajetória que levou ao seu desenvolvimento se constituiu em uma tarefa gratificante.

A educação em turismo além da atenção para a formação do profissional que vai atuar em um mercado que vive em constante mudança, deve se atentar para formação de cidadãos cada vez mais globais. Muito já foi pesquisado sobre formação profissional, mas nada ainda tinha sido pensado na internacionalização do ensino de turismo.

No esforço de compreensão dessa temática tão nova para a educação em turismo o trabalho foi constituído em observações empíricas, bibliográficas e pesquisa qualitativa.

Através de dados coletados e pela revisão bibliográfica constata-se a importância da atividade turística tanto no Brasil como no mundo, principalmente pelo viés econômico e fator gerador de emprego e renda, sendo responsável por importante parcela do PIB mundial.

Evidenciou-se a importância do turismo para as relações internacionais entre países e percebemos que o turismo é responsável por uma parcela significativa da balança comercial, além da geração de um fluxo de turistas emissivos e receptivos. Dessa forma é relevante pensar na formação profissional que as instituições de ensino em turismo estão produzindo para um mercado também cada vez mais internacionalizado.

A investigação se propôs a esclarecer questões que mostrassem limites e possibilidades de afirmação dos cursos de turismo na esfera da internacionalização do ensino e para isso foram escolhidas duas instituições federais de Belo Horizonte para estudo, não tendo pretensão de generalizar nenhuma questão em cima dos casos estudados, mas sim de colocar luz num tema emergente e importante.

Foi percebido através de leituras sobre o tema que a internacionalização do ensino superior tem surgido muitas vezes como estratégias governamentais direcionadas a ampliar o capital humano de seus respectivos países, face às exigências de um mercado global cada vez mais competitivo e auxiliado pela disseminação do conhecimento. Também existe a procura de novos mercados por parte de instituições universitárias dos países desenvolvidos, visando reforçar sua reputação e constituir fontes alternativas de receitas.

Para contribuir com o entendimento da internacionalização do ensino em turismo buscou-se um caso consolidado de internacionalização que foi a Faculdade de Girona para compor uma análise de referência.

Nessa perspectiva foi-se buscando responder algumas perguntas que pudessem auxiliar na construção da tese e respondessem ao problema de pesquisa.

A suposição inicial de que a internacionalização da educação superior pode ser uma estratégia acadêmica utilizada pelas universidades para projeção dos cursos de Turismo se tornou válida. Verificou-se no caso de referência que a internacionalização projeta o curso de turismo para fora dos muros da cidade, da província da Catalunha e muito além da Espanha, mas que a internacionalização é um processo que inclui várias características onde a mobilidade discente é apenas um componente.

Quanto ao perfil dos profissionais formados pelas instituições a análise se formou através das informações extraídas das estruturas curriculares onde as instituições de ensino superior no Brasil possuem, de acordo com a LDB, flexibilidade para montar seus cursos e diante de diversas habilidades e competências expressas em seus conteúdos geram-se dificuldades com relação ao entendimento e reconhecimento da real função do bacharel por parte do mercado ou até mesmo pela comunidade acadêmica.

Pela organização curricular do curso técnico de Turismo e Lazer do CEFET-MG estar muito generalista e com conteúdos muito próximos da estrutura de um bacharelado, ele também foi reestruturado de forma a atender mais especificamente um segmento do setor, nesse caso o de Hospedagem.

De toda forma os cursos atendem aos seus objetivos primários, focados em um mercado local. O curso da UFMG demonstra que objetiva formar profissionais aptos para lidar com o planejamento territorial e desta forma não foi percebida característica de formação de um profissional para o mercado internacionalizado.

A internacionalização acontece na UFMG por política da instituição, mas não foi percebido o envolvimento dos docentes para procura de parcerias e criação de redes como o modelo de referência. Foi percebido que os interesses partem dos discentes pela oportunidade de vivência cultural, experiência internacional, mas não vínculo com uma linha de pesquisa.

No curso técnico em turismo do CEFET-MG que participou de um projeto piloto verificou-se que é possível internacionalizar os cursos técnicos, tanto que no ano de 2015 já

foram estabelecidas novas parcerias e lançado um edital para envio de alunos em 2016, este edital não contempla o curso técnico em Hospedagem, mas abriu portas para a internacionalização no grau técnico. Agora é hora da coordenação de Turismo sentar com a Secretaria de Relações Internacionais e estabelecer os objetivos que se pretende alcançar com a internacionalização e buscar novas parcerias, fortalecimento e ajustes com as instituições do projeto piloto.

A internacionalização se mostra como um diferencial para atração de alunos, desde que saia das diretrizes dos planos de desenvolvimento institucional das universidades e os setores responsáveis dialoguem com os departamentos para alinharem os interesses de estabelecimentos de parcerias.

O processo de internacionalização do ensino já está implantado nas missões das instituições, já se consolida em vários cursos de diversas áreas do conhecimento, nos cursos de turismo ainda é um tema novo, mas os cursos também são novos no mercado brasileiro e ainda buscam sua consolidação frente ao meio acadêmico, ao *trade* turístico e órgãos públicos.

O mercado turístico é muito diversificado e complexo, os cursos com formação técnica em turismo preparam os profissionais para atuar em agências de viagens, nos meios de hospedagem, nas transportadoras turísticas, em empresas de eventos, de lazer, consultoria, dentre outras e os cursos de bacharelado também preparam o profissional para esses mesmos mercados, porém almejam níveis diferentes de atuação dentro das empresas.

O que se espera para um mercado globalizado é que esses profissionais estejam preparados para trabalhar em empresas internacionalizadas, estejam aptos a receber turistas internacionais, desenvolvam mais pesquisas e projetos para auxiliar a melhoria da atividade.

Percebeu-se no decorrer da pesquisa que as instituições estão preparadas administrativamente para atender essa demanda, mas academicamente, os cursos de turismo parecem que não se envolveram, seja pela estrutura curricular ofertada, pela pouca oferta de línguas no curso, por não ofertarem disciplinas em outros idiomas, dentre tantas outras opções.

A internacionalização das instituições de ensino não vai garantir a qualidade do ensino, mas pode servir de vitrine para conquista de novas parcerias de pesquisa, compartilhamento de conhecimento, mobilidade docente e discente.

Ficou muito claro que a internacionalização para dar visibilidade para as instituições e produzir pesquisas acontece no nível da pós-graduação, a graduação pode servir para estabelecimento inicial de cooperação institucional, mas a projeção vem através dos cursos de pós-graduação.

O ensino e a pesquisa em um processo de internacionalização traz capacitação para os alunos, mas principalmente é fonte de desenvolvimento de conhecimento, podendo contribuir para a criação de uma imagem de prestígio entre seus pares.

Dessa forma atingimos o objetivo geral de analisar a internacionalização do ensino superior nos cursos de turismo das Universidades Federais de Belo Horizonte no Estado de Minas Gerais.

Por fim, as considerações aqui apresentadas não apontam nenhum fim definitivo para as questões analisadas, por ser uma pesquisa exploratória não podemos generalizar seus dados, mas demonstram uma reflexão sobre um tema relevante para a educação em turismo que pretende formar profissionais críticos, competitivos e qualificados tecnicamente para atuarem em um mercado globalizado e a internacionalização do ensino pode cumprir esse papel. Pelo exposto, recomendamos futuros estudos para aprofundar o tema voltado à educação superior em Turismo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACEVEDO MARIN, Rosa Elizabeth; BRASIL, Walterlina. *Internacionalização da Educação Superior no Brasil: relatório final / e.* – Belém: Associação de Universidades Amazônicas – UNAMAZ, 2004. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001399/139900por.pdf>

AIREY, David. Crescimento e desenvolvimento. In: AIREY, David; TRIBE, John. *Educação Internacional em Turismo*. São Paulo: Editora Senac, 2008, p. 31–46.

ALBUQUERQUE, Fernanda de Alencar Machado. *Trajetória histórica dos cursos superiores de turismo em Belo Horizonte (1974-2012): entre o determinismo do mercado e a crise da formação profissional*. 2013. 187p. Tese (doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

ALTBACH, Philip G.; KNIGHT, Jane. *The Internationalization of Higher Education: Motivations and Realities*. Journal of Studies in International Education, Vol. 11 No. 3/4, Fall/Winter, 2007, p.290-305.

AMORIM, Clezio Gontijo. Modelo sistêmico de formação e capacitação de recursos humanos no turismo como estratégia de mercado e fator competitivo. In: REJOWSKI, Mirian; COSTA, Benny Kramer (orgs). *Turismo contemporâneo: desenvolvimento, estratégia e gestão*. – São Paulo: Atlas, 2003, p.173-189.

ANDRÉ, M.E.D.A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papyrus, 1996.

ANSARAH, Marília; REJOWSKI, Miriam. Panorama do Ensino em Turismo no Brasil: Graduação e Pós-Graduação. In: *Revista Turismo em Análise*. São Paulo: Ed. ECA-USP, 1996, p.36-61.

ANSARAH, Marília. *Formação e Capacitação do Profissional em Turismo e Hotelaria: Reflexos e cadastros das instituições educacionais do Brasil*. São Paulo: Aleph, 2002.

BACAL, Sarah. *Lazer e o universo dos possíveis*. - São Paulo: Aleph, 2003.

BARBOSA, Alexandre de Freitas. *O mundo globalizado – Política, sociedade e economia*. São Paulo: Contexto, 2003.

BARBOSA, Andyara Lima. Relações organizacionais para o desenvolvimento regional do turismo. In: BENI, Mario Carlos (org.). *Turismo: planejamento estratégico e capacidade de gestão – desenvolvimento regional, rede de produção e clusters*. – Barueri, SP: Manole, 2012, p. 131-155.

BARRETTO, Margarita. *O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 15-29, outubro de 2003.

BARRETTO, Margarita. *Cultura e turismo: Discussões contemporâneas*. 2ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

BENI, Mário Carlos. *Análise estrutural do turismo*. 6ª ed. – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001.

BENI, Mário Carlos. *Globalização do Turismo*. São Paulo: Ed. Aleph, 3ª edição, 2011.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação Qualitativa em Educação – Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Portugal, 1994.

BOULLÓN, Roberto C. *Planejamento do espaço turístico*. Bauru – SP – Edusc, 2002.

BRASIL. *Decreto-Lei nº 5.773, de 9 de maio de 2006*. Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/decreton57731.pdf>. Acesso em 16 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. *Educação superior: reforma, mudança e internacionalização*. Anais. Brasília: UNESCO Brasil, SESU, 2003.

\_\_\_\_\_. *Lei Darcy Ribeiro (1996). Lei de diretrizes e bases da educação*. – 6. ed. – Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2010. 94p.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. *Catálogo Nacional de Cursos Técnicos – CNTC*. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Brasília, 2012. Disponível em [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=11394-catalogo-nacional-versao2012-pdf&category\\_slug=agosto-2012-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11394-catalogo-nacional-versao2012-pdf&category_slug=agosto-2012-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 09 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. *Sinopse estatística do ensino superior: 2013*. Brasília: INEP, 2013. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/censo-da-educacao-superior/resumos-tecnicos>. Acesso em: 09 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. *Resolução n. 13, de 24 de novembro de 2006*. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Turismo e dá outras providências. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces13\\_06.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces13_06.pdf) Acesso em: 16 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. Ministério do Trabalho e Emprego. *Classificação Brasileira de Ocupações: CBO - 2010 - 3a ed.* Brasília: MTE, SPPE, 2010a, v.1 828 p.

BUARQUE, Cristovam. A universidade na encruzilhada. In *Educação superior: reforma, mudança e internacionalização*. Anais. – Brasília: UNESCO Brasil, SESU, 2003. 208p. (p.21-74).

BURATTO, Marlene; TOMELIN, Carlos Alberto; HOSTINS, Regina Célia Linhares. Reflexões sobre a interdisciplinaridade no ensino do turismo. In: RUSCHMANN, Doris Van

de Meene; TOMELIN, Carlos Alberto (orgs). *Turismo, ensino e práticas interdisciplinares*. Barueri, SP: Manole, 2013. Cap. 3, p. 145-160.

CAMARGO, Arlete; MAUÉS, Olgaíses. As mudanças no mundo do trabalho e a formação de profissionais da educação no contexto da LDB: o currículo em questão. In: BITTAR, Mariluce; OLIVEIRA, João Ferreira de; MOROSINI, Marília Costa (orgs). *Educação Superior no Brasil: 10 anos pós-LDB*. Brasília: INEP, 2008.

CANTO, Isabel. A CAPES e a Cooperação Internacional. In *Universidade no Mercosul: condicionantes e desafios*. Marília Costa Morosini (organizadora). – São Paulo: Cortez; 1998.

CHAUÍ, Marilena. A universidade em ruínas. In: TRINDADE, H. (org.). *Universidade em ruínas na república dos professores*. Petrópolis-RJ: Vozes; Rio Grande do Sul: CIPEDS, 1999. p211-222.

COOPER, Chris. *Turismo, Princípios e Prática*. Chris Cooper, John Fletcher, Stephen Wanhill, David Gilbert e Rebecca Shepherd; trad. Roberto Cataldo Costa – 2ª ed. – Porto Alegre: Bookman, 2001.

COOPER, Chris; HALL, Michael; TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. *Turismo Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

COSTA, Carlos; UMBELINO, Jorge; AMORIM, Ericka. *A relação entre a formação superior em turismo e o planejamento turístico – o caso Português*. CULTUR- Revista de Cultura e Turismo. Ano 6 –n. 02, p.43-59, 2012. Disponível em: <http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo/ano6-edicao2/3.formacao-superior.pdf> Acesso em: 21 abril 2014.

COSTA, Stella Regina Reis da. Gestão Estratégica no Setor de Turismo. In: BARBOSA, Luiz Gustavo Medeiros; ZOUAIN, Deborah Moraes (orgs). *Gestão em turismo e hotelaria: experiências públicas e privadas*. São Paulo: Aleph, 2004, p. 149-159.

DEMO, Pedro. *Metodologia do conhecimento científico*. – São Paulo: Atlas, 2000.

DENKER, Ada de Freitas Maneti. *Métodos e técnicas de pesquisa em turismo*. São Paulo: Futura, 2000.

DENKER, Ada de Freitas Maneti. *Planejamento e Gestão em Turismo e Hospitalidade*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

DIAS, Roberta Abalen. *As transformações dos serviços de intermediação no setor de turismo: o caso das agências de viagens de Belo Horizonte*. 2006. 83p. Dissertação (Mestrado em Turismo e Meio Ambiente) – Centro Universitário UNA, Belo Horizonte, 2006.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. Vinte e cinco anos de reforma universitária: um balanço. In: *Universidade no MERCOSUL: condicionantes e desafios*. MOROSINI, Marília Costa (org). -2.ed. – São Paulo: Cortez, 1998.

FRANÇA, Júnia Lessa. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. – 6ª ed. Ver. E ampl. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

FRONZAGLIA, Maurício Loboda. *O processo de Bolonha: um estudo de caso de política pública internacional (1999-2010)*. In: Ideias – Rev. Inst. Filos. Ciênc. Hum. UNICAMP, v.6, n.2, p. 59-100 jul/dez. 2015.

FUSTER, Luis Fernández. *Introducción a la teoría y técnica del turismo*. Madrid, Alianza Editorial, 1985.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1991.

GOELDNER, Charles R.; RITCHIE, J. R. Brent; MCINTOSH, Robert W. *Turismo: princípios, práticas e filosofias*. Tradução Roberto Cataldo Costa. 8ª ed. - Porto Alegre: Bookman, 2002.

JAFARI, J. . *El turismo como disciplina científica*. Política y Sociedad, Norteamérica, 42, sep. 2005. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/index.php/POSO/article/view/POSO0505130039A>>. Acesso em: 09 jul. 2015.

HABERMAS, Jurgen. *A Ideia da Universidade: Processos de Aprendizagem*. R. bras. Est. pedag., Brasília, v.74, jan./abr. 1993, p. 111-130.

KELLER, Peter. Uma nova maneira de ver o turismo global. In: TRIGO, Luiz Gonzaga Godói (editor). *Análises regionais e globais do turismo brasileiro*. São Paulo: Roca, 2005, p. 3-17.

LASHLEY, Conrad. Para um entendimento teórico. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison (orgs.). *Em busca da hospitalidade: perspectivas, para um mundo globalizado*. Barueri, SP: Manole, 2004.

LEAL, Sérgio; PADILHA, Maria Auxiliadora. Brasil e América Latina. In: AIREY, David; TRIBE, John. *Educação Internacional em Turismo*. São Paulo: Editora Senac, 2008, p. 175–186.

LOHMANN, Guilherme; PANOSSO NETTO, Alexandre. *Teoria do turismo: conceitos, modelos e sistemas*. São Paulo: Aleph, 2008.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos da metodologia científica*. – 5ª ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

MATHIESON, Allister; WALL, Geoffrey. *Turismo: repercusiones económicas, físicas y sociales*. México: Trillas, 1990.

MARTÍNEZ, Alfonso de Jesús Jiménez. Aproximação à conceituação do turismo a partir da teoria geral de sistemas. In: TRIGO, Luiz Gonzaga Godói (editor). *Análises regionais e globais do turismo brasileiro*. São Paulo: Roca, 2005, p. 109-147.

MARTINS, Carlos Benedito. *O ensino superior brasileiro nos anos 90 – São Paulo em Perspectiva*, 14(1) 2000.

MATIAS, Marlene. Panorama da Formação Profissional em Turismo e Suas Relações com o Mercado de Trabalho no Brasil. In: TRIGO, Luiz G. Godoi (editor); NETTO, Alexandre Panosso; CARVALHO, Mariana A.; PIRES, Paulo dos Santos. *Análises Regionais e Globais do Turismo Brasileiro*. São Paulo: Roca, 2005, p. 181-197.

MENDES, Júlio; CAMPOS, Ana Cláudia. *Educação superior em turismo para o século XXI: o caso da universidade do Algarve*. ABET, JUIZ DE FORA, V.4, N.2, P. 72 - 77, maio/ago. 2014.

MIURA, Irene Kazumi. *O processo de internacionalização da Universidade de São Paulo: um estudo de três áreas do conhecimento*. Tese apresentada à Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto (FEA-RP) da Universidade de São Paulo (USP) para obtenção de título de Professor Livre Docente. Ribeirão Preto, 2006.

MOESCH, Marutschka Martini. *A produção do saber turístico*. 2 ed. – São Paulo: Contexto, 2002.

MOESCH, Marutschka. Dimensão Social. In: BENI, Mario Carlos (org.). *Turismo: planejamento estratégico e capacidade de gestão – desenvolvimento regional, rede de produção e clusters*. – Barueri, SP: Manole, 2012, p. 203-218.

MOROSINI, Marília Costa. Universidade e Integração no Mercosul: condicionantes e desafios. In *Universidade no Mercosul: condicionantes e desafios*. Marília Costa Morosini (organizadora). – São Paulo: Cortez; 1998.

MOROSINI, Marília Costa. *Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior – Conceitos e práticas*. - Curitiba, PR. Editora UFPR, n. 28, p. 107-124, 2006.

MUCKENBERGER, Everson. *Processo de internacionalização do ensino superior: um estudo de casos múltiplos em um sistema de ensino superior confessional internacional*. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto – USP. Ribeirão Preto, 2014, 623p.

NEVES, Clarissa Eckert Baeta. A estrutura e o funcionamento do ensino superior no Brasil. In: SOARES, Maria Susana Arrosa (org). *A Educação Superior no Brasil - Brasília: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior*, 2002. p.43-106.

OLIVEIRA, Josildete Pereira de. Paisagem, turismo e educação. In: RUSCHMANN, Doris Van de Meene; TOMELIN, Carlos Alberto (orgs). *Turismo, ensino e práticas interdisciplinares*. Barueri, SP: Manole, 2013. Cap. 3, p. 191-200.

OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales; BAPTISTELLA, Anadel Aparecida; FERRÃO, Ramon Augusto (orgs). *Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI: política institucional: 2011-2015 / Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG*. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2012 – 119p.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO. *Turismo Internacional – Uma perspectiva global*. Trad. Roberto Cataldo Costa. – Porto Alegre: Bookman, 2003.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO. *El turismo internacional mantendrá un crecimiento fuerte en 2013*. Jan. 2013. Disponível em <<http://media.unwto.org/es/press-release/2013-01-29/el-turismo-internacional-mantendra-un-crecimiento-fuerte-en-2013>>. Acesso em: 12 fev. 2013.

PANOSSO NETTO, Alexandre. *Filosofia do turismo: teoria e epistemologia*. – São Paulo: Aleph, 2005.

PANOSSO NETTO, Alexandre; PIERI, Vitor Stuart Gabriel. *O lugar do turismo no sistema internacional*. 1. ed. São Paulo: CENEGRI, 2013.

PANOSSO NETTO, Alexandre. *Turismo, educação e atualidades*. Disponível em: <http://www.panosso.pro.br/2016/01/5-doutorados-e-12-mestrados-em-turismo.html> Acesso em 29 jan 2016.

PEARCE, Douglas G. *The Internationalization of Tourism Research*. Journal of Travel Research, 2014, Vol. 53(3) 267– 280. Disponível em <http://jtr.sagepub.com/> Acesso em 13 may 2015.

PETROCCHI, Mario. *Gestão de pólos turísticos*. São Paulo: Futura, 2001.

PIMENTA, Maria Alzira. *Gestão de pessoas em turismo: comunicação, qualidade e sustentabilidade*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2013.

PINHEIRO, Mirian Teresinha. Valorização do Patrimônio Histórico-Cultural: Uma Perspectiva Sustentável Para o Desenvolvimento Turístico. RUSCHMANN, Doris van de Meene; TOMELIN, Carlos Alberto (orgs). In: *Turismo, ensino e práticas interdisciplinares*. Barueri, SP: Manole, 2013.

PORTO, C.; RÉGNIER, K. *O ensino superior no mundo e no Brasil: condicionantes, tendências e cenários para o horizonte 2003-2025: uma abordagem exploratória*. Brasília, DF, dez. 2003. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/ensinosuperiormundobrasiltendenciascenarios2003-2025.pdf>> Acesso em : 18 abr, 2014.

RAMOS, Silvana Pirillo. *Hospitalidade e migrações internacionais: o bem receber e o ser bem recebido*. São Paulo: Aleph, 2003.

REJOWSKI, Mirian. *Turismo e pesquisa científica: pensamento internacional X situação brasileira*. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

REJOWSKI, Mirian. *Turismo no percurso do tempo*. – São Paulo: Aleph, 2002.

REJOWSKI, Mirian; CARNEIRO, Janaina Britto. Formação e capacitação de recursos humanos em turismo: ações inovadoras e estratégias. In: REJOWSKI, Mirian; COSTA, Benny Kramer (orgs). *Turismo contemporâneo: desenvolvimento, estratégia e gestão*. – São Paulo: Atlas, 2003, p.190-206.

REJOWSKI, Mirian. A pesquisa em turismo e hotelaria: cenário nacional. In: RUSCHMANN, Doris van de Meene; TOMELIN, Carlos Alberto (orgs). *Turismo, ensino e práticas interdisciplinares*. Barueri, SP: Manole, 2013, p.173-189.

SANFELICE, José Luis. Pós-modernidade, globalização e educação. In *Globalização, pós-modernidade e educação: história, filosofia e temas transversais*. José Claudinei Lombardi (org.). 2. Ed. rev. e ampl. – Campinas, SP: Autores Associados: Histedbr; Caçador, SC: UnC, 2003.

SANGPIKUL, Aswin. *Internationalization of Hospitality and Tourism Higher Education: A Perspective from Thailand*. Journal of Teaching in Travel & Tourism. Bangkok, Thailand, 2009. Disponível em <http://www.tandfonline.com/loi/wttt20>. Acesso em 13 may 2015.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. A nova missão da universidade: a inclusão social. In *Educação superior: reforma, mudança e internacionalização*. Anais. – Brasília: UNESCO Brasil, SESU, 2003. 208p. (p83-91)

SANTOS, Figueiredo. *Turismo mosaico de sonhos: incursões sociológicas pela cultura turística*. Algarve, Portugal: Edições Colibri, 2 ed., 2007.

SILVA, Jorge Paiva da; OURIQUE, Maiane Liana Hatschbach. *A expansão da educação superior no Brasil: um estudo do caso Cesnors*. R. bras. Est. pedag., Brasília, v. 93, n. 233, p. 215-230, jan./abr. 2012.

STALLIVIERI, Luciane. *Estratégias de internacionalização das universidades brasileiras*. Caxias do Sul: Educs, 2004.

SWARBROOKE, J. *Turismo sustentável: turismo cultural, ecoturismo e ética*. Vol. 5, São Paulo: Aleph, 2000.

TOMELIN, Carlos Alberto; RUSCHMANN, Doris van de Meene. A formação, a carreira e o bacharel em turismo. In: RUSCHMANN, Doris van de Meene; TOMELIN, Carlos Alberto (orgs). *Turismo, ensino e práticas interdisciplinares*. Barueri, SP: Manole, 2013.

TRIBE, John. Turismo, conhecimento e currículo, In: AIREY, David; TRIBE, John. *Educação Internacional em Turismo*. São Paulo: Editora Senac, 2008, p. 77-94.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. *A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo*. Campinas, SP: Papirus, 1998.

VILALTA, Luis Antônio. *A internacionalização do ensino superior brasileiro: conceito e características do processo em instituições privadas de ensino superior*. Tese de doutorado em Educação. PUC-SP, 2012.

WORLD TRAVEL & TOURISM COUNCIL. *Travel & Tourism Economic Impact 2012 Brazil*. Disponível em <[http://wttc.org/site\\_media/uploads/downloads/brazil2012.pdf](http://wttc.org/site_media/uploads/downloads/brazil2012.pdf)>. Acesso em: 13 mar. 2013.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Trad. Daniel Grassi – 2.ed. – Porto Alegre: Bookmann, 2001.

## APÊNDICE

### **Roteiro de entrevista estruturada aplicada aos discentes dos cursos de turismo das instituições federais de ensino de Belo Horizonte**

Data:

Sexo: ( ) feminino ( ) masculino

Idade:

Ano de conclusão do curso em Turismo ou previsão de conclusão:

Você participou de qual programa de mobilidade estudantil / intercâmbio? Foi para qual país?

Qual o nome da faculdade e curso?

Qual foi o período do seu intercâmbio?

Qual foi sua principal motivação para participar desse programa de intercâmbio?

Qual foi o critério para escolha do programa / instituição?

Descreva as principais atividades desenvolvidas no intercâmbio:

Quais foram as contribuições do intercâmbio para a continuidade do curso no Brasil?

Quais habilidades / competências foram necessárias para o bom aproveitamento do intercâmbio?

Você se sentiu preparado para a experiência internacional?

Você teve alguma dificuldade durante sua experiência internacional?

Você está trabalhando? ( ) sim ( ) não

Caso tenha respondido sim na pergunta acima e seu emprego seja na área de turismo informe qual o tipo de empresa:

Você no momento está dando continuidade aos seus estudos?

( ) graduação \_\_\_\_\_

( ) especialização \_\_\_\_\_

( ) mestrado \_\_\_\_\_